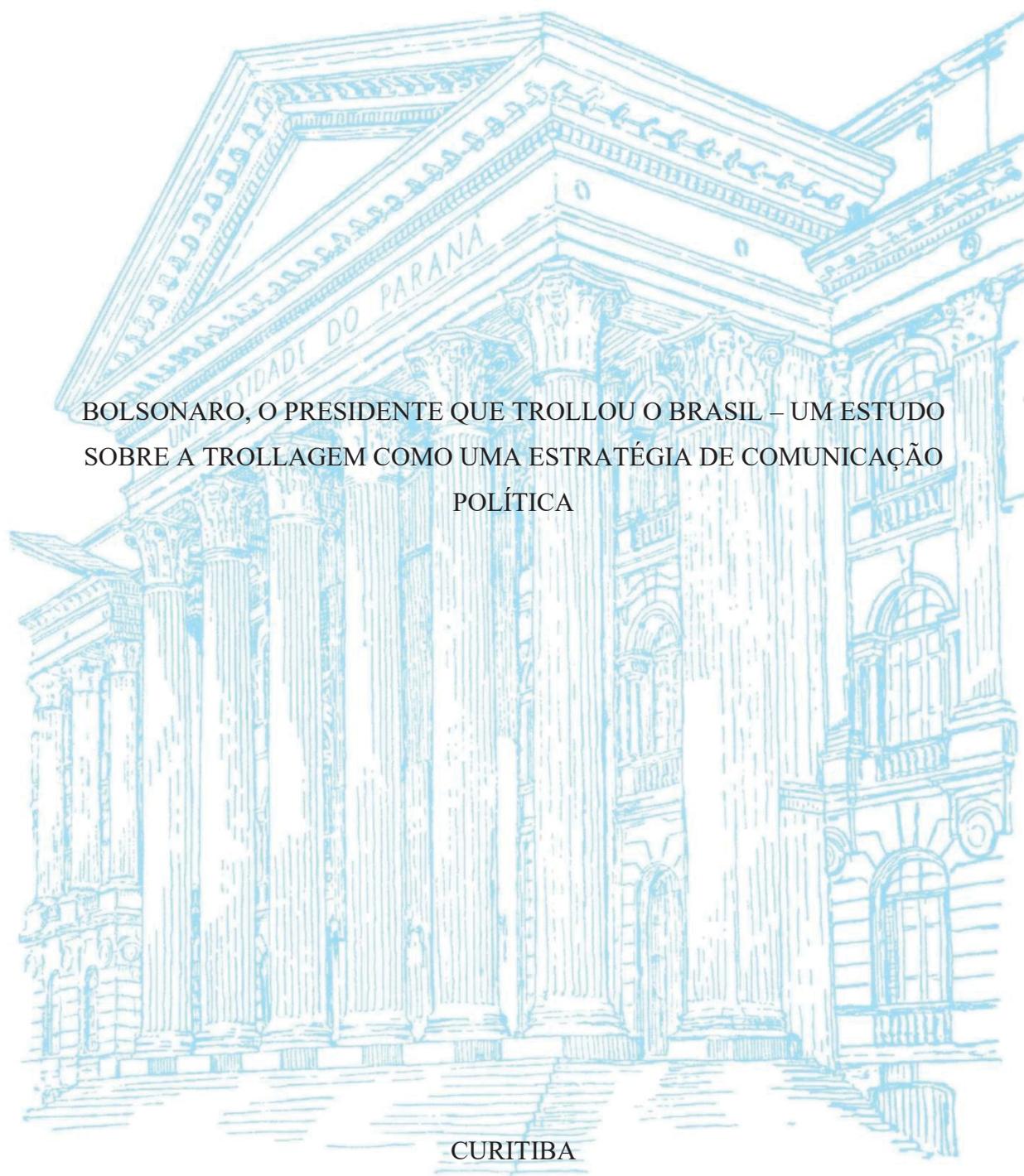


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIEL KEI NAMISE

BOLSONARO, O PRESIDENTE QUE TROLLOU O BRASIL – UM ESTUDO
SOBRE A TROLLAGEM COMO UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO
POLÍTICA



CURITIBA

2023

DANIEL KEI NAMISE

BOLSONARO, O PRESIDENTE QUE TROLLOU O BRASIL – UM ESTUDO
SOBRE A TROLLAGEM COMO UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO
POLÍTICA

Dissertação apresentada ao curso de PósGraduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Carla Rizzotto

CURITIBA

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO 40001016071P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DANIEL KEI NAMISE** intitulada:

BOLSONARO, O PRESIDENTE QUE TROLLOU O BRASIL: UM ESTUDO SOBRE A TROLLAGEM COMO UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA, sob orientação da Profa. Dra. CARLA CANDIDA RIZZOTTO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

24/02/2023 21:46:08.0

CARLA CANDIDA RIZZOTTO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

24/02/2023 16:33:39.0

VIKTOR HENRIQUE CARNEIRO DE SOUZA CHAGAS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

Assinatura Eletrônica

24/02/2023 16:43:46.0

MAURÍCIO AUGUSTO PIMENTEL LIESEN NASCIMENTO

Avaliador Interno (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO/UFPR)

Rua Bom Jesus, 650 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80035-010 - Tel: (41) 3313-2063 - E-mail:

ppgcom@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015. Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 258607

AGRADECIMENTOS

Assim como no meu TCC, dedico estes agradecimentos a um grupo seletivo de pessoas. Primeiramente, à minha orientadora Carla Rizzotto, que sem sua ajuda, apoio e conselhos, esse trabalho nunca teria tido a mesma qualidade. Ela acreditou no meu potencial e me incentivou a fazer o meu melhor. Também preciso agradecer ao professor Maurício Liesen, que durante a graduação afirmou que eu tinha capacidade para entrar no mestrado. E ele estava certo, mesmo eu constantemente duvidando de mim mesmo. Agradeço também à professora Kelly Prudência e a todos os meus colegas do Compa.

Pensei em fazer como no TCC e produzir uma dedicatória com algum meme de Naruto, mas não achei nenhum atemporal o suficiente. Então, o que eu poderia escrever nesse espaço que ficará imortalizado nos acervos da UFPR? Poderia manter parte dos agradecimentos originais e dedicar esse espaço para enviar uma mensagem ao meu futuro eu que, num sábado entediado, provavelmente relerá este trabalho e irá pensar: "Nossa, como pude ter sido aprovado com um troço desses", mas o que dizer a essa versão de mim mesmo?

A resposta é: porque você é inteligente e deveria se dar mais valor. E nós merecemos férias. Cara, você está desde o final de 2019 sem tirar um mês de férias, você merece, a gente merece, tira um descanso. Nosso psicólogo agradece. Vai viajar, curta a vida, chama a/o @ e tenha um date. Se nosso visto e passaporte estiverem em dia, vai para fora, compra umas tranqueiras, gasta todo seu inglês. Caso nenhum documento estiver valendo, vai desbravar esse Brasil, pega um daqueles voos em horários ingratos, mas que saem em conta e só vai. Deixa a fatura do cartão ser um problema para o Dan do futuro, o seu futuro, não o meu, porque o meu se resume a sobreviver aos próximos quatro anos do doutorado.

Caso você já tenha feito tudo isso e só está em casa porque sabemos que provavelmente você está com preguiça de sair, então está tudo bem. Liga o Playstation, coloca aquele jogo que você ainda não terminou e relaxa. Obviamente, você está pensando: "Por que diabos eu escrevi um agradecimento assim?" E a resposta é simples, lembra daquele texto que você pensou durante uma das várias viagens para Curitiba, e achava que seria perfeito, onde você citava o professor José Carlos Fernandes, e como o mestrado e o doutorado na verdade faziam parte de um plano super elaborado para continuar fazendo bullying com ele por ele sempre chegar atrasado no Decom? Bom, eu o esqueci. Desculpa, na próxima vez que tiver uma ideia, anote no celular..

Bolsonaro parece um bobo da corte

Luiz Inácio Lula da Silva

RESUMO

Desde 2015, quando Bolsonaro iniciou seu projeto para concorrer ao cargo de presidente da República, ele adotou um estilo de comunicação típico de um troll da internet, o que lhe garantiu a visibilidade necessária para construir uma sólida base eleitoral. O problema é que, mesmo após sua vitória nas eleições de 2018, Bolsonaro manteve esse comportamento, tornando a trollagem parte do discurso oficial de seu governo. A partir disso, esta dissertação de mestrado questiona como as trollagens de Bolsonaro se configuram enquanto estratégia de comunicação política governamental, buscando compreender como as trollagens foram utilizadas para promover as ideias de Bolsonaro, se relacionar com o eleitorado e garantir governabilidade. Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, optou-se pelo método sóciocognitivo desenvolvido por Van Dijk, que é uma ferramenta capaz de explorar de que modo a linguagem, seja ela escrita ou falada, reproduz relações de dominação independentes de sua natureza. Foram analisadas um total de 22 trollagens de Bolsonaro, que revelaram que esse tipo de discurso tenta reafirmar uma posição de dominação social e cultural que foi posta em xeque pelas principais conquistas do campo progressista, ao mesmo tempo que tem potencial para influenciar as ações de grupos dominados e referendar crenças de apoiadores de Bolsonaro. Uma das formas com que isso ocorre é através do uso de estereótipos negativos para criar uma polarização entre o "Nós" e o "Eles". Há uma tentativa de construção de uma imagem social pejorativa de determinados grupos, que são representados como socialmente indesejáveis ou como inimigos a serem combatidos. As trollagens de Bolsonaro servem de guia para as expectativas morais de diversos grupos sociais e ajudam a construir retoricamente as estruturas de dominação em que a sociedade contemporânea brasileira está imersa.

Palavras-chave: Comunicação política; Bolsonaro; Humor; Trollagem.

ABSTRACT

Since 2015, when Bolsonaro began his project to run for the presidency of the Republic, he adopted an internet troll-like communication style, which guaranteed him the necessary visibility to build a solid electoral base. The problem is that even after his victory in the 2018 elections, Bolsonaro maintained this behavior, making trolling part of the official discourse of his government. From this, this master's thesis questions how Bolsonaro's trolling is configured as a government political communication strategy, seeking to understand how trolling was used to promote Bolsonaro's ideas, relate to the electorate, and ensure governability. To achieve the objectives proposed in this research, the socio-cognitive method developed by Van Dijk was chosen, which is a tool capable of exploring how language, whether written or spoken, reproduces relationships of domination independent of their nature. A total of 22 of Bolsonaro's trollings were analyzed, revealing that this type of discourse attempts to reaffirm a position of social and cultural domination that was questioned by the main achievements of the progressive field, while also having the potential to influence the actions of dominated groups and endorse beliefs of Bolsonaro's supporters. One of the ways this occurs is through the use of negative stereotypes to polarize between "Us" versus "Them." There is an attempt to construct a pejorative social image of certain groups, who are represented as socially undesirable or as enemies to be fought. Bolsonaro's trollings serve as a guide to the moral expectations of various social groups and help rhetorically construct the structures of domination in which contemporary Brazilian society is immersed.

Keywords: Political communication; Bolsonaro; Humor; Trolling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pedobear, um meme criado pelos usuários do 4chan.	86
-------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trollagens de Bolsonaro. Fonte: Elaboração própria.	87
Tabela 2 - Esquematização da análise do discurso. Fonte: Elaboração própria.	89
Tabela 3 - <i>Trollagens racistas.</i> Fonte: <i>Elaboração própria.</i>	98
Tabela 4 - Trollagens sobre virilidade. Fonte: Elaboração própria.....	123
Tabela 5 - Trollagens negacionistas. Fonte: Elaboração própria.	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. TROLLS: QUEM SÃO, ONDE VIVEM, O QUE COMEM?.....	21
1.1. Ambivalência.....	27
1.2. Estética do espetáculo.....	34
1.3. Transgressão.....	40
2. HUMOR E TROLLAGEM.....	49
2.1. As teorias do riso.....	51
2.1.1. Teoria da superioridade.....	51
2.1.2. Teoria do alívio.....	53
2.2. Por que os trolls riem?.....	56
3. COMO SE ANALISA UMA TROLLAGEM?.....	67
3.1. O método sociocognitivo de Van Dijk.....	70
3.1.1. Cognition.....	70
3.1.2. Sociedade.....	72
3.1.3. Discurso.....	74
3.1.4. Contexto.....	77
3.2. Construindo uma metodologia própria.....	78
3.2.1. Corpus.....	79
3.2.2. Análise discursiva.....	84
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: O ESTILO TROLL DE BOLSONARO SE COMUNICAR POLITICAMENTE.....	87
4.1. Contexto local.....	87
4.2. Racismo.....	89
4.2.1. Estruturas textuais e sentidos produzidos.....	90
4.2.2. Medidas políticas efetivas.....	93
4.3. Virilidade.....	94

4.3.2.	Estruturas textuais e sentidos produzidos	97
4.3.3.	Medidas políticas efetivas	102
4.4.	Pandemia	104
4.4.1.	Estruturas textuais e sentidos produzidos	106
4.4.2.	Medidas políticas efetivas	109
4.5.	Como as trollagens de Bolsonaro se configuram enquanto uma estratégia de comunicação política?	112
5.	CONCLUSÃO	118
6.	REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

Era abril de 2017. Uma multidão lotava um dos auditórios do Clube Hebraica da capital carioca. Eles se divertiam com as falas do palestrante e o ovacionavam constantemente. Talvez quem passasse pelos corredores próximos àquele grande salão achasse que se tratava de um show de *stand-up comedy*, porém o que ocorria dentro daquelas paredes não era nada engraçado. Convidado pelo presidente da Hebraica-Rio, um deputado federal e pré-candidato à Presidência realizava uma palestra para um público de cerca de 300 pessoas¹. Diante desse público, ele afirmou que havia visitado recentemente um quilombola e que o negro mais leve lá pesava sete arrobas (aproximadamente 150 quilos). Em sua fala, ele também sugeriu que os habitantes do local seriam preguiçosos e não serviam para nada. Em vez de indignação, os espectadores riam de cada impropério do futuro presidente da República. Dificilmente se encontrará alguém que não goste de dar risada, mas por que uma fala como essa causa o riso?

Desde a Antiguidade, pensadores das mais diversas áreas buscam entender as razões que nos fazem rir. "Quando se trata do tópico do humor, há uma tentação em se celebrar a capacidade humana de rir e fazer piadas" (BILLIG, 2001, p. 269), por isso Moreira (2020) avalia que muitas pessoas acreditam que o humor² possui uma natureza benigna, e piadas que apresentam conteúdo racista, misógino, homofóbico etc., não teriam o mesmo impacto psicológico e social que uma mensagem de ódio. Nos estudos críticos sobre o humor, essa visão positiva se mantém. Autores como Minois (2013) e Bennett (1979) já relataram em seus trabalhos que o humor e o riso podem ser importantes ferramentas a favor dos oprimidos, mas essa visão positiva fez com que se ignorasse os seus efeitos negativos do humor quando ele é utilizado por movimentos reacionários (CHAGAS, 2020a).

A compreensão de que o humor e a brincadeira podem servir não apenas para reforçar estereótipos de dominação cultural, mas também para a disseminação de um estado de pânico moral (KUIPERS, 2006) é basilar para o reconhecimento de que as elites também brincam. Embora possa parecer um

1 Em estudo realizado por Gherman e Klein (2020), a dupla de pesquisadores aponta que o público da palestra de Bolsonaro na Hebraica-Rio era composto por judeus membros da associação que se identificavam com as ideias da chamada "nova direita" brasileira.

2 Do ponto de vista semântico, há uma ligação entre os termos riso e humor. Nesse sentido, o humor "expressa antes de tudo uma capacidade de fazer e perceber graça" (CAPELOTTI, 2022, p. 22), de modo que o objetivo do humor é fazer as pessoas rirem. As conexões entre humor e as teorias do riso serão exploradas mais profundamente futuramente neste trabalho.

lugar-comum, esta perspectiva foi historicamente negligenciada pelo debate acadêmico em torno do conceito de brincadeira política. (ibidem, p. 7)

Como Viveiros (2014) aponta, a geração atual de humoristas, como Rafinha Bastos e Danilo Gentili, utiliza a justificativa de que suas falas que zombam de deficientes físicos, mentais, vítimas de estupro, entre outras, são apenas expressões do chamado humor politicamente incorreto, e por isso elas deveriam ser vistas como meras piadas, não necessariamente como confirmação de uma posição preconceituosa. Adotando uma justificativa semelhante, Bolsonaro afirmou que sua fala sobre quilombolas não passou de uma piada ou brincadeira que foi mal compreendida⁵. Mas o episódio da Hebraica do Rio de Janeiro não foi um caso isolado no histórico do político. Pelo contrário, sua fala sobre negros fazia parte de uma série de declarações que estamparam as manchetes dos jornais ao longo de sua carreira⁶.

Devido à sua capacidade de provocar as mais diversas reações nos mais variados segmentos da sociedade, Bolsonaro era visto como uma atração que rendia bons números de audiência. Por isso, desde 2010, passou a frequentar os mais diversos programas humorísticos e de variedades⁷ da TV brasileira. Aos poucos, sua passagem por tais shows "fornecia insumo histórico para a constituição de um imaginário em torno do candidato" (CHAGAS, 2021, p. 176-177). Muitos o viam como um político folclórico que não deveria ser levado a sério (OYAMA, 2020), mas isso não o impediu de anunciar, ainda em 2015, sua intenção de ser candidato à Presidência. No entanto, os números não estavam ao seu favor. Em pesquisas realizadas em 2015 sobre a intenção de voto espontânea para as eleições presidenciais de 2018, menos de 1% da população brasileira o considerava como uma opção para o cargo mais alto da República⁸. Então, como um deputado do baixo clero da Câmara dos Deputados⁹ conseguiria alcançar um objetivo que, na época, parecia impossível?

5 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-50-mil-por-ofensa-a-quilombolas/>

6 Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/jair-bolsonaro-tem-historia-na-030000105.html>

7 Para efeito de comparação, enquanto outros parlamentares como Marcos Feliciano e Jean Wyllys participaram cerca de 10 vezes desses tipos de programas entre 2010 e 2018, Bolsonaro, por sua vez, foi convidado 33 vezes. Esses dados foram retirados de um artigo produzido pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio/>

8 Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/10/27/interna_politica,504072/aecio-lidera-intencao-de-voto-espontanea-seguido-por-lula-e-marina.shtml

9 Expressão usada para definir grupo de deputados com pouco poder de influência nas decisões da Câmara dos Deputados.

Bolsonaro precisava expandir sua visibilidade e, conseqüentemente, seu eleitorado, tarefa difícil para um político com baixa relevância nos debates políticos que guiavam os destinos do Brasil. Uma das soluções adotadas por Bolsonaro foi a prática da campanha permanente¹⁰ em suas redes sociais (SOUZA, 2019). Através de publicações que misturavam humor e discurso de ódio, Bolsonaro atacava adversários, defendia posições classificadas como de extrema-direita e criava para si a imagem de “mito”. Com isso, ele conseguiu gerar as mais diversas reações nos usuários¹¹ e, conseqüentemente, ocupou cada vez mais espaço no noticiário brasileiro¹².

Donald Trump foi outra figura que, a partir de um estilo discursivo similar, conseguiu captar a atenção da mídia, o que contribuiu para sua vitória nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 (EMPOLI, 2020). Em decorrência da capacidade de chocar e irritar as pessoas com declarações que beiram o discurso de ódio e um humor de extremo mau gosto, políticos como Trump e Bolsonaro têm sido classificados como trolls (NADER, 2018; NUNES, 2020; PETERS, 2020; PHILLIPS; BEYER; COLEMAN, 2017). Os trolls aos quais este trabalho se refere não são as criaturas do folclore escandinavo, mas sim um tipo específico de membros das comunidades digitais que buscam chatear, tirar sarro ou zombar de algo ou alguém. Seus atos são chamados de trollagens¹³ que, grosso modo, podem ser classificadas como um tipo de mensagem disruptiva, ou seja, que atrapalha de algum modo o processo comunicativo (COLEMAN, 2012).

A temática troll tem ganhado espaço nas pesquisas da ciência política e comunicação devido à adoção desse tipo de comportamento por setores reacionários da sociedade, que utilizam a trollagem como recurso retórico para atacar seus opositores e grupos específicos (CHAGAS, 2020a; PETERS, 2020; ROMANO, 2017). Entretanto,

10 O conceito de campanha permanente pode ser definido como o “desenvolvimento de ações eleitorais em períodos de mandato (não eleitorais) por parte dos representantes políticos, a fim de manter uma imagem positiva perante o público e, assim, viabilizar futuros sucessos eleitorais” (SOUZA, 2019, p.3)

11 Um exemplo disso é um levantamento realizado pelo Instituto Zeeng, realizado entre 23 de setembro a 23 de outubro de 2017, no qual foram contabilizadas 3,2 milhões de reações na página oficial de Bolsonaro no Facebook. As publicações do político ocuparam o topo das listas de reações que variavam entre o "curtir" e carinhas que expressam amor, felicidade e tristeza, ao mesmo tempo que suas postagens tinham um dos maiores percentuais de cliques na figura que indica raiva. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1938138-bolsonaro-liderainfluencia-nas-redes-sociais-aponta-pesquisa.shtml>

12 Como Hermida (2012) lembra, as redes sociais se tornaram capazes de pautar os veículos noticiosos, uma vez que os jornalistas as usam para buscar sugestões de pautas e tendências.

13 Tradução da gíria em inglês *trolling*.

como Empoli (2020) avalia, os trolls políticos podem se organizar em torno da figura de um líder com o qual eles se identificam ideologicamente. Isso fica evidente na pesquisa conduzida por Flores-Saviaga e seus colegas (2018), que mostrou como os trolls pró-Trump planejaram suas ações de acordo com os tópicos abordados pelo ex-presidente americano durante sua campanha eleitoral de 2016.

Algumas análises sobre o uso da trollagem como estratégia comunicacional por Bolsonaro apontam que ela contribuiu para um ganho de visibilidade (NADER, 2018; NUNES, 2020; PETERS, 2020). Por exemplo, na eleição presidencial de 2018, Bolsonaro possuía somente 8 segundos no horário eleitoral veiculado na rádio e na televisão¹⁴. Por mais que ele possuísse o menor tempo de propaganda entre todos os candidatos, foi o que teve maior exposição nas mídias tradicionais¹⁵ (BARBOSA DINIZ; ARAÚJO MENDES, 2020), e parte disso se deve às suas trollagens. Assim como as de Trump, elas atraíram a atenção dos jornalistas, que reagiam indignados e repercutiam suas controvérsias (EMPOLI, 2020).

É pertinente notar que Bolsonaro reconheceu a eficácia dessa estratégia. Em entrevista ao programa *The Noite*, em 20 de abril de 2017, ele afirmou ao apresentador Danilo Gentili que o fato de os jornais repercutirem tanto suas falas era porque ele “dava matéria” por seu discurso ser “polêmico”¹⁶. Bolsonaro não limitou suas trollagens somente ao período eleitoral, durante seus quatro anos como presidente do Brasil, manteve esse estilo comunicacional para interagir com seus seguidores, atacar desafetos políticos e abordar assuntos de interesse público.

14 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-tera-8-segundos-de-tempo-de-tv-alcckmin-5-minutos/>

15 É preciso fazer algumas observações sobre o trabalho produzido por Barbosa Diniz e Araújo Mendes (2020). A pesquisa produzida é de caráter quantitativo, não explorando os vieses editoriais que alguns veículos noticiosos possuem e como esse fator pode ter contribuído para uma cobertura maior ou menor, e mais ou menos favorável em relação a um candidato e outro. É preciso também apontar que a facada que Bolsonaro sofreu durante a campanha eleitoral é outro fator que favoreceu uma maior exposição midiática durante o primeiro turno. No entanto, os dados coletados sobre o período referente ao segundo turno apontam que Bolsonaro teve uma maior exposição midiática que Fernando Haddad, sendo que os pesquisadores não apresentam uma justificativa para tal fato. Por isso, é plausível supor que a manutenção da estratégia comunicacional troll de Bolsonaro tenha influenciado de alguma forma essa maior evidência nas principais mídias.

16 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o8ECr0eDEGo&>

A partir do que foi exposto até esse momento, a problemática de pesquisa se configura na seguinte questão: Como as trollagens de Bolsonaro se configuram enquanto uma estratégia de comunicação política governamental?

Uma estratégia representa um conjunto de ações planejadas que visam o mesmo fim (BETHLEM, 1981). Por sua vez, como Panke e Pimental (2018) apontam, o conceito de comunicação política apresenta uma ligação com o do marketing político. Logo, pode-se entender que o principal objetivo da comunicação política é “tornar a agenda pública favorável ao cumprimento de objetivos de determinado sujeito político” (PANKE; PIMENTEL, 2018, p.81). Para isso, é preciso tornar pública as ideias e as propostas tanto do governo quanto dos políticos, através da adaptação e planejamento de discursos que busquem persuadir o público (BRANDÃO, 2009), uma vez que isso reflete diretamente no poder que o político e o grupo que ele representa possuem (FIGUEIREDO et al., 1997).

Inicialmente, é possível afirmar que a trollagem é uma estratégia que gera visibilidade, mas seus efeitos vão além disso. Estudos sobre o uso da trollagem por movimentos e políticos de extrema direita demonstram que esse recurso também serve para promover ideias antidemocráticas e contribuir para a construção de um imaginário em torno de determinadas figuras (DECOOK, 2020; ECKSTRAND, 2018; EMPOLI, 2020; OTT, 2017). Além disso, autores como Meyer (2000) já evidenciaram que o uso do humor por políticos pode ser benéfico para seus projetos de poder.

Com base nessa discussão inicial, o objetivo deste trabalho é compreender como a trollagem de Bolsonaro é utilizada para promover suas ideias, se relacionar com seus eleitores e garantir governabilidade. Para isso, é necessário cumprir alguns requisitos que se traduzem nos seguintes objetivos específicos:

- a) Discorrer sobre o que é a trollagem em si;
- b) Avaliar como o elemento do humor se manifesta na trollagem;
- c) Averiguar quais características a trollagem adquire quando utilizada no meio político;
- d) Identificar possíveis mensagens ideológicas presentes nas trollagens de Bolsonaro.
- e) Apurar como as trollagens dialogam com as ações do governo Bolsonaro.

É inegável que, para produzir um estudo sobre a trollagem como estratégia política de comunicação, é necessário discutir a definição e as características da trollagem. Por isso, o primeiro capítulo deste trabalho é voltado para a revisão teórica sobre o tema. Iniciar a dissertação por esse tópico é importante, pois Hardaker (2010) já esclareceu a necessidade de uma definição teórica mais precisa sobre o tema da trollagem. Embora Coleman (2012) e Phillips (2015) tenham descrito a trollagem como uma ação disruptiva da comunicação online, o uso excessivo do termo nos últimos anos tornou-a uma categoria excessivamente abrangente e imprecisa¹⁷.

“trolling” como uma abrangente e variada categoria comportamental é imprecisa e, em termos de classificação, totalmente inútil. Além disso, (a trollagem) se apresenta como uma brincadeira ou ao menos uma ação performativa (“Eu não sou realmente racista, eu só finjo ser um na internet”), o termo também tende a minimizar os efeitos negativos dos piores tipos de comportamentos online. (PHILLIPS e MILNER, 2017, p. 7-8, tradução do autor)¹⁸.

A necessidade de se discorrer sobre o que é a trollagem torna-se mais evidente quando se analisa o mapeamento dessa temática realizado por Atanasov, Morales e Nakov (2019) em relação aos trabalhos produzidos na área da comunicação política. Esse grupo de pesquisadores aponta uma quantidade significativa de artigos que analisam a atividade de grupos trolls e que definem a trollagem como uma série de fenômenos distintos entre si, o que corrobora a afirmação de Phillips e Milner (2017) sobre o entendimento do que se pode classificar como trollagem.

Mesmo assim, a literatura sobre a subcultura troll aponta quatro características fundamentais da trollagem que podem ajudar em uma definição teórica mais precisa. A primeira seria a questão da trollagem ser uma mensagem **ambivalente**, ou seja, impossível de se saber ao certo como ela deve ser interpretada (PHILLIPS e MILNER, 2017). A segunda diz respeito à trollagem ser um ato de **transgressão** (NAGLE, 2017). A terceira característica é a **estética do espetáculo** que esse tipo de ação adota

17 Não é de se estranhar que a trollagem acaba sendo confundida com práticas como o cyberbullying, que devem ser vistos como ações distintas entre si, como Dineva e Breitsohl (2021) argumentam. O cyberbullying remete a uma relação muito mais complexa e pré-existente entre aquele que comete esse tipo de ação e sua vítima.

18 No original: *As illustrated by the above examples, “trolling” as a behavioral catch-all is imprecise and, in terms of classification, ultimately unhelpful. Further, as it often posits a playful or at least performative intent (“I’m not a real racist, I just play one on the internet”), the term also tends to minimize the negative effects of the worst kinds of online behaviors.*

(COLEMAN, 2012). A última é referente ao fato de que a trollagem possui componentes **humorísticos** que a levam a ser considerada como um tipo de piada virtual (PHILLIPS, 2015).

A questão do humor não é simples. Entre esses quatro aspectos que definem a trollagem, talvez ele seja o mais complexo de se elaborar. Por isso, o segundo capítulo será dedicado ao aprofundamento dessa questão, principalmente porque Andrew Anglin, um dos mais proeminentes membros da extrema direita americana e criador do site *The Daily Stormer*¹⁹, já explicou a importância do humor para o compartilhamento de mensagens ideológicas. Ele afirma que o humor combinado com vulgaridade tende a confundir as pessoas, pois elas passam a não saber mais distinguir o que é ironia do que é sério, e isso diverge a atenção para discussões que não atrapalhem o compartilhamento das mensagens de ódio (ROMANO, 2017).

De acordo com Phillips (2019), o humor questionável presente na trollagem produz a chamada risada desumanizadora ou excludente, que, segundo Chagas (2020a, p.8), "orienta expectativas morais e contribui para construir retoricamente as estruturas de dominação em que a sociedade contemporânea está imersa". Tais afirmações estão em consonância com o trabalho de Moreira (2020), que sustenta que o humor hostil ou depreciativo pode ser usado para reafirmar uma estrutura social hierárquica que prejudica certos grupos minoritários. Portanto, é necessário investigar as conexões entre o humor, a trollagem e as relações de poder e dominação²⁰.

Outro aspecto importante a ser estudado sobre a trollagem é como essas quatro características se manifestam quando a trollagem é utilizada na política. Phillips, Beyer e Coleman (2017) afirmam que a subcultura troll está em constante evolução e, à medida que a trollagem é empregada em novos contextos, ela adquire suas próprias nuances. Embora não seja possível afirmar que a trollagem presente em comunidades de jogos seja

19 O site *The Daily Stormer* é um blog dedicado a propagar ideologias de ódio como antissemitismo e supremacia branca e só pode ser acessado utilizando o navegador Tor, uma vez que o Google e o GoDaddy negaram o registro do domínio do site. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/the-tor-project-is-disgusted-by-the-daily-stormer-but-cant-censor-it-2017-8>

20 Os termos poder e dominação são empregados nos sentidos atribuídos a eles por Van Dijk (2008). Para esse autor, a relação entre diferentes grupos sociais gera um tipo de poder de um sobre o outro, então, para manter sua posição de superioridade, um grupo buscaria dominar o outro através de vários mecanismos, entre eles, o discurso ideológico. Esses conceitos serão explorados mais detalhadamente no segundo capítulo.

a mesma vista na política, essas pesquisadoras afirmam que as mesmas características fundamentais permeiam todas as ações disruptivas. Portanto, é fundamental analisar como essas quatro características se manifestam no campo da política.

Mas por que estudar a trollagem praticada por políticos? É inegável que a temática da trollagem tem ganhado espaço nas pesquisas acadêmicas, mas a maioria dos estudos com esse enfoque analisam o comportamento de grupos de trolls que se organizam em torno de uma ideologia, figura política ou governo (ECKSTRAND, 2018; FLORES-SAVIAGA, 2018; DECOOK, 2020). O número de pesquisas que se concentram em políticos que utilizam a trollagem para benefício próprio ainda é incipiente. Devido a essa lacuna na literatura sobre o tema, surge a necessidade de realizar um estudo empírico que identifique e analise os elementos presentes nas falas dessas figuras políticas.

E como deve-se analisar uma trollagem? Embora não exista uma técnica específica para estudar trollagens, Avelar (2021) e Nascimento (2021), dois autores que buscaram estudar a retórica troll bolsonarista, utilizaram como método para suas pesquisas a análise do discurso e conseguiram evidenciar os elementos comunicativos mascarados pelo humor e possíveis conexões das piadas com questões políticas e sociais. Paralelamente, Billing (2001) e Weaver (2011), em seus trabalhos sobre o humor derogatório de cunho racista, alcançaram resultados similares utilizando também a mesma técnica.

Como a Análise do Discurso compreende um amplo e heterogêneo conjunto de técnicas (GONÇALVES, 2016), é preciso escolher um método entre tantos para servir de base para a metodologia de análise que se pretende empregar neste trabalho. Optou-se pela teoria sociocognitiva desenvolvida por Van Dijk (2018). Este autor compreende que os aspectos sociocognitivos são “modelos mentais pessoais e representações mentais socialmente compartilhadas” (STEFFENS, 2015, p. 8), ou seja, são estruturas subjetivas e sociais que temos sobre determinados eventos, grupos, pessoas, que ajudam na interpretação de uma mensagem. Como DeCook (2020) aponta, a incerteza cognitiva gerada pela trollagem é uma das responsáveis pelo sucesso dela como estratégia comunicacional. Em vista disso, o modelo de Van Dijk pode ajudar a superar essa incerteza cognitiva e indicar quais são as interpretações mais adequadas para a mensagem de Bolsonaro e as produções ideológicas e sociais presentes em seus discursos.

A preferência por trabalhar com o quadro metodológico desse autor se deve também à importância de seus trabalhos sobre a relação do discurso e poder. A trollagem

apresenta um tipo de humor semelhante ao identificado por Moreira (2020) nos casos do racismo recreativo, em que esse elemento é utilizado para a “reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais” (MOREIRA, 2020, p. 148). Com isso em vista, a base teórica de Van Dijk (2018) se torna pertinente, uma vez que suas obras exploram de que modo a linguagem seria capaz de reproduzir relações de abuso de poder entre distintos grupos sociais.

É pertinente apontar que o trabalho de Eckstrand (2018) indica que as trollagens produzidas por membros da alt-right americana trabalham com a polarização ideológica, onde ocorre a representação positiva do “Nós” em contraste com a criação de um estereótipo negativo do “Eles”. Isso dialoga também com os estudos de Van Dijk sobre as relações entre discurso e poder, pois esse autor afirma que essa polarização é um dos princípios organizadores globais do discurso que envolve algum tipo de abuso de poder (VAN DIJK, 2018).

Evidentemente, o método sociocognitivo de Van Dijk não foi elaborado para a análise de discursos humorísticos ou para trollagens, por isso é necessário adaptá-lo para essa tarefa. Logo, será necessário recorrer a apontamentos teóricos e metodológicos de autores que serão referenciados ao longo deste trabalho. As questões metodológicas serão mais bem exploradas no terceiro capítulo desta dissertação de mestrado. Nessa parte, também serão explicados os parâmetros escolhidos para realizar o recorte do corpus de análise das trollagens de Bolsonaro que serão estudadas. Após realizar a análise discursiva, será possível prosseguir para a conclusão dessa dissertação, onde serão discutidos os resultados obtidos. A partir desta construção, torna-se possível compreender quais são os efeitos das trollagens de Bolsonaro e como ela se configura enquanto estratégia política comunicacional.

1. TROLLS: QUEM SÃO, ONDE VIVEM, O QUE COMEM?

Este primeiro capítulo se inicia com uma pergunta simples: o que é trollagem? Segundo Fuller, McCrea e Wilson (2013), uma das definições que tem maior aceitação na subcultura troll e nos estudos sobre a internet é a presente no Urban Dictionary, que define trollagem como:

A arte de irritar as pessoas de forma deliberada, inteligente e secreta, geralmente pela internet, usando o diálogo. Trollar não significa apenas fazer comentários grosseiros: Gritar palavrões para alguém não conta como

trollagem; é apenas *flaming*, e não é engraçado. O spam também não é uma trollagem; isso irrita as pessoas, mas é chato.

Embora essa definição seja a mais aceita entre as comunidades trolls, ela é imprecisa do ponto de vista teórico, pois não apresenta uma explicação clara sobre o que pode ser considerado ou não uma trollagem. Isso se torna um problema ao se propor um estudo sobre a trollagem política, pois é necessário ter uma definição concreta sobre o que é trollagem. Por isso, este primeiro capítulo busca fazer uma revisão sobre essa temática e apontar características primordiais de todos os tipos de trollagem. O ponto de partida para essa discussão é explorar as origens da subcultura troll e, conseqüentemente, deste termo.

Então, quando se fala em trolls, qual é a primeira coisa que vem à mente? Talvez seja a imagem dos seres místicos pertencentes ao folclore escandinavo, e não é de se estranhar se essa for a resposta. Tais criaturas estão presentes nas mais diversas obras da cultura popular moderna (LINDOW, 2014), como, por exemplo, nas franquias de videogames, como World of Warcraft, ou em animações infantis, como Frozen. Mas a imagem de um ser com membros desproporcionais e um rosto com expressões marcantes e exageradas não é a única resposta. A palavra troll também é usada para se referir a um tipo específico de usuário das comunidades virtuais, aqueles que buscam causar discussões e confusão com comentários ambíguos e provocativos (PHILLIPS, 2015).

Embora seja comum acreditar que os trolls e a trollagem (*trolling* no original) sejam uma referência às criaturas do folclore escandinavo, uma vez que tais usuários apresentam um comportamento similar aos seres mágicos, que tendem a ser retratados como criaturas anti-sociais que atrapalham a vida daqueles que cruzam seu caminho²¹, há outra explicação para a adoção desses termos.

21 No estudo de Lindow (2014) sobre como os trolls têm sido caracterizados ao longo dos séculos, o pesquisador aponta que essas criaturas fantásticas são apresentadas de formas diferentes a depender da época da obra. Em dados momentos, os trolls são inimigos dos humanos, em outro, eles são aliados, vide produções recentes da indústria cinematográfica. Uma explicação para os trolls da internet serem descritos como usuários que apresentam um comportamento antissocial, briguento e que dificultam o convívio online repousa nos trabalhos do folclorista Ronald M. James (2014). De acordo com esse autor, a imagem do troll como ser com conotações negativas se popularizou no imaginário das pessoas com a publicação do conto “Três Cabritos Rudes”, presente no livro “Norske Folkeeventyr” (Folclore Nórdico), em 1841, escrito por Christen Asbjørnsen (1812-1885) e Jørgen Engebretsen Moe (1813-1882). Nessa história, o troll é o vilão e é descrito como um ser hediondo, malévolo, antissocial e que busca atrapalhar a vida dos personagens que cruzam seu caminho (JAMES, 2014), o que corresponde com a descrição dos *trolls* de internet.

Nos fóruns da Usenet, os trolls utilizavam a expressão "trolling for suckers", que em português poderia ser traduzida como "lançando a isca para trouxas" (ZAGO, 2012, p. 152), para indicar quando um usuário havia sido enganado por outro. Na pesca esportiva, "trolling" é uma técnica que consiste em lançar uma isca artificial (uma isca que simula a forma de um pequeno peixe) enquanto o barco está em movimento. As ações do pescador combinadas com o deslocamento do veículo fazem com que a isca artificial pareça de fato um pequeno peixe vivo. Conseqüentemente, alguns predadores aquáticos podem ver a isca como uma presa e acabar sendo fígados. A ideia por trás do "trolling" que ocorria na Usenet é semelhante à da técnica de pesca. A isca artificial seria algum comentário que buscava insultar, irritar ou perturbar os demais membros da comunidade online. Alguns usuários não percebiam que tais mensagens eram provocações que não deveriam ser levadas a sério e acabavam caindo na armadilha, dando início a discussões acaloradas, as "flaming wars" (ZAGO, 2012).

Os trolls da internet não possuem uma história secular como os da mitologia escandinava, porém estão presentes desde o nascimento da rede de computadores. Como Phillips (2015) aponta, os trolls já eram numerosos em meados da década de 1990, povoando os mais diversos fóruns da Usenet. Desde essa época, a presença de tais usuários nas comunidades online era vista com uma preocupação genuína pelos primeiros estudiosos dessa temática (PHILLIPS, 2015). Donath (1999) produziu um dos trabalhos seminais sobre trolls e entendia que, por utilizarem mensagens de teor dúbio, podendo ser verdadeiro ou falso aquilo que foi dito, isso levaria a um sério problema de confiança entre os membros dos newsgroups, o que impediria que se formassem verdadeiras comunidades virtuais.

Dahlberg (2001) faz um argumento semelhante e complementa com a sugestão de que seria necessário identificar e expulsar o mais rápido possível os trolls das comunidades para garantir a convivência entre seus membros. É preciso notar que os primeiros trabalhos sobre trolls e trollagem estavam focados na questão da identidade dos usuários, por isso esse ato era visto como uma forma de mentira e enganação, e que envolvia, em alguns casos, uma falsa representação de pertencimento a determinados grupos sociais (FRAGOSO, 2015). No entanto, com a popularização da internet, ocorre uma inflexão no modo como os estudiosos abordam essa temática (PHILLIPS, 2015).

O surgimento dos primeiros fóruns gratuitos de imagens, sendo o principal deles o 4chan, levou a um crescimento do número de trolls de forma exponencial, de modo que

eles passaram a desenvolver um conjunto de práticas e normas que permitiu a classificação dos trolls como uma subcultura da internet.

Trolls têm transformado o que eram mais atos ocasionais e esporádicos, frequentemente focados em discussões virtuais chamadas de “*flaming*” ou “*flame wars*”, em um conjunto completo de normas culturais e práticas linguísticas. Esses códigos hoje estão tão bem estabelecidos e documentados que muitos podem seguir seus passos²². (COLEMAN, 2012, p. 109-100)

Phillips (2015) apresenta certa relutância em classificar trolls como uma “subcultura”, já que tal expressão carregaria a conotação de que eles formam uma única categoria coesa, porém o que se tem é o oposto. É preciso esclarecer que desde o surgimento do 4chan, existem um número incontável de subgrupos trolls que apresentam origens distintas e técnicas de trollagem diversificadas, e não é incomum esses subgrupos apresentarem animosidade entre si (COLEMAN, 2012). Não é à toa que ao longo dos anos, o termo foi aplicado para definir uma variedade de comportamentos nos mais diferentes contextos, o que levou a trollagem a se tornar uma categoria vaga e que engloba uma variedade de comportamentos prejudiciais (HARDAKER, 2010; PHILLIPS; BEYER; COLEMAN, 2017).

Mesmo assim, há um ponto em comum a todos os tipos de trollagem, a celebração do *lulz*. O *lulz* é um neologismo da internet, ele surge como uma deturpação de *lol*²³, de modo que essa gíria representa uma risada ou diversão gerada a partir do sofrimento dos outros (FRAGOSO, 2015). “Os trolls valorizam brincadeiras e ofensas pelo prazer que proporcionam²⁴” (COLEMAN, 2012, p. 112), por isso, “comportamentos que não geram e/ou celebram o *lulz* não se qualificam como trollagem, pelo menos não da perspectiva da subcultura troll²⁵” (PHILLIPS, 2015, p. 40-41).

22 No original: *Trolls have transformed what were occasional and sporadic acts, often focused on virtual arguments called flaming or flame wars, into a full-blown set of cultural norms and set of linguistic practices. These codes are now so well established and documented that many others can, and have, followed in their footsteps.*

23 Lol é uma gíria em inglês que surge como abreviação de *laugh out loud* ou de *lots of laughs*, cuja tradução se assemelha muito à expressão “rolando de rir”. Lol é utilizado para indicar que uma mensagem ou conteúdo compartilhado nas redes digitais é muito engraçado.

24 No original: *trolls value pranking and offensiveness for the pleasure it affords.*

25 No original: *behaviors that fail to generate and/or celebrate lulz do not qualify as trolling, at least not from the subcultural trolls’ perspective*

Um aspecto importante sobre o *lulz* é que ele não deve ser visto como a principal motivação por trás das ações dos trolls.

Além da diversão, esses trolls parecem ter outras motivações, como a busca de controle e empoderamento, que direciona o troll a atacar grupos mais frágeis, por exemplo, pessoas doentes. Já os trolls que se voltam para grupos estigmatizados (como homossexuais ou negros) são motivados por raiva e preconceito, por “ódio por pessoas que o troll considera diferentes ou ameaçadoras” (Herring e outros, 2002, p. 381). Outro tipo de raiva foi encontrado por Shachaf e Hara (2010), que estudaram trolls motivados também por vingança: “[...] ele [o troll] está furioso por causa do modo como foi tratado no passado” (entrevistado 6 in Shachaf and Hara, 2010, p. 9/13). (FRAGOSO, 2015, p. 139)

Como Phillips (2015) afirma, os trolls dão muito valor ao *lulz*, porém ele é visto como um prazer derivado dos resultados de suas ações, ou seja, se o objetivo dos trolls é irritar, para eles é ótimo se conseguirem, mas é melhor ainda se eles se divertirem fazendo isso. É certo que há uma dificuldade em determinar com certeza se houve a geração ou celebração de *lulz* em uma trollagem, uma vez que a distinção entre o que pode ser entendido como diversão ou ofensa depende de variáveis subjetivas que definirão que tipo de leitura se faz da ação do troll (FULLER; MCCREA; WILSON, 2013).

"Eu fiz pelo *lulz*" é o mantra dos trolls. Essa frase serve como desculpa, explicação e punchline para todas as trollagens (Phillips, 2015). Por mais que "lulz" represente esse riso degenerado, ele também revela características importantes sobre a cultura troll que contribuem para entender o que pode ser considerado ou não uma trollagem. A princípio, é preciso se questionar como os trolls alcançam esse estado de prazer com suas trollagens. Morrisey (2010) explica que os trolls atingem seu objetivo quando suas vítimas não identificam sua real intenção. Essa confusão é fruto de leituras errôneas da mensagem do troll, o que gera uma brecha para o troll enganar seus alvos.

A questão da intencionalidade é tema recorrente nos trabalhos sobre trollagem. Donath (1999) apontava que as ações do troll eram um tipo de enganação, onde o troll nunca revelava a sua verdadeira intenção. Sem a possibilidade de se compreender o real significado de uma mensagem, o receptor depende de suas experiências pessoais para codificá-la, porém isso não garante que ele descobrirá qual é a leitura certa a se fazer (Eco, 2016). No que diz respeito à trollagem, as leituras possíveis tendem a ser antagônicas e complementares ao mesmo tempo, o que indica que a trollagem possui um caráter ambivalente (DeCook, 2020; Phillips & Milner, 2017).

O conceito de "*lulz*" também envolve uma economia de atenção. Quanto mais "*lulz*" é gerado pela trollagem, mais atenção o troll tem para si (Fuller, McCrea & Wilson,

2013). Donath (1999) e Hardaker (2010) explicam que as mensagens dos trolls são elaboradas para incitar algum tipo de discussão. Por isso, Zago (2012) afirma que os trolls sempre procuram alimentar os conflitos que eles causam, pois o objetivo é aumentar sua disseminação. Então, uma trollagem bem-sucedida seria aquela que gera visibilidade para o troll e seus atos. Esse aspecto da trollagem seria um reflexo da estética do espetáculo que a subcultura troll segue à risca (Coleman, 2012).

Ainda dentro da questão da economia de atenção, cabe indagar como o troll alcança essa visibilidade. O caráter ambivalente da trollagem, inegavelmente, tem um papel fundamental na disseminação da mensagem do troll, pois é a partir da multiplicidade de leituras que se forma uma polêmica (Amossy, 2017; DeCook, 2020). Entre as possíveis leituras, a trollagem também tem que ser compreendida como um ato de transgressão. Por exemplo, Fuller, McCrea e Wilson (2013) identificam que algumas trollagens são uma resposta à massificação da Internet, que levou ao estabelecimento de valores hegemônicos entre os usuários das redes, como a polidez da conversação online. Então, a trollagem seria um ato que transgride essas normas de convivência na Internet.

Ainda dentro da questão da economia de atenção, cabe indagar como o troll alcança essa visibilidade. O caráter ambivalente da trollagem, inegavelmente, tem um papel fundamental na disseminação da mensagem do troll, pois é a partir da multiplicidade de leituras que se forma uma polêmica (AMOSSY, 2017; DECOOK, 2020). Entre as possíveis leituras, a trollagem também tem que ser compreendida como um ato de transgressão. Por exemplo, Fuller, McCrea e Wilson (2013) identificam que algumas trollagens são uma resposta à massificação da Internet, que levou ao estabelecimento de valores hegemônicos entre os usuários das redes, como a polidez da conversação online. Portanto, a trollagem pode ser vista como um ato que transgride essas normas de convivência na Internet.

Assim sendo, a trollagem se configura como uma ação que expressa desagrado a essas regras e outras normas culturais dominantes dentre as comunidades e ambientes em que ela é praticada (COLEMAN, 2012; CHAGAS, 2018; PHILLIPS, 2015). Ao transgredir tais normas, os trolls provocam os membros de determinadas comunidades online, levando-os a responder às provocações de forma espontânea, o que contribui para a ampliação da polêmica (ALVES DOS SANTOS, 2019).

O "*lulz*" também revela outro aspecto importante da trollagem e da subcultura troll, a presença do humor. Um caminho para se entender esse elemento é compreender

em primeiro lugar que o humor é um evento cultural que tende a ser direcionado a um determinado público, pois os elementos humorísticos de uma mensagem são sempre uma expressão de um sistema cultural desse mesmo público (LEGMAN, 1971; POSSENTI, 2021; WOLF et al., 1934). Por isso, os trolls riem²⁶ de uma trollagem, pois possuem o conhecimento específico necessário para decodificar a mensagem como uma mera expressão de humor (PHILLIPS, 2015). Isso explica, em parte, o uso da remissão de que seus atos não passam de uma simples "brincadeira" ou "piada"²⁷. É preciso compreender que o público da trollagem não são as vítimas do troll, mas sim os outros trolls que assistem a tal ato disruptivo.

Portanto, ambivalência, estética do espetáculo, transgressão e humor podem ser considerados os principais componentes do "lulz" e, por consequência, da trollagem. Este capítulo irá discorrer sobre a ambivalência, estética do espetáculo e transgressão, levantando seus principais aspectos dentro da subcultura troll. O próximo capítulo se encarregará de uma discussão mais aprofundada sobre o humor. Além disso, como apontado por autores brasileiros, o humor foi um elemento essencial na campanha presidencial de Bolsonaro em 2018 (CHAGAS, 2020a; KALIL, 2018; OLIVEIRA; MAIRA, 2020; NETO, 2020; SOUZA, 2019).

1.1. Ambivalência

“Será que isto é sério ou uma piada?” - É provável que todos já tenham feito essa pergunta a si mesmos enquanto navegavam pela internet. Afinal, como Phillips e Milner (2017) argumentam, todo conteúdo da internet apresenta uma multiplicidade de interpretações que podem ser antagônicas ou complementares. Por causa do alcance que mensagens online têm, o conteúdo delas pode facilmente perder seus contextos, público-alvo e significado originais, e não há como saber qual é a forma correta de interpretá-las. "Uma pessoa não consegue discernir muito dessas mensagens online simplesmente olhando para elas - simplesmente há muita coisa que pode estar acontecendo"²⁸ (PHILLIPS; MILNER, 2017, p. 121).

26 O riso pode ser interpretado como resultado e uma das expressões do humor (BOLACIO FILHO, 2012).

27 Phillips (2015) demonstra que o uso da justificativa “it’s just a joke” é comum pelos trolls.

28 No original: *a person can't discern much from these messages online simply by looking at them – there is simply too much that could be happening.*

De fato, a ambivalência não é uma característica exclusiva da subcultura troll, mas pode-se argumentar que ela é um dos elementos mais relevantes para a trollagem, pois essa multiplicidade de interpretações gera uma confusão cognitiva nas vítimas, o que contribui para o compartilhamento das polêmicas criadas por trolls (HARDAKER, 2010; DECOOK, 2020). Isso condiz com os resultados das pesquisas de Donath (1995), Dahlberg (2001) e Morrisey (2012), que avaliavam que uma das principais razões que levam uma trollagem a ser bem-sucedida está no fato de que as vítimas dela são incapazes de identificar qual é a real intenção do troll.

A questão da ambivalência pode ser explicada de forma didática a partir da Teoria da Informação, munida de conceitos da Semiologia. A Teoria da Informação busca calcular a quantidade de informação em uma determinada mensagem. Ela transforma o processo comunicacional em um esquema linear que é "afetado por fenômenos aleatórios entre um emissor que tem a liberdade para escolher a mensagem que envia e um destinatário que recebe essa informação com suas exigências" (MATTELART, 2014, p. 59-60). Por sua vez, a informação deve ser entendida como "variedade ou número de mensagens possíveis abrangidas pelo código²⁹" (EPSTEIN, 1986, p.16).

A informação pode ser vista como uma quantidade aditiva, e para medir a diminuição ou aumento dela em uma mensagem, recorre-se ao conceito da entropia. Oriunda da termodinâmica, esse termo é utilizado como uma medida estatística que avaliaria a quantidade de informação em uma mensagem. Quanto maior for o nível de entropia, maior será sua quantidade informativa e, conseqüentemente, o nível de ordem/desordem de uma mensagem. Por sua vez, o conteúdo informativo seria dado pelo grau de organização de uma mensagem.

Para decifrá-la, seria necessário o uso de um código comunicativo ao qual o receptor pode ou não ter acesso. A partir disso, entende-se que uma mensagem é um sistema organizado que pode apresentar uma vasta probabilidade de interpretações. Para manter o significado da mensagem inalterado, seria necessário adicionar "reiteraões da ordem convencionadas, em uma superabundância de probabilidades" (ECO, 2016, p. 105) a fim de diminuir o ruído e criar redundância.

29 Epstein (1986) se refere aos diferentes códigos comunicativos que constituem cada mensagem. Esse código presente na mensagem pode variar de acordo com seu emissor.

Do ponto de vista sociológico, pode-se entender tanto o código comunicativo quanto as experiências pessoais como uma forma de *boundary maintenance*³⁰ performada pelos trolls, impedindo que "forasteiros" participem ou entendam as conversas estabelecidas em um determinado espaço (GRAHAM, 2019). Tomando como exemplo a subcultura troll estudada por Phillips (2015), isso fica mais evidente, pois a autora explica como a trollagem é um mecanismo utilizado por usuários frequentes do 4chan para impedir que "curiosos" compreendam o que está sendo discutido nos fóruns do site.

O trabalho de Coleman (2012) reforça essa ideia ao apontar que a subcultura troll possui um caráter "elitista". A trollagem seria um tipo de sinal de que a Internet é um espaço exclusivo dos trolls e que os "outros", aqueles que não possuem conhecimento e espírito tecnológico como eles, não são bem-vindos. Bishop (2014a) apresenta um argumento complementar ao afirmar que os trolls buscam como palco para suas ações "lugares onde há pessoas vulneráveis, que podem não ser tão habilidosas no uso da internet" (p.10)³¹.

É por isso que os trolls não estão preocupados em diminuir o ruído de suas mensagens, pelo contrário, o ruído contribui para identificar aqueles que são considerados "indesejáveis" pelos subgrupos trolls, pois eles pressupõem que os membros de seu grupo possuem os mecanismos para decodificar suas mensagens da forma correta (PHILLIPS, 2015). Ao mesmo tempo, o compartilhamento de determinadas ideias entre os trolls através das trollagens contribui para o fortalecimento do sentimento de comunidade entre eles (BROWN, 2017; DECOOK, 2020), já que eles são os únicos capazes de ler de modo mais assertivo as informações contidas nas trollagens. Por essas razões que Bishop (2014a) compreende que a ambivalência que gera esse *boundary maintenance* é o que caracteriza a trollagem contemporânea, que surge nos fóruns do 4chan e se populariza com o surgimento das redes sociais, como Facebook e Twitter.

30 *Boundary maintenance* indica a atividade que um grupo emprega para garantir controle e acesso limitado a um determinado recurso, a fim de preservarem seu poder e status (BURTON; WELSH, 2015). O grupo pode adotar então uma série de ações para garantir a *boundary maintenance* que vão desde o uso de violência física até a adoção de comportamentos para identificar os membros do *in-group* e *out-group* (SCHWALBE et al., 2000).

31 No original: *places were there are vulnerable people, who might not be as skilled at internet use.*

Pode-se entender toda a discussão até o momento a partir do caso das trollagens no contexto dos games. Tomando como exemplo o episódio em que os trolls escolheram como alvo a programadora Zoë Quinn e seu jogo *Depression Quest*, que oferecia ao jogador uma imersão virtual no mundo da depressão (EMPOLI, 2020, p.104). Embora o jogo de Quinn tenha sido bem recebido pela crítica especializada, os gamers puristas o viram como uma afronta à cultura dos games, considerando tanto a participação de Quinn na indústria quanto seu projeto uma ameaça. Em retaliação, os trolls realizaram uma série de ações que transmitiam sua mensagem: o mundo dos games pertence aos homens (ibidem). Uma das trollagens planejadas por esse subgrupo foi o bombardeio de comentários negativos e avaliações baixíssimas na página do jogo de Quinn na plataforma *Metacritic*³². É importante notar que o conteúdo dos comentários é fundamental para entender a trollagem, não apenas a coordenação das ações (como já esclareceu Phillips, 2015). Por exemplo:

É um jogo sobre depressão. Simples o suficiente.
 Sou um esquizofrênico diagnosticado.
 Todas as noites, eu acordo e faço café. Enquanto está fermentando, eu fumo um cigarro.
 Separo meus medicamentos, checando duas vezes com uma lista que mantenho na minha mesa.
 Várias vezes ao longo disso, tenho a ideia de que talvez tenha expirado. Talvez seja veneno. Talvez seja falso.
 Mas tomo com meu café mesmo assim, porque sei que algo está errado.
 Depois pego o ônibus para meu trabalho de zelador noturno, porque a alternativa é ficar em casa e conversar com as paredes, o que não é saudável para mim nem para meus vizinhos.
 Eu trabalho. Eu como. Cometo erros e falo com coisas que não existem. Eu uso um fone de ouvido Bluetooth, porque é mais fácil fingir que não tenho consideração do que explicar para as pessoas com quem trabalho. Meu chefe sabe, mas vai ser demitido em breve e tenho certeza de que sou parte do motivo.
 Volto para o ônibus e vou para casa, e tomo minha última dose de remédio antes de ficar na internet para acalmar uma mente frágil e abalada o suficiente para dormir.
 Nada grande. Nada chique.

32 O Metacritic é um agregador de críticas de filmes, programas de TV, vídeo games, música etc. O site pontua de 1 a 10 a nota de cada produto. Essa pontuação tem como base a soma das críticas especializadas e as feitas por usuários. Como estudos demonstram, há uma conexão entre avaliações positivas, experiência de outros jogadores e comportamento do consumidor no mercado dos games. No caso de *Depression Quest*, o jogo possui uma pontuação de 1.5 e avaliações negativas dos usuários, e isso pode impactar diretamente na decisão de outros jogadores se eles devem adquirir ou não o jogo produzido por Quinn.

Disponível em: <https://www.metacritic.com/game/pc/depression-quest>

Disponível em: <https://www.gamesradar.com/study-professional-game-reviews-strongly-affect-consumer-behavior/>

A única questão que permanece é o que torna este jogo atraente? A depressão, como eu a entendo, é muito parecida com a esquizofrenia, só que ainda mais chata.

Se você encontrar uma resposta, por favor me diga em seus comentários³³. (FHARL³⁴, 2014)

É impossível afirmar se o usuário que fez esse comentário está falando sério e relatando sua experiência com esquizofrenia, se está zombando do jogo de Quinn, ou se é um desabafo, entre outras possibilidades. Embora a segunda opção seja a mais plausível, não há muitos indicativos que confirmem com total certeza essa suposição. Somente outros trolls que participaram desse ataque conseguiriam identificar se o comentário é uma trollagem ou uma crítica genuína. É assim que a ambivalência na trollagem opera, torna-se difícil avaliar qual é o verdadeiro sentido da mensagem.

A partir disso, pode-se discutir como a confusão cognitiva gerada pelo caráter ambivalente da trollagem pode ser benéfica para o troll. Para isso é necessário citar o Poe's Law (Lei de Poe), que é um axioma da internet que estabelece que existe uma dificuldade em se distinguir genuíno extremismo de uma sátira de extremismo, a não ser que o autor da mensagem deixe claro suas intenções (MILNER, 2013). Devido essa dificuldade em se definir se uma mensagem é uma expressão de ódio ou uma ironia mal elaborada, as vítimas do troll entram em um estado de confusão cognitiva, buscando dar um sentido concreto a mensagem do troll (DECOOK, 2020). Ao se debater a intencionalidade por trás da mensagem do troll, esvazia-se a discussão sobre a natureza de seu conteúdo, e isso não prejudicaria o seu compartilhamento (DECOOK, 2020; ECKSTRAND, 2018; ROMANO, 2017).

A ambivalência é um elemento central para entender a trollagem como estratégia comunicacional. Para aprofundar mais essa questão é necessário recorrer aos trabalhos de Piero Leirner (2020), pesquisador sobre o meio militar brasileiro, e que afirma que ambivalência presente nas falas de Bolsonaro está relacionada ao conceito de *Guerra Híbrida*, formulado por Korybko (2018). Esse autor esclarece que a *Guerra Híbrida* é um tipo de guerra indireta, onde se utiliza de uma série de táticas não-convencionais para desestabilizar uma sociedade do país alvo. Isso facilitaria a deposição do governo vigente e diminuiria as chances de um conflito armado.

33 Traduzido pelo autor.

34 Usuário do Metacritic.

No contexto da *Guerra Híbrida*, a informação se torna uma das principais armas a serem utilizadas (KELLY e PAUL, 2020), pois ela permite o domínio do espaço cognitivo e psicológico (KORYBKO, 2018; BARBOSA, 2020). Como Korybko (2008) explica, a disseminação da informação é essencial para desestabilizar os inimigos e para fabricar de maneira coordenada o consenso em uma parte específica da sociedade, que então agiria contra o próprio Estado. Isso seria feito a partir da divulgação de ideias que levassem a um estado de dissonância cognitiva³⁵ (LEINER, 2020), pois ao buscar formas de superar a dissonância cognitiva, o alvo desse tipo de ataque ficaria mais sujeito a internalizar “as ideias que lhe são apresentadas, dando a impressão de que os próprios manifestantes chegaram, por conta própria, às conclusões induzidas de fora” (KORYBKO, 2018, p. 50).

A trollagem pode produzir efeitos similares, pois devido ao impacto emocional negativo que ela pode causar (OTT, 2017), os alvos da trollagem acabam reagindo às provocações do troll de forma improvisada e espontânea, o que leva a ações mal planejadas e ineficientes para conter a propagação do discurso do troll (BROWN, 2017; DECOOK, 2020; HARDAKER, 2010; NADER, 2018). Por isso, do ponto de vista comunicacional, os membros da extrema direita valorizam tanto a trollagem, pois sabem que, como um de seus efeitos, os alvos de suas trollagens são incapazes de estabelecer uma tática rápida e eficiente para impedir o compartilhamento de sua mensagem de ódio, já que se encontram em um estado de dissonância cognitiva ao tentar encontrar um significado absoluto para sua mensagem ou ação (DECOOK, 2020; EMPOLI, 2020; ROMANO, 2017).

Paralelamente, parte dos receptores dos trolls pode ter suas crenças reforçadas, pois a interpretação da mensagem do troll depende das experiências pessoais do receptor, que terão influência direta na forma como ele reage à trollagem. Alguns autores apontam (DOUGLAS et al., 2019; FRANCO; BORGES, 2017; PAIVA, 2020; PHILLIPS, 2017; SACRAMENTO; SANTOS, 2020) que as informações falsas se tornam críveis para as

35 A Teoria da Dissonância Cognitiva surgiu em meados de 1950, e foi criada por Festinger (1957). De acordo com esse pesquisador, o indivíduo procura manter uma consistência interna entre suas crenças e comportamentos, porém quando duas ou mais cognição apresentam uma divergência entre si (por exemplo: eu fumo, mas sei que fumar mata), ele busca maneiras de diminuir essa dissonância através da modificação de comportamento ou absorção de novas informações que aumentem a concordância entre essas ideias distintas ou contraditórias, e isso pode levar a falsas inferências ou o reforço de certas atitudes (FESTINGER, 1957).

pessoas, não porque passaram por um processo objetivo de análise, mas sim por se alinharem com suas visões de mundo, porque as informações apresentadas lhes parecem familiares, por serem contadas por alguém em quem confiam ou por meio do relato da experiência pessoal.

Logo, devido à multiplicidade de interpretações presentes em uma trollagem, é possível afirmar que algumas leituras podem contribuir para a internalização de crenças e comportamentos de determinados grupos, o que reforça o argumento de que essa ação é um tipo de manutenção de limites entre grupos (*boundary maintenance*), seja por utilizar informações falsas que reforçam convicções pessoais, seja por apresentar ideias que ajudem a compreender de forma irracional a sociedade. Complementarmente, Eckstrand (2018) aponta que a ecologia informacional das redes permite que os trolls utilizem os mecanismos de busca e sites da internet para fortalecer sua alegação de que o que dizem é verdade. É por isso que se pode afirmar que a ambivalência presente na trollagem se enquadra nas táticas da chamada Guerra Híbrida, o que reforça a afirmação de Leirner de que a ambivalência presente nas falas de Bolsonaro tem como objetivo desorientar a população e introduzir ideias a seu favor³⁶.

Em relação ao caso de Bolsonaro, um ponto importante a se analisar é o quanto seu discurso ambivalente é uma ação planejada. Como Eckstrand (2018) e Romano (2017) demonstram, os trolls da extrema direita têm consciência do valor da trollagem para o compartilhamento de suas mensagens. No entanto, alguns pesquisadores brasileiros (KALIL, 2018; PIAIA; NUNES, 2018) afirmam que Bolsonaro já apresentava um discurso ambivalente antes mesmo de demonstrar um desejo em concorrer à presidência da República, contribuindo para sua fama como político folclórico. Mesmo assim, é preciso destacar que Bolsonaro intensificou o uso desse estilo retórico como uma forma de obter maior visibilidade quando começou a expressar a vontade de ser candidato presidencial, a partir de meados de 2015 (ALVES DOS SANTOS, 2019; CIOCCARI; PERSHICETTI, 2018b; NASCIMENTO et al, 2018; SOUZA, 2019). Portanto, é plausível afirmar que a trollagem no caso de Bolsonaro se apresenta como uma estratégia comunicacional.

36 Fala retirada de entrevista concedida ao Globo. Disponível em: <https://exame.com/brasil/o-diversionismo-como-estrategia-para-camuflar-os-problemas-do-governo/>

Obviamente, os efeitos da ambivalência não se limitam apenas aos apresentados neste tópico. Pelo contrário, a dissonância cognitiva também é responsável pela geração de visibilidade (DECOOK, 2020; MARWICK e LEWIS, 2017). Ao tentarem dar sentido à fala dos trolls, os receptores dessa mensagem não chegam a um consenso sobre qual seria a interpretação correta, criando polêmica³⁷ (BISHOP, 2014a; DECOOK, 2020). Esse efeito da ambivalência nos leva à segunda característica fundamental da trollagem: a estética do espetáculo.

1.2. Estética do espetáculo

De acordo com Coleman (2012), as trollagens herdaram das subculturas phreaker e hacker a tradição de uma estética baseada na política do espetáculo. Como Fragoso (2015) afirma, os trolls buscam sempre ampliar o alcance de suas ações para que suas trollagens atinjam o maior número possível de indivíduos. Complementarmente, Phillips (2015) argumenta que as redes sociais criaram o ambiente ideal para a amplificação desse tipo de ação.

Os trolls têm como preocupação a criação de algum tipo de polêmica, pois a interação gerada pelos receptores da trollagem é essencial para que eles e suas ações ganhem visibilidade. Para entender isso, é preciso explorar alguns elementos que compõem o ecossistema informacional criado pelas redes sociais. Nesse contexto comunicacional, “as instâncias de mediação entre os atores e os públicos não são os filtros e convenções das organizações jornalísticas” (ALVES DOS SANTOS, 2019, p. 210), mas sim os algoritmos das plataformas digitais que favorecem mensagens com alta carga afetiva e que produzem uma alta interação entre os usuários.

Como exposto no tópico sobre ambivalência, as trollagens são mensagens com alto impacto emocional e que levam a respostas espontâneas (BROWN, 2017; HARDAKER, 2010; OTT, 2017). Por atenderem a esses requisitos de visibilidade das plataformas sociais, os conteúdos produzidos pelos trolls tendem a ser privilegiados nos feeds de notícias de redes como Facebook e Twitter (BUCHER, 2012; DEVITO, 2016).

37 Adota-se a definição de polêmica como um debate em torno de uma questão da atualidade, cuja uma das marcas é a oposição de discursos, polarização e desqualificação do outro (AMOSSY, 2017). A trollagem como um meio de gerar polêmicas está de acordo com a definição proposta por Amossy (2017), que entende que uma das características que leva ao surgimento desse embate é a estruturação de determinados enunciados.

Assim, parafraseando Nader (2018), quando o troll A trolha B, ele não faz somente pela reação desse, mas porque espera que C também reaja de forma enérgica a suas provocações, o que leva D, E, F e G, e assim por diante, a também participarem da discussão, viralizando a controvérsia e dando notoriedade ao troll.

Por essas razões, os trolls praticam o que Marwick e Lewis (2017) chamam de “*attention hacking*”. Ou seja, através de seus atos polêmicos, eles conseguem capturar a atenção das redes sociais para si, criando um grande espetáculo. Conseqüentemente, ao manipularem os critérios de distribuição da informação nessas plataformas, os trolls conseguem furar as bolhas sociais onde suas trollagens são performadas e passam a atrair a atenção do público *mainstream* (ALVES DOS SANTOS, 2019; PHILLIPS, 2015).

Toda essa visibilidade se torna essencial para aqueles que pretendem aumentar a cobertura midiática em torno de si³⁸, pois é a partir desse "borrão" entre discurso de ódio e ironia que os trolls conseguem provocar a mídia tradicional e levá-la a fazer publicidade para eles (EMPOLI, 2020; MARWICK; LEWIS, 2017). Resumidamente, "trolls e os meios de comunicação corporativos sensacionalistas estão presos em um ciclo de feedback cibernético baseado no espetáculo; cada um amplifica e se baseia nas reações do outro³⁹" (PHILLIPS, 2015, p. 71). Isso é vantajoso para políticos com baixa relevância no debate público, pois, ao adotar um comportamento troll, eles são capazes de aumentar sua visibilidade.

A campanha permanente promovida por Bolsonaro desde meados de 2015 (SOUZA, 2019) ilustra essa questão. Desde 1987, quando foi eleito pela primeira vez como vereador do Rio de Janeiro, Bolsonaro apresentou picos esporádicos de popularidade, ocasionados pelas polêmicas em que se envolvia devido aos insultos que proferia a seus adversários políticos, à defesa da ditadura militar e aos ataques aos direitos humanos (NASCIMENTO et al, 2018). Como Alves dos Santos (2019) defende, a partir do momento em que Bolsonaro passa a demonstrar um desejo em se candidatar à

38 Muitas vezes a mídia tradicional passa a reportar os acontecimentos nativos das mídias sociais, pois esse material se tornou fonte das produções jornalísticas (ALVES DOS SANTOS, 2019; MARWICK e LEWIS, 2017; RECUERO, 2012).

39 No original: *trolls and sensationalist corporate media outlets are in fact locked in a cybernetic feedback loop predicated on spectacle.*

presidência, ele "começa a deixar nichos conservadores e investir na construção de bases de visibilidade" (p. 85).

Para isso, Bolsonaro adotou diversas táticas, sendo a principal delas a intensificação de seu discurso polemista tanto em ambiente online quanto offline (ALVES DOS SANTOS, 2019; CIOCCARI; PERSHICHETTI, 2018a; NASCIMENTO et al, 2018; SOUZA, 2019). Para ilustrar isso, pode-se resgatar o episódio do início de 2018, em que Bolsonaro foi questionado pela Folha de São Paulo sobre o enriquecimento de seu patrimônio familiar. Em um primeiro momento, Bolsonaro se absteve de responder às perguntas do jornal, porém, posteriormente, concedeu uma entrevista ao veículo. Trecho da matéria⁴⁰:

Repórter: O senhor utilizou, em algum momento, o dinheiro que recebia de auxílio moradia para pagar esse apartamento?

Bolsonaro: Como eu estava solteiro naquela época, esse dinheiro de auxílio moradia eu usava pra comer gente, tá satisfeita agora ou não? Você tá satisfeita agora?

No levantamento realizado por Cioccarì e Pershichetti (2018b), os autores apontam que houve um alto engajamento em torno do assunto, devido ao embate entre aqueles que apoiavam Bolsonaro e os que criticavam seu comportamento. A pesquisa indica que a discussão gerada pelos dois grupos foi fundamental para a ampliação do alcance do assunto em questão, o que está de acordo com o que já foi dito até agora sobre a espetacularização da trollagem. É importante notar que a interação entre os usuários se deu por meio de uma multiplicidade de leituras antagônicas sobre o acontecimento, o que fortalece a relação entre o caráter ambivalente e o espetáculo.

O estudo de Cioccarì e Pershichetti (2018b) também reforça o argumento da trollagem como manutenção de limites, já que os comentários mais populares (aqueles que tinham mais curtidas) em torno desse episódio eram aqueles que referendavam e compartilhavam do mesmo posicionamento antagônico de Bolsonaro em relação à mídia. Em outras palavras, aqueles que eram capazes de interpretar da mesma forma o ocorrido, acabaram se identificando com Bolsonaro, com quem compartilham em algum grau as mesmas ideias, intensificando o sentimento de identidade social deles como comunidade,

40 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949837-daqui-a-pouco-vaquererpegar-minha-mae-diz-bolsonaro.shtml>

o que contribui diretamente para a polarização política (FUKS; MARQUES, 2020; MASON, 2018).

O espetáculo também se caracteriza por ser um debate esvaziado de racionalidade, onde a imagem ou a forma são mais importantes do que o conteúdo (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018b). Voltemos para a questão sobre Zoë Quinn. Após o lançamento de *Depression Quest*, os trolls intensificaram sua campanha de difamação contra a programadora. Em dado momento, o ex-namorado de Quinn criou um blog onde afirmava que as análises positivas de seu jogo eram fruto de troca de favores sexuais com jornalistas especializados em videogames (EMPOLI, 2020). Tais declarações serviram de combustível para os trolls acentuarem seus ataques contra Quinn e a mídia especializada, dando origem ao que chamaram de Gamergate.

De acordo com Empoli (2020), em questão de um mês, foram escritos mais de dois milhões de tweets utilizando a hashtag #gamergate. Isso provocou a mídia a dar cobertura ao caso, ora explorando a plausibilidade das acusações contra Quinn, ora condenando as ações dos trolls. O episódio em torno de Quinn ganhou tanta notoriedade, que a programadora foi convidada a falar na Broadband Commission Working Group nas Nações Unidas sobre ciber-violência contra mulheres⁴¹.

O caso de Quinn exemplifica a estética do espetáculo presente nas trollagens. As ações dos trolls não se limitaram a uma disputa sobre se vídeo-games são "coisa de menino ou menina", mas foram uma manifestação de um problema estrutural da cultura gamer. Lynch et al (2016) explicam que na década de 80, a indústria de jogos segmentou seu público-alvo, optando pelo mercado masculino. Isso resultou em representações secundárias ou objetificadas de personagens femininas em toda a cultura dos videogames, o que levou muitos gamers a acreditarem que as mulheres são inferiores ou não têm direito de jogar os mesmos jogos que eles. Como resultado, a cultura gamer é extremamente misógina.

É importante destacar que os mesmos fatores que contribuem para a amplificação da visibilidade das trollagens também permitem a manutenção do espetáculo promovido por elas (PHILLIPS, 2015). Isso ocorre em grande parte porque a mídia também opera

41 Disponível em: <https://www.polygon.com/2015/9/25/9399169/united-nations-women-cyber-violence-anita-sarkeesian-zoe-quinn>

com a lógica do espetáculo, o que faz com que ela e os trolls vivam em uma relação simbiótica, alimentando continuamente o espetáculo (ibidem). Vargas Llosa (2013) explica que essa conduta da mídia em busca da espetacularização da notícia é um problema da nossa sociedade pós-moderna, na qual a cultura é dominada pelas imagens (JAMESON, 1996). Ao mesmo tempo, Debord (1997) observou que o espetáculo pós-moderno não se preocupa mais em ser positivo, mas sim em mostrar absolutamente tudo, independentemente de ser considerado bom ou ruim.

Além de afetar o comportamento da mídia, essa cultura pós-moderna também tem impactos diretos na política. O que atrai a atenção do eleitor não é a política em si, mas sim os personagens que a representam (CIOCCARI; PESICHETTI, 2018b). É importante ressaltar que o espetáculo político não se resume a uma aparência vistosa, mas é uma técnica para aproximar o ator político do povo. Como Miguel (2000) lembra, as escolhas eleitorais feitas com base no espetáculo político têm repercussões diretas na vida diária da população.

É inegável que a política contemporânea se transformou em uma disputa de imagens, onde a luta pela imposição de uma imagem pública é o principal foco (GOMES, 2004). A questão que surge é a respeito do papel que Bolsonaro assumiu a partir de suas trollagens. Como já discutido anteriormente, as múltiplas leituras de suas falas permitem que seus apoiadores modifiquem seu discurso para atender às suas preferências, contribuindo para a identificação entre Bolsonaro e uma parcela heterogênea da sociedade (KALIL, 2018). A adoção de um estilo troll de comunicação também o levou a ser apelidado de “mito” ou “Bolsomito” por seus seguidores (CIOCCARI; PESICHETTI, 2018b). “Mito”, neste caso, é uma derivação do neologismo “mitar”. Esse termo ainda não possui uma definição formal, mas quando procurado em sites que servem como dicionários informais, como o Dicionário Informal⁴², seu significado é descrito como a ação marcante de alguém, que na internet pode ter sido realizada por meio de uma frase, música, imagem ou vídeo.

Cioccari e Perischetti (2018b), em pesquisa sobre o engajamento dos usuários do Facebook e Twitter nas postagens sobre Bolsonaro, demonstram que as ações do político geram as reações necessárias para enquadrá-las como “mitadas”. Foi a partir das

42 Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>

declarações polêmicas que indignavam seus alvos que Bolsonaro conquistou um eleitorado jovem em 2014, que o apelidou de "mito". Para seus seguidores, toda declaração que irrite a oposição é digna de ser considerada uma "mitada". "Ele 'mita' no enfrentamento, subsiste enquanto bastião imóvel do 'senso comum' contra a onda 'problematizadora'" (NADER, 2018).

Mas o apelido "mito" não traz consigo apenas a capacidade de indignar os outros, mas também uma narrativa maniqueísta "que simboliza a esquerda e como a representação do grande mal a ser combatido pelo militarismo representado por Jair Bolsonaro" (CIOCCARI; PESICHETTI, 2018b, p.116). Ao longo de sua campanha permanente, Bolsonaro sempre buscou reforçar a ideia de ser o "mito" da população (SOUZA, 2019). Ao fazer isso, ele trabalhava com elementos do imaginário popular e moldava sua imagem à do Salvador da Pátria (NAMISE, 2019).

É preciso esclarecer que a narrativa bolsonarista não foi criada por Bolsonaro, pelo contrário, o que ocorreu foi uma confluência de fatores, que vão desde enquadramentos noticiosos até mesmo a aumento de taxas de problemas sociais. Devido à complexidade de todos os elementos que levaram a crise brasileira atual, a tendência é que o indivíduo busque uma explicação simplificada para a compreensão do presente, de modo que ele consiga ordenar o caos dos acontecimentos (GIRARDET, 1984). Por mais que Bolsonaro tenha trabalhado um discurso que buscasse dar soluções fáceis para problemas complexos (OLIVEIRA; MAIA, 2020), a trollagem de Bolsonaro contra seus adversários também teve papel importante na construção e manutenção dessa narrativa mitológica.

Os mitos políticos “promovem uma relação emocionalizada entre o público e os conteúdos da mensagem política” (MIGUEL, 2000, p.11), por sua vez as trollagens produzem um contágio emocional tanto positivo como negativo (OTT, 2017). Nesse sentido, as trollagens de Bolsonaro têm capacidade de manipular emocionalmente seus seguidores, colaborando para que eles se tornem mais suscetíveis a crer em ideias apresentadas por Bolsonaro, sendo uma delas que os alvos dos ataques dele são os inimigos a serem combatidos, por serem a raiz do problema que assola o país⁴³.

43 Essa ideia pode ser fortalecida com o argumento da trollagem assegurar um estado de crença de algumas pessoas, que seria uma situação em que o indivíduo encontra conforto em ideias familiares ou que lhe

Aqui se estabelece uma conexão entre populismo e trollagem, pois como Mansbridge e Macedo (2019) apontam, a criação de um inimigo comum a todos é um dos principais componentes do discurso populista autoritário. Então, como foi exposto nesse tópico, a estética do espetáculo presente nas trollagens se apresenta como algo vantajoso para políticos de baixa projeção midiática, pois ela garante visibilidade para essas figuras. É inegável que o espetáculo criado pelos trolls tem ligação direta com o caráter ambivalente da trollagem, pois é a partir de uma multiplicidade de leituras, que os trolls causam a controvérsia necessária para ganharem visibilidade. Contudo, a ambivalência por si só não é responsável pela criação da polêmica, o caráter transgressor também tem papel importante para o compartilhamento da mensagem do troll.

1.3. Transgressão

Transgressão pode ser definida como uma conduta que ultrapassa limites ou quebra alguma regra (JENKS, 2003). A subcultura troll apresenta um grande caráter transgressivo, e Phillips (2015) afirma que os trolls têm interesse em quebrar tabus específicos. Os atos de transgressão dos trolls ocorrem em diversos níveis. Há casos simples em que os trolls buscam violar normas e regras comunicacionais (DONATH, 1995; FRAGOSO, 2015).

Donath (1995) explica que, em nossas interações sociais no mundo real, utilizamos diversos sinais de maior ou menor confiança para indicar se o que dizemos é falso ou verdadeiro. O problema é que, na conversação online, todos os sinais utilizados são de baixa confiança. As comunidades virtuais possuem sistemas de sinais que indicam aos seus membros se a informação contida em uma mensagem tem credibilidade ou não. Caso um sinal falhe, ele é descartado e o sistema e a comunidade evoluem. Contudo, os trolls exploram brechas nesse sistema de sinais, utilizando sinais não descartados para compartilhar mensagens com conteúdo falso ou que geram confusão entre os membros da comunidade virtual (DONATH, 1995).

A transgressão realizada pelos trolls é, portanto, uma violação de determinadas normas existentes em cada comunidade, algo parecido com o que acontece em alguns

tragam confiança por mais absurdas que possam ser (PIERCE, 1877). Nesse caso, como Girardet (1984) explica, as imagens de inimigos e heróis de uma nação existem no imaginário coletivo de uma sociedade, porém agem de forma inconsciente. Então, a narrativa bolsonarista que o PT e seus membros eram a causa dos problemas do país dialoga com o anti-petismo, levando muitos dos apoiadores de Bolsonaro a acreditar e apoiar seu discurso (NAMISE, 2019).

tipos de trollagens no mundo dos jogos (FRAGOSO, 2015). Com a popularização e massificação da internet, os trolls passaram a romper com os novos valores hegemônicos compartilhados pelos usuários da rede (FULLER; MCCREA; WILSON, 2013; PHILLIPS, 2015). Para ilustrar isso, pode-se utilizar como exemplo o caso dos R.I.P Trolls. Em 2009, o Facebook anunciou que os perfis dos usuários que morreram se tornariam páginas memoriais, onde conhecidos, amigos e familiares poderiam prestar algum tipo de homenagem ao falecido⁴⁴. A interação gerada pelos usuários em torno de algumas dessas páginas atraiu a atenção da mídia, que em alguns casos passou a noticiar as histórias por trás do falecimento de seus donos.

A repercussão desses acontecimentos chamou a atenção de alguns grupos de trolls que iniciaram um ataque às páginas memoriais, comentando de forma irônica e desrespeitosa o falecimento de seus usuários. Jenks (2003) argumenta que, ao transgredir uma norma já institucionalizada, o indivíduo a torna visível, permitindo que ela possa ser questionada e confrontada. No caso dos *R.I.P Trolls*, ao agirem dessa forma, eles expõem o hábito da mídia de transformar tragédias pessoais em narrativas comercializáveis⁴⁵ (PHILLIPS, 2015). As trollagens realizadas nas páginas memoriais seriam, então, uma crítica social ao sensacionalismo midiático (PHILLIPS, 2015).

O culto à transgressão pela sociedade ocidental tem origem no Romantismo, quando a figura do transgressor passou a ser retratada como um indivíduo nobre e heroico (NAGLE, 2017). Raskólnikov, personagem de Crime e Castigo, é um exemplo disso, pois ele mata e rouba uma velha agiota, acreditando que dessa forma se tornaria um homem extraordinário, acima da lei e da moral.

Embora a transgressão não tenha sido cultuada no século XIX como no Romantismo, ela foi revivida no século XX pelos movimentos contraculturais (REYNOLDS; PRESS, 1996). A partir dos anos 1960, a transgressão passou a ser adotada

44 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/facebook-cria-pagina-memorial-para-usuarios-que-morreram/>

45 A transformação da tragédia em um produto midiático não é algo que acontece só na mídia estrangeira, no Brasil há casos emblemáticos como o de Eloá Pimentel, do casal Nardoni, da Escola-Base, entre outros. Em todos, “os crimes são transformados em verdadeiros realities shows, levando diversas emissoras de TV a paralisar sua programação, mexer na grade para dar privilégio a estes acontecimentos e veicular o máximo de informações sobre o caso, de modo a garantir mais audiência” (BARROS; THADDEU; PEREIRA, 2013, p.356).

como uma virtude dentro do liberalismo social, pois se tornou uma das principais armas políticas dos movimentos jovens que buscavam romper com os valores conservadores instituídos pela sociedade americana (NAGLE, 2017). Ao infringir os limites morais e legais impostos pelo conservadorismo, os movimentos contracultura almejavam produzir transformações sociais profundas (SILVA; GONÇALVES, 2017). Por isso, um ato transgressor, como a trollagem em alguns casos, pode ser visto como uma manifestação de subversão política ou de descontentamento com uma dada situação (CHAGAS, 2019; HOLMES, 2013; MYLONAS; KOMATSIARIS, 2019).

No entanto, a transgressão no século XXI foi reapropriada pelos movimentos reacionários. Nagle (2017) explica que os trolls da extrema direita se baseiam em um discurso niilista⁴⁶ para justificar e racionalizar a desumanização de minorias, que tendem a ser seus principais alvos. "A cultura da transgressão que eles produziram libera suas consciências de ter que levar a sério o potencial custo humano em se quebrar o tabu contra a política racial que se manteve desde a Segunda Guerra Mundial⁴⁷" (NAGLE, 2017, p. 39). Portanto, a transgressão realizada pelos membros da extrema direita americana através das trollagens seria uma tentativa deles reafirmarem suas posições de dominação colocadas em xeque pelas mudanças sociais que ocorreram nas décadas pós-Guerra (NORRIS e INGLEHART, 2019; PHILLIPS, 2015).

Tudo isso está de acordo com a análise feita por Empoli (2020) sobre a participação dos trolls na vitória eleitoral de Trump em 2016. De acordo com esse autor, os trolls se veem como vítimas das transformações socioestruturais que ocorreram nas décadas pós-Guerra ocasionadas pela ascensão dos valores considerados pós-materialistas, como maior segurança social e acesso à educação (NORRIS; INGLEHART, 2019). Essas mudanças na sociedade não ocorreram rapidamente; elas se desenrolaram de maneira gradual e silenciosa através da estabilidade econômica das sociedades industriais e das mudanças demográficas nesses países. Ao longo das décadas que sucederam o pós-guerra, a "maioria cultural, outrora dominante, tornou-se

46 O niilismo presente no discurso da extrema direita americana se baseia na ideia de que independente das ações tomadas, todas levarão a um mesmo futuro pessimista (WINBERLY, 2020).

47 No original: *The culture of transgression they have produced liberates their conscience from having to take seriously the potential human cost of breaking the taboo against racial politics that has held since WWII.*

gradualmente uma minoria, endossando pontos de vista e normas que eram considerados normais durante eras anteriores, mas não são mais amplamente respeitados pelo resto da sociedade⁴⁸” (NORRIS e INGLEHART, 2019, p. 87).

A adoção de uma visão política mais liberal permitiu que membros de grupos antes minoritários tivessem acesso a espaços que antes lhes eram negados, o que promoveu uma mudança na ordem social. Em contrapartida, houve o surgimento de um sentimento de descontentamento e ameaça por parcelas da sociedade que não se sentiam contempladas com tais mudanças, principalmente por aqueles que pertenciam a uma antiga maioria cultural. Isso levou a uma reação cultural conservadora que Norris e Inglehart (2019) chamam de cultural *backlash*. Tajfel e Turner (1989) já haviam observado que as possíveis mudanças na ordem social levariam o grupo outrora dominante a adotar ações que mantivessem e justificassem sua posição social, como a discriminação de grupos que consideram subalternos.

No entanto, Empoli (2020) afirma que os trolls não têm consciência de todas as razões por trás das mudanças sociais das últimas décadas. Em vez disso, eles compartilham a crença de que o *establishment* das mídias e da política está impregnado por uma cultura progressista e elitista. A ideia conspiratória de que o *establishment* perseguiria e silenciaria todos aqueles que não se conformam com as leis e regras baseadas no politicamente correto (PC) não condiz com a realidade. Na verdade, essa ideia apresenta elementos que a permitem classificar como uma teoria da conspiração, pois reduz todos os fatos a uma única causalidade, eliminando sua complexidade e garantindo uma sensação de recuperação de controle para aqueles que veem sua existência ameaçada (DOUGLAS et al., 2019; MIGUEL, 2000; 2004).

Os trolls se veem como vítimas da sociedade, pois acreditam que sua liberdade de expressão está sendo cerceada pelo politicamente correto. Eles não compreendem que seus comportamentos prejudicam outras pessoas e não são mais socialmente aceitáveis. Para esse grupo, o termo PC se torna um sinônimo de censura e controle social (CHAGAS, 2020a; EMPOLI, 2020; OLIVEIRA; MAIA, 2022). Então, ao transgredir as

48 No original: *The once-dominant cultural majority has gradually become a minority, endorsing views and norms that were considered normal during earlier eras but are no longer widely respected by the rest of Society.*

normas do PC, os trolls explicitariam todos os mecanismos de controle social que o *establishment* utiliza para cercear a liberdade das pessoas, e, portanto, assim seria possível combatê-lo.

Além disso, a visão errônea dos trolls surge de uma incompreensão sobre as mudanças econômicas e sociais das últimas décadas, bem como da desinformação e má interpretação das leis que definem os limites da liberdade de expressão (PHILLIPS, 2015; SANTANA; LEAL, 2019). Ao transgredir as normas do PC, os trolls acreditam que estão combatendo os mecanismos de controle social do establishment, quando, na verdade, estão perpetuando o preconceito e a intolerância (COLEMAN, 2012; EMPOLI, 2020; PHILLIPS, 2015).

Deve-se esclarecer que as origens do termo PC não são exatas (GRUDA, 2014). Há contextos em que ela aparece de forma positiva, ligada a políticas de inclusão e defesa dos direitos humanos, mas muitas vezes também apresenta uma conotação negativa que implica que todas as ideias ligadas a esse termo seriam autoritárias e dogmáticas (SHAFER, 2017).

Uns afirmam que este tipo de perspectiva politicamente correta foi criado por movimentos sociais organizadas pela chamada *New Left* (Nova Esquerda) e por parcela da intelectualidade estadunidense em uma tentativa de proteger às chamadas minorias (CABRERA, 2012) e o multiculturalismo (SEMPRINI, 1999), com intento geral de promover os direitos humanos. Outros apontam estes comportamentos de preocupação com as diferenças. Como descreve Renato Ribeiro, “[...] o termo ‘politicamente correto’ foi cunhado pelos detratores e não pelos defensores da posição que assim é retratada. Ninguém afirma ser politicamente correto. O termo sempre se expressa na terceira pessoa, ou pelo menos jamais na primeira, como acusação ou zombaria” (2000, p. 27, grifo do autor). (GRUDA, 2014, p. 149).

No Brasil, o termo PC está associado a uma suposta "ideologia esquerdista", de modo que ele seria uma "imposição autoritária de valores e padrões culturais por parte de um Estado dominado pela ideologia de esquerda" (FERES JR, 2017, p. 59). Essa conotação sobre o PC condiz com o fato de que parte da população o associa também a medidas de inclusão social elaboradas durante o período em que o Partido dos Trabalhadores ocupou a presidência da República (FERREIRA, 2006).

Pode-se argumentar que essa visão negativa acerca do PC está ligada diretamente à formação da sociedade brasileira. Conforme Schwartz (2019) explica, o país nunca foi tolerante e pacífico; pelo contrário, sua história demonstra que ele é mais excludente do que inclusivo. Assim, a intolerância manifestada por parte da sociedade brasileira nos

últimos anos seria uma resposta à perda do controle que eles tinham sobre um determinado capital cultural e econômico, que era um privilégio das classes mais altas no país (SOUZA, 2017).

Nessa conjuntura, começam a surgir ataques frequentes ao PC e, principalmente, ocorre a intensificação de discursos que transgridem os direitos humanos e que se denominam como Politicamente Incorreto (PI) (OLIVEIRA; MAIA, 2022). Santana e Leal (2019) chamam atenção para o fato de que muitos dos apoiadores do discurso do PI são pessoas que se sentiam oprimidas "por serem heterossexuais, brancas e de classe média no Brasil" (p. 392). Em um país historicamente racista e excludente, a afirmação desses grupos de pessoas não faz sentido. No entanto, a adesão deles ao PI expressa sua vontade de negar e romper com a agenda das minorias por reconhecimento e busca por melhores oportunidades estabelecida nos governos petistas (DI CARLO; KAMRADT, 2018).

um discurso politicamente incorreto existe por se contrapor a um discurso anterior do politicamente correto (GRUDA, 2013). Isto é, o politicamente incorreto se caracteriza como nada mais que uma volta à velha tradição de preconceitos e opressão, ou melhor, caracteriza-se por transgredir o avanço alcançado internacionalmente dentro dos direitos humanos. (SANTANA; LEAL, 2019, p. 384)

Como apresentado, o discurso PI se configura como uma transgressão a toda agenda progressista posta em prática no Brasil no início do século XXI⁴⁹. Por sua vez,

49 Por mais que a teoria do backlash cultural seja útil para explicar a ascensão dos movimentos reacionários no Ocidente, ela não pode ser aplicada totalmente no caso da América Latina. Isso ocorre devido às condições sociais e econômicas que normalmente são associadas ao processo de mudança cultural pós-materialista tratado por Inglehart e seus colaboradores, as quais não se verificam na imensa maioria das sociedades envolvidas nesse grupo (jovens democracias) (RIBEIRO, 2011, p. 168). No caso do Brasil, o país passou por diversas crises econômicas consecutivas ao longo das últimas décadas, alcançando um período de maior estabilidade somente na primeira década do século XXI (FAUSTO, 2019). O que ocorre é que no início do século XXI, o Brasil começa a viver um período de estabilidade econômica. Na revisão econômica feita por Kopper e Damo (2018), os dois autores apontam que as políticas de redistribuição de renda somadas à prosperidade econômica vivenciada, principalmente na primeira década dos anos 2000, foram um marco na história da desigualdade social do país. Nesse período, "a renda já não se concentrava exclusivamente no topo da estratificação, tendo se deslocado para suas camadas intermediárias – e era desejável, segundo uma miríade de agências internacionais, que assim o fosse" (KOPPER; DAMO, 2018, p. 344).

Como o economista Marcelo Neri (2008) apontou, essa melhor distribuição do PIB brasileiro levou ao surgimento de uma "nova classe média". O estudo de Neri é puramente econômico, pois ele utiliza somente o potencial de consumo das famílias como base para sua classificação. O problema é que, embora as classes sociais C, D e E tenham tido um aumento real de suas rendas, elas não tiveram acesso ao capital cultural que legitimaria sua participação no Estado e no mercado (SOUZA, 2017). Esse privilégio estaria resguardado principalmente à "verdadeira" classe média, que, por não ter o monopólio do capital econômico como a elite, busca manter para si o controle do capital cultural.

Bolsonaro sempre se posicionou como político defensor da ideia de que as minorias deveriam se submeter à ordem da maioria (SARGENTINI; CHIARI, 2019). Ele não surge em um vácuo, pelo contrário, esse cenário permitiu que ele se tornasse porta-voz de uma parcela da população que se sente ameaçada pela emergência das minorias e busca restabelecer o status quo (DI CAROL e KAMRADT, 2018; OLIVEIRA e MAIA, 2020; 2022).

A adoção do discurso PI por Bolsonaro demonstra que ele "não se pauta pelos freios postos pelos processos civilizatórios de autorregulação democrática dos cidadãos em termos de corresponsabilização e tratamento respeitoso recíproco" (OLIVEIRA; MAIA, 2020, p. 106). Como Levitsky e Ziblatt (2018) descrevem, nas democracias, é comum que os atores políticos visem uma convivência (mesmo que antagônica) baseada nas regras do jogo democrático. Contudo, quando Bolsonaro passa a atacar e insultar seus oponentes, ele rompe com tais regras e faz com que essa convivência passe a ser baseada na violência e no desrespeito ao adversário (LIEBACK, 2019; OLIVEIRA; MAIA, 2021).

Ao mesmo tempo, Bolsonaro, ao defender que as minorias deveriam se submeter à ordem da maioria, rompe com a política das diferenças, que é uma das bandeiras levantadas pelo PC e é o que sustenta uma verdadeira democracia (CHOI; MURPHY, 1992). Portanto, é possível afirmar que a transgressão presente nas trollagens de Bolsonaro também é uma transgressão à própria democracia. Novamente, é possível estabelecer pontes entre trollagem e populismo autoritário, pois Mansbridge e Macedo (2019) alegam que nesse tipo de discurso busca-se minar a diversidade e deliberação existentes na democracia, negando-se assim a existência de uma sociedade plural.

Há mais um aspecto da transgressão que é preciso se atentar no caso de Bolsonaro. Como descreve Empoli (2020), Trump construiu para si a imagem de candidato

Voltando à teoria de Norris e Inglehart (2019), ela se baseia em conceitos formulados na psicologia social que explicam que mudanças na estrutura social são fundamentais para que os grupos dominantes passem a agir para garantir sua posição de superioridade (TAJFEL; TURNER, 1979; TAJFEL, 1981). Tais mudanças podem ser tanto a diminuição das diferenças entre eles e os grupos que consideram inferiores quanto uma alteração na distribuição dos recursos que esses grupos competem.

Portanto, aplicando tais ideias combinadas com as análises feitas por Souza (2017), conclui-se que o que está em jogo é o controle do capital cultural. Sendo assim, a ocupação de espaços por membros de classes sociais mais baixas e de grupos minoritários, como foi o caso do fenômeno dos "rolezinhos", das políticas de cotas raciais nas universidades e da maior inclusão de membros da comunidade LGBT na sociedade brasileira, podem ser vistos como exemplos dessa mudança social no país, os quais contribuíram para a ascensão do movimento conservador nacional (SOUZA, 2017).

espontâneo e autêntico, mas, mais importante que isso, *anti-establishment*, ao indignar seus oponentes políticos e as mídias tradicionais com seu discurso transgressivo e ambivalente. No caso de Bolsonaro, percebe-se um movimento semelhante. Ao desprezar seus adversários e as regras do jogo democrático, Bolsonaro causa indignação no *establishment* (mídias tradicionais e políticos considerados de esquerda). A reação negativa produzida por suas trollagens dá credibilidade à sua reivindicação de ser *anti-establishment*, já que seus seguidores entendem que as punições que ele sofre não são por ter violado as leis e regras do jogo democrático, mas sim porque ousou enfrentar os poderosos (EMPOLI, 2020; LIEBACK, 2019; OLIVEIRA & MAIA, 2022).

Outro efeito da transgressão presente nas trollagens de Bolsonaro está diretamente ligado à maneira como ele se dirige aos seus adversários políticos ou grupos que considera inferiores. Ao proferir frases como “vamos fuzilar a petralhada⁵⁰”, Bolsonaro fomenta a criação de um inimigo a ser perseguido e combatido (DIBAI, 2018). Assim, ele estabeleceu uma delimitação clara entre “nós”, aqueles socialmente aceitos, e “eles”, que deveriam ser excluídos ou dominados.

Para Van Dijk (2018), essa clara segregação entre “nós” e “eles” é um dos principais organizadores globais do discurso de dominação, o que condiz com a afirmação de Santana e Leal (2019) de que o discurso PI reproduziria “ideologias que dominam as superestruturas sociais; e dessa maneira, em vez de estar quebrando paradigmas, estará perpetuando preconceitos e valores históricos de opressão” (p. 386). Além disso, a caracterização pejorativa do *out-group* (eles) acentua as diferenças entre os dois grupos, o que fortalece a polarização e acarreta um aumento da intolerância entre eles (TAJFEL; TURNER, 1979). Isso pode ser visto como mais um argumento que fortalece a ideia da trollagem como um *boundary maintenance*.

Pode parecer contraditório que a transgressão presente no PI busque manter uma ordem conservadora que parecia ter sido superada, porém, como Ott e Mack (2014) lembram, a transgressão é também ambivalente, já que tende a exaltar expressões e sentimentos contraditórios. Volta-se aqui à questão da ambivalência e da amplificação da

50 Em 2018, durante um comício no Acre, Bolsonaro proferiu essa frase. Quando questionado por veículos da mídia, sua assessoria informou que tudo não passou de uma brincadeira. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>

mensagem do troll. Uma das razões pelas quais a trollagem é um discurso polêmico é devido às diversas transgressões que ela comete.

Sem os gritos e comentários escandalizados daqueles que se ofendem com as trollagens de Bolsonaro, dificilmente ele teria se transformado no porta-estandarte da raiva daqueles que são "contra o sistema". A reação chocada de políticos profissionais e jornalistas às diversas vezes que Bolsonaro rompeu tabus e impregnou o debate público com suas opiniões extremas é a chave para convencer o eleitor de que ele representa o seu cansaço com tudo o que emana de Brasília.

Exploraram-se aqui alguns dos principais componentes da trollagem. Mesmo assim, como discutido no início deste capítulo, o "*lulz*" que ela simboliza carrega consigo uma carga humorística que permite a trollagem ser vista como uma piada interna entre trolls (PHILLIPS, 2015; DECOOK, 2020). Por isso, é essencial avaliar como o humor é produzido dentro da subcultura troll e, conseqüentemente, utilizado pelos trolls políticos, como Bolsonaro. O humor talvez represente a convergência de todos os elementos apresentados neste capítulo, já que é através de um humor transgressivo e ambivalente que os trolls produzem os espetáculos que tanto almejam.

2. HUMOR E TROLLAGEM

No capítulo anterior, foram apontadas as quatro características fundamentais da trollagem: ambivalência, estética do espetáculo, transgressão e humor. Optou-se por dividir a análise desses quatro elementos em dois capítulos, sendo os três primeiros estudados no capítulo anterior, e o humor, exclusivamente, neste capítulo, pois esse elemento talvez seja o mais abrangente de todos e já foi estudado por um incontável número de pensadores e por diversas perspectivas (MINOIS, 2003). Este capítulo não busca fazer uma análise detalhada sobre todos os aspectos do humor, já que existem trabalhos que se dedicam exclusivamente a isso. O objetivo é discorrer sobre como o humor se manifesta nas trollagens, principalmente nas trollagens políticas. Mesmo assim, é inevitável que se discuta, ainda que de forma breve, o que é esse elemento.

Antes de se adentrar na discussão proposta neste capítulo, é necessário explicar as diferenças entre humor, comédia e riso. Por mais que essas três palavras possuam uma associação semântica consolidada entre elas, e na linguagem cotidiana elas possam ser usadas como sinônimos, cada uma tem uma definição específica. Começando pelo humor, esse termo nem sempre esteve ligado às outras duas palavras. Em sua origem latina, humor tinha seu significado atrelado ao estado emocional do indivíduo. Posteriormente, a palavra passou a ser usada popularmente para designar variações emocionais, o que explica a existência de expressões como “mau-humor” ou “bom-humor” (PINCELLI; AMÉRICO, 2019). A palavra humor nem sempre esteve associada ao riso. Na verdade, trabalhos clássicos como o de Bergson (2021) sequer estabelecem uma relação desse termo com a ação de rir.

Essa associação só surge quando começa a se encarar o riso como uma alteração dos humores, e logo esse vocábulo "passou a designar a emoção cômica que se expressa através do riso" (PINCELLI; AMÉRICO, 2019, p. 4218). Com essa mudança de paradigma, o humor se torna um conceito guarda-chuva, englobando uma gama de manifestações bem distintas entre si, mas que todas têm em comum o objetivo de causar o riso (SALIBA, 2018). Dentro dos objetos que compõem o humor, está a comédia. Esse termo existe desde a Antiguidade clássica e serve para designar um gênero presente nas artes, que tem como objetivo provocar o riso nos espectadores (CAPELOTTI, 2022).

No que diz respeito, o riso sempre foi encarado como "uma manifestação biológica visível, mas com contornos cognitivos e sociais invisíveis" (JERÔNIMO, 2015, p. 63). Ao longo da história, o riso sempre teve conotações morais divergentes, às vezes

sendo demonizado, outras vezes sendo glorificado (MINOIS, 2004). Independentemente da visão que se tem sobre o riso, vários pensadores buscaram entender os motivos que nos levam a gargalhar, e como o humor não era um conceito conhecido antigamente, há uma preferência em se falar do riso na perspectiva teórica⁵¹.

Desde a Antiguidade, foram produzidos inúmeros ensaios sobre os eventos que nos causam o riso, e "para cada teoria que esclarece as bases do humor e do riso, é fácil encontrar muitos exemplos pertinentes - mas também se encontra uma infinidade de exemplos que sabotam todas as categorias" (SALIBA, 2018, p. 10). Uma das razões para essas divergências teóricas é explicada por Propp (apud POSSENTI, 2021), em sua crítica sobre as teorias recorrentes do humor, que afirma que é necessário considerar as especificidades de cada situação que causa o riso.

Mas talvez olhar para as peculiaridades de cada situação não seja suficiente para explicar por que achamos algo engraçado ou rimos. Possenti (2021) afirma que uma situação cômica pode ser resultado do tensionamento entre duas ou mais teorias que trabalham em conjunto em uma mesma situação. Agora surge a questão: quais teorias devem ser estudadas? Para Phillips (2019), o humor troll produziu aquilo que a autora chamou de risada desumanizadora ou excludente, e como dito antes, esse conceito se assemelha muito às ideias apresentadas por Moreira (2020) em seu trabalho sobre racismo recreativo, que pode ser considerado como um humor derogatório.

Ferguson e Ford (2008) explicam que esse tipo de humor seria aquele que provoca o riso nos outros por meio da difamação, derrogação ou depreciação de um determinado alvo. Esse tipo de humor condiz com os achados de Phillips (2015) sobre como o humor troll operou, o que nos permite traçar um paralelo entre os dois. Ferguson e Ford (2008) explicam que é possível analisar esse tipo de humor por meio do uso de três teorias: a da superioridade, do alívio e da incongruidade. Por isso, este trabalho se concentrará nessas três teorias em um primeiro momento para explicar a razão pela qual os trolls se divertem com o sofrimento de suas vítimas.

51 Com a gradativa adoção da noção de que *humor* e *riso* estão de alguma forma ligados, passou-se a também utilizar o termo *teorias do humor* para designar as diversas explicações do porquê rimos (PINCELLI; AMÉRICO, 2019).

É claro que essas teorias não são suficientes para esclarecer todas as características do humor troll. Segundo diversos autores, o elemento humorístico nas trollagens também é utilizado como ferramenta para a disseminação e perpetuação de um discurso de ódio (DECOOK, 2020; ECKSTRAND, 2018; LIEBACK, 2019; OTT, 2017; PHILLIPS, 2019;). Nessa análise do humor na trollagem é inevitável que as características da ambivalência, estética do espetáculo e da transgressão se manifestem, até porque, como demonstrado anteriormente, assim como o humor, elas fazem parte fundamental do *lulz*. Uma vez esclarecidos todos esses pontos, pode-se iniciar a discussão sobre as principais teorias do riso.

2.1. As teorias do riso

2.1.1. Teoria da superioridade

A teoria da superioridade é a mais antiga das teorias do riso, tendo suas bases elaboradas por pensadores gregos como Aristóteles e Platão. Como o próprio nome diz, a teoria postula que o riso seria provocado por um sentimento de superioridade em relação aos outros, de modo que rir seria uma forma de humilhar aqueles que invejamos ou demonstrar desprezo pelos outros. Tal pensamento não se limita apenas aos filósofos da Antiguidade; Hobbes (2014), por exemplo, concluiu que rir é uma ação egoísta causada por um aumento da autoestima que ocorre quando vemos que o objeto do riso está em uma situação pior que a nossa.

Rir envolveria, nas palavras de Bergson (2021), uma ausência de sensibilidade. “Ao fazer humor, o autor (da piada) passa a preocupar-se menos com o outro” (FIGUEIREDO, 2012, p. 176), pois a piada irá inevitavelmente ferir seu objeto de riso. Devido a esse potencial humilhante do riso, Bergson (2021) afirmava que o riso seria uma forma de “trote social”. Riríamos dos defeitos morais e dos comportamentos dos outros como uma forma de 51prova-los, de modo que a exposição causada pelo riso pudesse levar à correção de tais vícios. Por isso, o riso gerado por esse sentimento de superioridade poderia ser uma forma de crítica aos preconceitos presentes na sociedade (CAPELOTTI, 2020).

Segundo Berger (1987), para a teoria da superioridade, o humor “é sempre social, ou cultural, e sempre envolve comparação entre a natureza dos indivíduos” (p. 7-8), o que permite estabelecer uma relação entre ela e estudos sobre identidade social. Esse elo levou à produção de variantes da teoria da superioridade, como a de Wolf et al. (1934), que

partem de premissa similar à de Hobbes, mas explicam que o sentimento de superioridade também está ligado a uma sensação de filiação a determinados grupos. Logo, uma pessoa teria uma maior disposição a rir de pessoas ou grupos dos quais ela não faz parte ou com os quais não se identifica.

A variação da teoria da superioridade elaborada por Wolf et al. (1934) é importante para explicar a existência do humor derogatório (FERGUSON; FORD, 2008), pois ela implica que há uma disposição afetiva para que membros de um grupo desprezem outros grupos sociais através do riso (ZILLMANN; CANTOR, 1996). É importante reparar que essa alternativa à teoria da superioridade está de acordo com os trabalhos de Tajfel e Turner (1979) sobre relacionamentos grupais.

Uma prova disso é que, nesse tipo de humor, há o uso de estereótipos⁵² negativos para representar os "outros", enquanto aqueles que riem buscam manter uma imagem positiva de si (MOREIRA, 2020). Paralelamente, Tajfel e Turner (1979) afirmam que a criação de estereótipos negativos faz parte da relação entre grupos, pois há uma tendência e necessidade de os membros do intergrupo terem uma visão mais positiva de si em relação aos grupos externos, e eles alcançam isso colocando aqueles que são considerados os "outros" em uma posição de inferioridade.

É importante ressaltar que, de acordo com Wolf e seus colegas (1934), a construção do humor se baseia em crenças e sentimentos particulares de um grupo em relação ao outro, de modo que piadas e brincadeiras podem reforçar certas disposições e atitudes de membros de um grupo em relação a outros. Isso condiz com os achados de Legman (1971), que afirmam que o humor é uma manifestação de um sistema cultural,

⁵² O termo estereótipos pode ser definido como “uma representação parcial, simplificada e acrítica da própria realidade” (GROSSI, 2007, p. 52). Essa ideia foi introduzida por Walter Lippmann em sua obra *Public Opinion*, em 1922. Lippman (2010 [1922]) explica que os estereótipos são modelos mentais fixos e parte de cada cultura, e são transmitidos de geração em geração. Tais imagens mentais são formadas a partir dos valores do indivíduo, seu conhecimento e seu acesso a informações e estão atrelados a determinados sentimentos, sendo assim os estereótipos são inicialmente construções cognitivas individuais. Os estereótipos possuem bases emocionais e trazem consigo “juízos de valor preconcebidos, preconceitos e atuam em nossa vontade” (BACCEGA, 1998, p. 11). Essas representações mentais desempenham um papel importante como ponte para o processamento de informações sobre um ambiente social complexo (TAJFEL, 1981). Para Lippman (2010 [1922]), o humano é incapaz de perceber todas as especificidades das pessoas e dos acontecimentos que o rodeiam, e, por isso, o indivíduo recorre a estereótipos para enquadrar uma determinada pessoa em um tipo já conhecido. Os estereótipos são um tipo de economia mental onde não há necessidade de se ter tido uma experiência prévia com o objeto da representação mental, por isso os estereótipos se tornam um elemento importante na relação entre grupos (FERRERIRA, 2012).

ou seja, os elementos cômicos só nos fazem rir porque possuem significados culturais nos meios em que o humor se manifesta.

2.1.2. Teoria do alívio

Freud acreditava que havia uma conexão entre todos os acontecimentos e a nossa mente, e o riso não seria uma exceção. Em sua monografia sobre chistes, Freud (2017[1905]) descreve uma série de técnicas utilizadas nas construções de trocadilhos e afirma que elas seriam as mesmas utilizadas pelo inconsciente na produção de sonhos. Embora chistes e sonhos operem pelos mesmos métodos, eles trabalham sob óticas diferentes. Os sonhos seriam produtos assexuais, voltados para o nosso interior, enquanto o chiste seria uma produção com a finalidade de ser compartilhado socialmente (ibidem).

Para o psicanalista, rir seria "uma operação por meio da qual o psiquismo humano produz uma descarga de energia mental" (MOREIRA, 2020, p.74). Em outras palavras, quando rimos, encontramos uma forma de alívio momentâneo, uma vez que utilizamos uma grande quantidade de energia para a manutenção de certas inibições. Então, quando rimos ou fazemos piada, relaxamos "tal repressão superegoica, poupamos o esforço inconsciente que ela demanda" (EAGLETON, 2020, p. 20), porque o prazer proporcionado pelo riso iria contra as forças da razão ou supressão.

A teoria do alívio proposta por Freud também é relevante porque busca explicar a existência do humor hostil ou tendencioso, aquele que tem como objetivo humilhar o outro. O indivíduo possuiria vários padrões culturais internalizados, de modo que o humor seria uma ferramenta utilizada para quebrar tabus e superar a censura imposta pelo superego de forma socialmente aceitável (FREUD, 2017[1905]). Através do humor, seria possível expressar discursos com sentidos censurados ou proibidos, seja porque desafiam um padrão de comportamento estabelecido ou porque tais opiniões refletem comportamentos considerados superados ou extintos (ibidem).

Rir, nessa conjuntura, seria uma forma de catarse, pois o indivíduo impossibilitado de expressar sua agressividade em relação ao outro através da violência física encontraria satisfação através de piadas para seus impulsos agressivos (FERGUSON; FORD, 2008). Torna-se importante ressaltar que as pesquisas que aprofundam os efeitos da hipótese catártica apresentam divergências em relação aos seus resultados. Em sua revisão sobre o humor, Ferguson e Ford (2008) apontam que há estudos que indicam que a exposição ao humor derogatório diminuiria os impulsos agressivos dos indivíduos, enquanto há

aqueles que apontam um aumento da indisposição entre o agressor e o alvo da piada hostil. Por mais que haja essa divergência, há alguns aspectos importantes a se apontar sobre a teoria do alívio.

Em artigos posteriores, Freud ressaltou novamente o poder catártico do riso. Neles, o psicanalista afirma que o humor poderia ser utilizado para a superação de traumas, pois ao rir do passado, o indivíduo demonstraria inaptidão para o sofrimento que o mundo possa ter causado (CAPELOTTI, 2022). Tal explicação pode ser aplicada ao humor autodepreciativo, que também trabalha com elementos da teoria da superioridade. Esse tipo de humor pode ser uma forma de combater uma posição de inferioridade, pois ao “adotar a degradante visão alheia e exibi-la como própria pode desarmar a outra pessoa” (EAGLETON, 2020, p. 56), pois expõe o preconceito ao ridículo e demonstra quão inapropriada tal manifestação de ódio é.

De certo modo, a teoria da superioridade e do alívio são passíveis de diálogo entre si, porque, por mais que apresentem bases conceituais diferentes, elas têm como ênfase o contexto social em que o humor se manifesta, dando centralidade às relações entre aqueles que riem e os alvos do riso (FERGUSON; FORD, 2008). Outro exemplo dessa convergência entre essas duas teorias é que, como Moreira (2020) explica, o humor só é praticado em grupo. No caso do humor derogatório, os membros de um mesmo grupo direcionam seus impulsos agressivos a alvos específicos que eles julgam ser inferiores. Ao fazerem isso, eles submetem os grupos subalternos a um tipo de dominação por meio do humor, o que seria uma forma de domínio mais aceitável do que o uso da força física e mascararia também o sentimento de superioridade em relação ao outro, pois o humor tende a ser visto de forma benigna (FIGUEIREDO, 2012).

2.1.3. Teoria do incongruidade

Também chamada de teoria cognitiva, essa linha trabalha com a ideia de que "o humor é produto da percepção de que um ato ou um fato se desvia de uma norma ou uma expectativa que temos sobre como situações ou ações deveriam ser governadas" (MOREIRA, 2020). Sendo assim, o que provoca o riso seria fruto de uma "confusão mental" causada pela existência de ideias incompatíveis que são apresentadas de forma conjunta. Essa "confusão mental", como Berger (1987) aponta, tende a gerar um estranhamento no interlocutor e, para superar essa dissonância cognitiva, ele precisa decodificar a mensagem humorística até que ela faça sentido. Disso é interessante notar

que Freud (2017 [1905]) já havia observado que o prazer gerado por uma piada é derivado também da descoberta do sentido "oculto" dela pelo ouvinte.

A teoria da Incongruidade tem sido considerada a mais ampla de todas, pois ela é capaz de explicar uma das maiores expressões humorísticas de todas, as piadas (CAPELOTTI, 2022; FIGUEIREDO, 2012). Para isso, utiliza-se como base as ideias de Raskin sobre a leitura de textos humorísticos. Para ele, o efeito cômico é causado devido à presença de múltiplos scripts que se opõem de uma forma especial, a incongruência surge da passagem de um script para o outro, uma vez que eles possuem naturezas opostas. Porém, no texto humorístico, há um "gatilho" que faz a mudança do significado para o outro possível (CAPELOTTI, 2022; PINCELLI; AMÉRICO, 2019; POSSENTI, 2020).

Ao subverter a expectativa inicial, cria-se o efeito cômico que gera a risada. Todavia, como Possenti (2020) enfatiza, a não percepção do gatilho pode fazer com que o interlocutor da piada não a entenda e, conseqüentemente, não ria. Ele explica que simplesmente ler o "texto" não bastaria. Por isso, seguindo procedimentos da análise do discurso proposto por Maingueneau, Possenti (2020) sugere que é preciso também levar em conta os saberes específicos de cada leitor da piada, pois isso pode contribuir ou não para a compreensão dela.

Isso nos leva a um ponto de convergência entre as três teorias do riso apresentadas. Embora a teoria da incongruência enfatize a estrutura da mensagem (FERGUSON; FORD, 2008), a necessidade de o leitor possuir um determinado tipo de conhecimento para superar a dissociação cognitiva remete à questão do pertencimento a um grupo. Como Tajfel e Turner (1979) identificaram, cada grupo possui um conjunto de ideias, comportamentos e crenças que seus membros compartilham, e isso é importante, uma vez que a teoria da superioridade proposta por Wolf et al. (1934) afirma que essas ideologias são essenciais para a decodificação das piadas.

Seria por essa razão que o humor realizado entre grupos, principalmente o derogatório, é mais sutil, "porque trafega menos pelo dito e mais pelo não dito ou ainda que dito pela ambigüidade dos termos" (FIGUEIREDO, 2012, p. 182). Sem possuir o conhecimento daquele grupo, o alvo da piada não percebe o gatilho e não entende por que ela é engraçada, o que torna a piada restrita ao grupo.

Ao mesmo tempo, a incongruência pode ser manifestada de diversas formas além do uso de scripts opostos. Ela "pode ser produto de falas e atos que apresentam algum tipo de inconsistência lógica, pelo uso de termos que violam normas gramaticais, (...) ou pela simples violação de convenções culturais que regulam nossas expectativas" (MOREIRA, 2020, p. 77). Dessa forma, a incongruência também dialoga com a teoria do alívio, pois, como avaliou Freud (2017 [1905]), o prazer causado pelo humor surge da transgressão de convenções sociais internalizadas. Uma vez revisadas essas três teorias do riso, é possível prosseguir para a análise do humor troll, onde também se tensionarão essas teorias com as características já apontadas da trollagem.

2.2. Por que os trolls riem?

Quando se discute o humor na trollagem, é importante explorar a conexão íntima entre a subcultura troll e os memes (BASTON; KENYAH-DAMPTEY, 2020; PHILLIPS, 2015). O termo "meme" foi cunhado por Richard Dawkins para descrever artefatos culturais que poderiam ser replicados e modificados, agindo como um "vírus da mente" em busca de disseminação eficaz (CHAGAS, 2021). Um ponto que Davison (2020) destaca é que, se os memes representam comportamentos humanos de uma cultura, eles também envolvem um processo mental de observação e aprendizagem. Shifman (2014) afirma que, independentemente do número de pessoas que os compartilham, os memes têm um grande impacto na moldagem dos mindsets, comportamentos e ações dos grupos sociais.

No entanto, há um problema conceitual com a palavra meme. Originalmente, ela estava ligada aos estudos que investigavam a transmissão de informações e era mais utilizada em trabalhos acadêmicos e científicos. Com o tempo, foi adotada pelos entusiastas da tecnologia digital, responsáveis pela popularização dos memes na internet (CHAGAS, 2021). Como resultado, o termo meme adquiriu um sentido coloquial, representando piadas, trocadilhos e outros conteúdos virais que ganham alcance rapidamente nas comunidades online (DAVISON, 2020).

Shifman (2014) aprofunda a discussão, sugerindo que os memes devem ser entendidos como um tipo de mídia, não como um conteúdo propagado de forma unitária. Os memes são um grupo de conteúdos que dialogam entre si devido a características em comum e aos significados compartilhados dentro de um determinado contexto. Além disso, Shifman (2014) argumenta que os memes são criados a partir da participação dos usuários da internet, que adicionam novos significados aos memes.

A presença do humor nos memes⁵³ pode ser atribuída ao fato de que, assim como esse tipo de mídia, o humor não deve ser analisado em sua unidade, mas é preciso compreender o contexto social em que ele está inserido (LEGMAN, 1971). Tanto a teoria da superioridade quanto a do alívio demonstram que a construção de sentido é um dos fatores que contribuem para o efeito cômico. Por mais relevante que a forma seja para que uma mensagem seja engraçada, os sentidos ocultos dependem dos sentidos culturais compartilhados entre os interlocutores da manifestação humorística (ibidem).

E como os memes e os trolls estão relacionados? Embora seja impossível dizer onde e quando surgiu o primeiro meme da internet, pode-se afirmar que a produção em massa de memes por trolls teve um papel fundamental na popularização desse tipo de mídia. Como Phillips (2015) descreve, nos primeiros espaços digitais ocupados por trolls, o uso de referências meméticas estava presente em quase todas as conversas entre membros dessa subcultura. Mas os memes não eram usados apenas para gerar um efeito cômico nas mensagens, mas também como um sistema comunicacional próprio (PHILLIPS, 2015).

Voltando um passo atrás para entender isso, como já estabelecido, o humor reflete um sistema cultural de um determinado grupo. Logo, uma piada ou qualquer expressão de humor reflete ideias, crenças e atitudes, de modo que ele pode ser utilizado como uma forma de linguagem (LEGMAN, 1971; PHILLIPS, 2015; DECOOK, 2020). A variante da teoria da superioridade de Wolf et al. (1934) é exemplar para compreender isso, pois a piada interna é sutil e, por isso, pessoas de fora do grupo são incapazes de compreendê-la. Por outro lado, os membros do grupo conseguem entender o que seus pares querem dizer, mesmo com poucos sinais.

Quando isso é transportado para o contexto dos memes, fica claro por que os memes eram e são utilizados como uma forma de comunicação. No caso dos trolls, eles seriam então os únicos que compreenderiam e interpretariam de forma clara e coerente o significado de cada meme produzido por eles e a forma como se relacionam, o que impede que "forasteiros" participem ou entendam as conversas estabelecidas entre eles. É relevante lembrar que Meyer (2000) havia notado que o humor também pode gerar uma

53 É plausível de se supor que essa inclinação ao humor que os memes apresentam é uma das razões pelas quais os memes são consideradas como "piadas virtuais".

identificação entre os interlocutores de uma mensagem humorística, aumentando o sentimento de coesão entre o grupo, o que reforça a ideia de que a trollagem atua como um *boundary maintenance*.



Figura 1 - Pedobear, um meme criado pelos usuários do 4chan.

O meme conhecido como Pedobear (figura 1) ilustra perfeitamente o que foi discutido até aqui. Originalmente, a imagem é um desenho do "Safety Bear", uma mascote japonesa que indica que determinado anime apresenta conteúdo inapropriado para crianças. No 4chan, ele passou a ser usado de forma irônica, como uma crítica implícita de que um usuário tem predileção por meninas ou meninos menores de idade (PHILLIPS, 2015, p.86), ao mesmo tempo que seu uso indica aos moderadores do site que o conteúdo postado viola as regras da comunidade. Mas, quando o meme do Pedobear foi exportado para fora das comunidades do 4chan, os usuários da rede que não conheciam seu real significado passaram a interpretá-lo de forma errada, considerando-o um símbolo que glorifica a pedofilia.

Por sua vez, essa discussão sobre memes e sistema comunicacional nos leva inevitavelmente à questão da ambivalência, pois os memes podem moldar certos comportamentos, assim como a ambivalência (DECOOK, 2020; KORYBKO, 2018; LEINER, 2020; Shifman, 2014). Phillips (2019), em ensaio sobre como a cultura dos memes contribuiu para a ascensão da extrema-direita nos EUA, explicita uma das formas como isso foi feito. A autora relembra que, no início dos anos 2000, quando a Internet ainda estava em seus primórdios, ao mesmo tempo em que convivíamos com memes inofensivos como os de gatos, também éramos obrigados a ver memes que zombavam de pessoas com deficiência ou vulgarizavam o nazismo. Como Phillips (2019) observa, ao

sermos obrigados a conviver com memes que humilhavam algum grupo social ou étnico, tínhamos duas opções: ignorá-lo ou rir. Em ambos os casos, havia uma necessidade de se desconectar das potenciais vítimas daquele conteúdo e das consequências que aquele tipo de meme poderia causar.

Com o que já foi discutido até agora, não é difícil compreender por que Phillips (2019) chega à conclusão de que a subcultura troll foi fundamental para a manutenção de uma supremacia branca, violenta e pervasiva disfarçada de piada, pois, ao produzir conteúdo que exigia essa apatia emocional com os alvos do humor troll, ficamos mais tolerantes a conviver com manifestações do discurso de ódio. A pesquisadora infere que isso foi fundamental para o sucesso de políticos reacionários como Bolsonaro e Trump, pois criou-se uma cultura que favorece o compartilhamento de ideias reacionárias.

Mas o sucesso do fenômeno dos memes da Internet não pode ser reduzido ao fato de serem um tipo de expressão do humor. Shifman (2014), com base nos estudos de Berger e Milkman, aponta que há seis fatores que levam as pessoas a compartilhar conteúdos nas plataformas sociais:

- 1) **Positividade (e humor):** as pessoas tendem a compartilhar mais histórias que consideram positivas do que negativas. Além disso, elas também preferem compartilhar itens que consideram interessantes ou úteis.
- 2) **Emocionalmente provocativo:** as pessoas tendem a compartilhar conteúdo que gere alguma reação emocional nelas, seja positiva ou negativa, porque isso pode ser uma forma de expressar suas opiniões e sentimentos.
- 3) **Simplificação das narrativas:** um dos aspectos primordiais do conteúdo viral é a simplificação de sua mensagem, pois isso torna o conteúdo mais fácil de ser compreendido e decodificado.
- 4) **Prestígio:** esse fator está mais relacionado ao status da fonte do conteúdo. Quanto mais famosa for a fonte, maiores as chances de seu conteúdo ser compartilhado.
- 5) **Posicionamento:** o espaço em que a mensagem se localiza na rede social de um indivíduo e como esse conteúdo se relaciona com certos atores pode influenciar se a mensagem será compartilhada ou não.
- 6) **Participação: conteúdo que permite maior interação entre os receptores tende a ser** mais compartilhado, pois encoraja as pessoas a participarem de sua propagação.

Chagas et al. (2017) apontam que os memes apresentam pelo menos três desses atributos: "O internauta posta, compartilha e curte o que julga interessante (positividade), o que reflete suas impressões sobre um tema (packaging), o que o afeta ou o sensibiliza de alguma forma (provocation)⁵⁴" (CHAGAS et al., 2017, p.179)⁵⁵. Agora, somando-se esses fatores ao modo como os algoritmos atuam na distribuição de informação nas plataformas sociais, tem-se uma explicação para as razões que levam à alta capilaridade dos memes nas mídias sociais.

Com base nos argumentos apresentados até agora, é compreensível por que "um mecanismo importante da trollagem é o uso de memes⁵⁶" (BASTON; KENYAH-DAMPTEY, 2020, p.668), razão pela qual trabalhos como o de Nascimento (2021) se dedicam a estudar os memes bolsonaristas e como eles representam as ideias compartilhadas por esses grupos. Os memes são conteúdos com alta probabilidade de compartilhamento, o que é perfeito para a espetacularização que os trolls buscam, pois a popularidade que alguns memes alcançam tem os transformado em pautas jornalísticas (FRANGE, 2017). Ao mesmo tempo, os memes, por serem produtos culturais, dependem de um repertório cultural específico que o interlocutor pode ou não ter, o que inevitavelmente leva à questão da ambivalência (PHILLIPS; MILLER, 2017). Os memes também podem apresentar o elemento da transgressão, basta pensar nos produzidos por membros da extrema-direita que carregam consigo um discurso de ódio que viola os direitos humanos (DECOOK, 2020; ECKSTRAND, 2018).

No entanto, é importante observar que os memes também podem apresentar outros atributos apontados por Berger e Milkman (apud SHIFMAN, 2014). Como Chagas (2020b) analisa, os memes produzidos pela extrema-direita brasileira ligada a Bolsonaro apresentam uma visão simplificada dos fatos. De fato, comunicadores podem usar o humor como uma forma de sintetizar pontos de vista, opiniões e crenças em mensagens de fácil memorização (MEYER, 2000). O problema é que os memes contribuíram para a

54 Chagas et al. (2017) aponta também que o humor responde a esses três aspectos também, por isso é possível afirmar que o humor é uma característica presente nos memes.

55 É importante apontar que o humor também apresenta essas três características, por isso ele é um elemento presente nos memes (CHAGAS et al., 2017).

56 No original: *One important mechanism of trolling is the use of memes.*

produção de uma mitologia política em torno de Bolsonaro e seus aliados (NAMISE, 2019)⁵⁷.

O que é importante notar é que a simplificação de uma narrativa presente nos memes em geral dialoga perfeitamente com estratégias de comunicação populistas. Para Mansbridge e Macedo (2019), uma das principais características do populismo é exatamente a simplificação de situações complexas. Girardet (1989), quando estudou os mitos políticos de seu tempo, já havia apontado como cada narrativa mitológica buscava esclarecer de forma extremamente simples situações de crises sociais, econômicas e políticas que tendem a ter causas complexas. Elas tornariam essas situações inteligíveis para as pessoas, o que pode contribuir para a reafirmação de crenças e ideias já internalizadas no indivíduo (GIRARDET, 1987; SANTOS, 2020). O problema é que ao fazer isso, há também uma ativação de sentimentos coletivos, como medo e o ódio, que podem levar a encarar o outro como um inimigo que precisa ser destruído (GIRARDET, 1989; DIBAI, 2018; ALONSO, 2019; NAMISE, 2019).

E isso pode ser perigoso, pois se os memes podem moldar comportamentos e pensamentos, já que eles “apelam para crenças já existentes dos indivíduos, plantam ideias e reforçam certas sensações de identificação com grupos específicos, contra o qual é sempre difícil agir” (CHAGAS, 2020b, p. 11). É possível inferir que memes podem levar a naturalização de certas ideias e a radicalização das pessoas, o que é vantajoso para trolls políticos, que buscam criar uma base de apoio fiel.

Mas memes não surgem do nada, Nascimento (2021) demonstra como memes compartilhados por grupos de extrema-direita são criados a partir de declarações e episódios protagonizados por atores políticos desse espectro, principalmente Bolsonaro, e que devido a todas as características dos memes, os discursos de ódio disfarçados de peças de memes acabam ganhando uma capilaridade e passam a fazer parte do debate público da sociedade. A partir dessa perspectiva, é interessante a observação feita por Lago (2018) de que os discursos de Bolsonaro apresentam um raciocínio fragmentado,

⁵⁷ Chamou-se a atenção de como a mídia e outros fatores econômicos e sociais foram fundamentais para a criação de certas imagens: o Partido dos Trabalhadores (PT) como o grande mal da nação, tendo Lula como seu líder; Jair Bolsonaro como líder e salvador do Brasil; como os tempos antes dos governos petistas eram melhores; e que o povo brasileiro deveria se unir para derrotar a conspiração comunista/petista. Tais elementos estão presentes nos memes analisados por Chagas (2020b), o que corrobora para a discussão feita até aqui.

como se fossem elaborados para se tornarem memes. Há vários exemplos disso durante as eleições de 2018, onde foi possível observar que muitos memes foram produzidos com base nas declarações e episódios protagonizados pelos candidatos. Basta pensar em qualquer episódio “polêmico” de Bolsonaro que se tornou um tipo de meme, talvez o caso mais emblemático seja o do “Kit Gay”.

Na noite do dia 28 de agosto de 2018, Jair Bolsonaro foi entrevistado por jornalistas do Jornal Nacional, da Rede Globo. Em dado momento, o até então candidato mostrou o livro *Aparelho sexual e Cia* e afirmou que aquela obra fazia parte do chamado “kit gay” e estava disponível nas bibliotecas das escolas públicas do país⁵⁸. Não era a primeira vez que Bolsonaro falava sobre o tal kit, em novembro de 2010, ele denunciou pela primeira vez tal matéria no Congresso Nacional⁵⁹.

Fiori Arantes et al. (2021) apontam que esse episódio pode ser visto como um tipo de trolling, e que após a apresentação do “kit gay”, surgiram diversos conteúdos que dialogavam com o ocorrido e até mesmo buscavam dar verossimilhança e referendar o ocorrido, como, por exemplo, o da “mamadeira de piroca”. Não se fará uma análise profunda sobre o ocorrido, porque trabalhos como o de Fiori Arantes et al. (2021) já se dedicaram a isso, o que se busca assinalar é que a trolling de Bolsonaro estimulou o reforço de um estereótipo negativo em torno dos membros da comunidade LGBTQIA+, e que tal ideia foi impulsionada justamente pela criação de memes que giravam em torno dessa imagem pejorativa.

É necessário ficar atento a que as trollagens podem reforçar certos estereótipos, ao mesmo tempo que o uso dessas imagens pode provocar um efeito cômico. Afinal, o uso desse recurso simboliza a associação entre humor e identidade, já apontada pelas teorias da superioridade. Uma problemática advinda do uso desse artifício é que o humor estereotipado acaba ofuscando os confrontos identitários, pois esse embate tende a ser apagado, criando a "impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto da realidade" (POSSENTI, 2021, p. 56).

58 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2TLNfbELJqw>

59 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kWHmrkzR6GA>

Por esse ângulo, o *lulz* provocado pela trollagem é um riso de superioridade em sua mais simples essência, a de se sentir realmente superior sobre o outro. Isso é perigoso devido à capacidade do riso de superioridade em estimular o antagonismo excludente entre grupos opostos, levando a uma polarização social e ideológica (MEYER, 2000; MILNER, 2012). Isso deve ser visto com preocupação, pois a trollagem pode ser uma manifestação de ideologias excludentes (MILNER, 2012; PHILLIPS, 2019). E, como Chagas (2021) avalia, "na maior parte das vezes, o humor é tratado como efeito ou sintoma e não como estratégia discursiva". Dessa forma, o humor pode ser um meio para a propagação de uma mensagem, sendo usado para causar impactos negativos em seus alvos (MOREIRA, 2020; MORREALL, 2005).

No caso da política, o uso do humor não é novidade. Aqueles que estão no poder aprenderam a conviver com piadas e brincadeiras, pois "um poder que não aceita a zombaria é um poder ameaçado, desprezado, votado a desaparecer. Só se zomba daquilo que ainda inspira algum respeito; o cúmulo do desprezo é a indiferença" (MINOIS, 2003, p. 596). Tornou-se benéfico para eles demonstrar bom humor, já que isso os aproxima da população que governam e ajuda a ganhar popularidade (WILKINS, 1993).

Além disso, o humor utilizado por políticos serve como ferramenta argumentativa para diminuir o impacto de notícias ruins, desmontar críticas contra eles e fazer seus oponentes parecerem estúpidos (MORREALL, 2005). Ao rir de algo, o indivíduo demonstra que não leva aquilo a sério (CAPETTOLLI, 2022). Dessa forma, o humor se torna uma forma de desacreditar adversários, fontes e crenças alternativas, constituindo-se, com base nos trabalhos de Van Dijk (2008), como uma das estruturas do discurso que representam uma manipulação cognitiva.

Nessa linha de pensamento, Moreira (2020), em seu trabalho sobre o que ele denomina racismo recreativo, explica como o humor, principalmente o derogatório, é utilizado como uma política cultural para legitimar arranjos sociais excludentes. Ao reproduzir de forma pejorativa grupos historicamente oprimidos, piadas e brincadeiras derogatórias reforçam o sentimento e a crença sobre os membros desses segmentos não serem atores sociais competentes, ou seja, eles são desqualificados para uma participação social, cultural e política mais ampla, o que pode ser configurado como um tipo de violência simbólica.

As trollagens performadas pela extrema direita, incluindo o bolsonarismo, atuam dessa forma. Volta-se ao caso do "kit gay" que, ao relacionar a homossexualidade à

pedofilia, promove a exclusão social dos membros da comunidade LGBT e mobiliza politicamente parte do eleitorado a partir do estabelecimento de uma pauta moral que promove o sentimento de medo e ameaça (CARDOSO, 2019). Esses dois elementos são indispensáveis para uma coesão social, que permite às lideranças populares e autoridades políticas agirem de forma autoritária para garantir um controle social (COHEN, 1987; MANCEDO; MANSBRIDGE, 2019).

Mas como muitos consideram que o humor possui uma natureza benigna (BILLING, 2001), acaba-se por desconsiderar os impactos psicológicos e as significações sociais negativas que o humor depreciativo pode ter (MOREIRA, 2020). É por isso que o humor é tão valorizado pelos trolls da extrema direita. O humor combinado com vulgaridade tende a confundir as pessoas, levando-as a discutir questões que não atrapalham o compartilhamento das mensagens de ódio. Além disso, ele também encobre o sentimento de superioridade e a hostilidade em relação a determinados grupos, garantindo a manutenção de um sistema assimétrico de poder social, cultural e econômico (DECOOK, 2020; FIGUREIREDO, 2012; MOREIRA, 2020; ROMANO, 2019).

O humor na trollagem, além de mascarar as diversas transgressões contra os direitos humanos que os trolls, como Bolsonaro, perpetuam, permite que as pessoas mantenham uma representatividade positiva de si mesmas ao encobrir seus sentimentos de hostilidade e superioridade em relação aos membros dos grupos que consideram inferiores (CHAGAS, 2021; MOREIRA, 2020). Simultaneamente, o uso do humor pode ser visto como ferramenta retórica para justificar essas mesmas transgressões. Como Chagas (2020a) aponta, há uma insistência por atores da extrema direita em utilizar a desculpa de "foi uma brincadeira/piada" para defender suas posições reacionárias proferidas publicamente. Ao fazer isso, transforma-se o ofensor em vítima, e os trolls buscam deslegitimar as falas daqueles que os reprovam, na tentativa de "desqualificar qualquer alteração do paradigma social vigente fundado na desigualdade e opressão" (GRUDA, 2014, p. 153).

O argumento de serem vítimas é facilmente refutável quando se pensa nas características de uma brincadeira ou piada. Por mais que na linguagem popular essas duas palavras possam ser utilizadas como sinônimos, teoricamente elas possuem definições distintas. No entanto, há um ponto em comum entre as duas: a questão de um elemento metacomunicativo. Esse termo é utilizado por Bateson (1972) para indicar elementos implícitos ou explícitos na mensagem em que o assunto do discurso é a

linguagem. Simplificando, a metalinguagem diz respeito a sinais que indicam que os participantes devem reconhecer que a interação entre eles é algo lúdico e não deve ser levado de forma literal (BATESON, 1972).

Contudo, nas declarações de Bolsonaro, assim como de outras figuras reacionárias, o elemento metacomunicativo é frequentemente enunciado posteriormente, o que leva a uma reordenação dos quadros.

Não se trata, portanto, de uma situação que nos coloca apenas diante de um humor questionável, mas de uma estratégia que borra intencionalmente as fronteiras entre o decoro da autoridade política atendendo a um pronunciamento público e comportamentos ou sentimentos privados, isto é, uma conversão de uma ação séria em brincadeira política⁶⁰, como ritual de defesa. (CHAGAS, 2020a, p.11).

Podem parecer incoerente a transformação das ações realizadas por tais figuras em brincadeiras políticas, já que Bennett (1979) define essa atividade como exercida por grupos marginalizados. No entanto, dentro de uma lógica reacionária, essa transformação faz todo sentido. Como Cyril-Lynch e Paschoeto-Cassimiro (2021) explicam, o reacionarismo é uma ideologia que surge da resistência ao avanço da igualdade social e, por isso, há uma tentativa de restaurar uma "ordem" perdida. Nessa visão de mundo, o reacionário se sente oprimido pelas mudanças sociais que alteraram o status quo da sociedade em que vive.

A partir das reflexões feitas neste capítulo, é perceptível que, assim como as outras características estudadas até aqui, o humor se apresenta como uma das peças fundamentais para entender a trollagem. Sem a compreensão de como o humor opera nesse tipo de ação, não é possível ter uma visão completa de como os elementos da

60 O conceito de brincadeira política foi elaborado por Bennett (1979), que a define como a forma de brincadeira social mais dramática e que tem mais consequências (CHAGAS, 2020a, p.5). Segundo o cientista político, a brincadeira política apresenta um caráter libertador, uma vez que nesse processo de transformação de significados, o indivíduo é colocado em uma posição de interpretação de contextos sociais, o que lhe permite ter insights sobre convenções sociais às quais ele está submetido. Para esse autor, isso seria impossível através de ações ordinárias, pois a consciência humana seria limitada pelas rotinas sociais mundanas. Sendo assim, a brincadeira política incide sobre um questionamento à autoridade e às relações de poder como fontes de alienação (CHAGAS, 2020a, p.5). Não é à toa que Bennett (1979) aponta que a brincadeira política é uma das principais formas de expressão para grupos reprimidos ou de pessoas alienadas que não possuem sofisticação ideológica para pensar criticamente sobre o mundo político (BENNETT, 1979, p. 336). A brincadeira possibilita que aqueles que não compreendem todos os mecanismos que regem a ordem política e social em que estão inseridos possam criar uma estrutura de ação e comunicação que simplifica sua realidade vivida. Conseqüentemente, essa ação lhes permite explorar de forma mais clara as estruturas sociais em que estão envolvidos, de modo que a partir disso possam questioná-las.

ambivalência, estética do espetáculo e transgressão interagem entre si. Feita a revisão teórica sobre os principais pontos da trollagem, é possível prosseguir para a parte metodológica deste trabalho.

3. COMO SE ANALISA UMA TROLLAGEM?

Discutir a metodologia de um trabalho "consiste em estudar e avaliar vários métodos disponíveis, identificando suas limitações ou implicações de suas utilizações" (BARROS e LEHFELD, 1986, p.1, apud. PERROTTI PIETRANGELO, 2005, p. 97). Portanto, não basta apenas descrever os caminhos escolhidos para analisar as trollagens de Bolsonaro, é necessário explicar as razões para tais escolhas. A ambivalência apresentou-se inicialmente como um problema, pois devido às múltiplas interpretações possíveis de uma mesma trollagem, não seria possível encarar a linguagem como neutra ou totalmente homogênea. Um caminho que se mostrou viável para superar essa questão e que dialoga com os objetivos propostos é a Análise do Discurso (AD), pois esse conjunto de técnicas se apresenta como uma ferramenta importante "para a reflexão sobre a estrutura e a geração do sentido do texto" (GREGOLIN, 2001, p. 20).

Essa escolha se mostrou a mais propícia quando se leva em consideração o trabalho de Avelar (2021). Em seu livro "Eles em nós", esse pesquisador conduziu uma análise do discurso sobre a retórica bolsonarista e evidenciou o que ele chamou de linguagem troll⁶¹. Por mais que o objetivo de Avelar (2021) não fosse estudar a trollagem política, ele apontou a importância das quatro características da trollagem como essenciais para o sucesso da retórica bolsonarista. A dissertação produzida por Nascimento (2021) foi outro indicativo de que uma análise do discurso seria um caminho propício, pois essa autora utilizou técnicas da AD para avaliar como o discurso de ódio é camuflado em memes bolsonaristas.

Entre as várias ramificações da AD, optou-se por um método que tivesse sido desenvolvido dentro dos Estudos Críticos do Discurso (ECD)⁶², uma vez que as técnicas

61 Segundo Avelar (2021), a linguagem troll se utiliza da agressividade contra o interlocutor, do uso de factóides para confundir e propagar inverdades, além do uso da ambiguidade. Esses elementos correspondem à maioria das características apontadas neste trabalho, o que fortalece o argumento de que elas são primordiais em todos os tipos de trollagem.

62 Embora o termo mais conhecido seja Análise Crítica do Discurso (ACD), Van Dijk (2018) prefere o uso de Estudos Críticos do Discurso, por entender que não existe um único tipo de método de análise do discurso, mas sim um conjunto de práticas acadêmicas distribuídas por todas as ciências humanas e sociais.

analíticas desenvolvidas nessa disciplina estudam as relações de poder na sociedade, mais especificamente as que legitimam o abuso do poder, que deve ser entendido como o uso ilegítimo do mesmo (VAN DIJK, 2018)⁶³. Além disso, os ECD buscam investigar como o discurso pode construir “as representações e identidades sociais e os sistemas de conhecimento e crença” (MELO, 2009). Esses dois aspectos da ECD dialogam com características da trollagem política e do humor, como elas contribuem para uma identificação entre os membros do intergrupo, reforçam certas crenças e aumentam a polarização entre grupos.

Agora, é preciso lembrar que os ECD não são uma linha de pesquisa homogênea. Pelo contrário, oferecem uma variedade de instrumentos para compreender a construção do sentido e do significado (CARVALHO, 2000, p. 155). Existem, dentro da ECD, ao menos seis vertentes principais: Histórico-Discursiva (Reisigl e Wodak), Linguística de Corpus (Mautner), Análise de Dispositivo (Jäger e Maier), Teoria das Representações de Atores Sociais (van Leeuwen), Sociocognitiva (Van Dijk) e Dialético-Relacional (Fairclough) (WODAK e MEYER, 2009). Nessa dissertação, optou-se por seguir o método sociocognitivo de Van Dijk pelas razões explicadas a seguir.

Nas seções sobre ambivalência e humor, foi estabelecido que a trollagem trabalha com processos cognitivos que podem contribuir para o fortalecimento de ideias e atitudes de um indivíduo. Enquanto outros autores dos ECD se concentram na análise do discurso em si, Van Dijk (2018) considera que a interpretação e reação a um discurso dependem de fatores cognitivos dos receptores da mensagem. Portanto, o método elaborado por ele se mostra mais apropriado para analisar a trollagem em toda a sua conjuntura. É importante notar que, embora algumas modificações sejam necessárias na abordagem sociocognitiva de Van Dijk para aplicá-la ao contexto das trollagens políticas de Bolsonaro, isso será discutido posteriormente. Em primeiro lugar, os principais conceitos

63 É importante ressaltar que os trabalhos produzidos a partir da ECD, diferentemente de outras disciplinas, não são neutros. Pelo contrário, os estudiosos estão comprometidos com um engajamento em favor dos dominados, de modo que as produções dessa área possam contribuir para uma mudança social em benefício desses grupos subjugados (VAN DIJK, 2018). Isso não significa que, embora comprometido politicamente, o ECD não apresente rigor científico durante a pesquisa. Pelo contrário, por lidar com problemas sociais complexos que podem beneficiar um grupo dominado, é necessário desenvolver e aplicar teorias e métodos complexos de várias disciplinas. Isso significa que "os critérios de pesquisa para a pesquisa em ECD são frequentemente mais exigentes do que para outras formas de estudo de discurso" (VAN DIJK, 2018, p. 17).

presentes na teoria de Van Dijk devem ser explorados. Após isso, o percurso metodológico adotado neste trabalho será explicado.

3.1. O método sociocognitivo de Van Dijk

Parte das vertentes da ECD tende a postular uma ligação direta entre sociedade e discurso, porém Van Dijk rejeita essa ideia e afirma que é necessário considerar uma interface cognitiva que serviria de mediadora entre os aspectos sociais e o discurso. Logo, a abordagem proposta por esse autor trabalha com uma estrutura triangular analítica Discurso – Cognição – Sociedade (PEREIRA, 2020). Para Van Dijk (2018), considerar os aspectos cognitivos é essencial, pois se a situação social determinasse as estruturas dos discursos, todos produziriam interpretações semelhantes. Todavia, o que se tem é que há variações individuais, que seriam causadas pela interferência das diferentes interfaces cognitivas. Mas analisar o discurso apenas por esse aspecto não é suficiente, como Van Dijk (2001) aponta, há uma necessidade de levar em conta também o contexto (nos níveis local e global) do discurso.

Essa breve introdução ao método sociocognitivo de Van Dijk indica que há pelo menos quatro elementos que devem ser explorados para compreender os fundamentos dessa abordagem: discurso, cognição, sociedade e contexto. Para desenhar o percurso de análise que será adotado, serão explorados componentes-chave que orbitam em torno desses quatro pilares, dividindo-se assim esta primeira parte do capítulo em quatro partes correspondentes a cada um desses conceitos-chave.

3.1.1. Cognição

“A interface cognitiva das relações entre discurso e sociedade é tão complexa quanto às próprias estruturas do discurso, por um lado, e às estruturas da sociedade, por outro” (VAN DIJK, 2016, p. s10). Devido a isso, Van Dijk dá ênfase a aspectos da estrutura e do papel da cognição pessoal e social que estão ligadas diretamente à produção e recepção do discurso. O autor dá atenção especial ao papel central dos modelos mentais, que seriam os responsáveis pelas variações nas interpretações e formulações dos discursos. Para entender esse conceito é preciso recorrer aos estudos de Sternberg (2010) sobre psicologia cognitiva. De acordo com esse autor, modelos mentais “são estruturas do conhecimento que os indivíduos elaboram para compreender e explicar suas experiências” (STERNBERG, 2010, p. 251). Esses modelos seriam construídos a partir de nosso conhecimento, crenças e experiências em relação a um determinado assunto, sendo que tais concepções podem ser tanto falsas quanto verdadeiras. Os modelos mentais influenciam a forma como o indivíduo age em relação a um determinado assunto.

Um exemplo prático de como os modelos mentais atuam é o caso das vacinas. Succ (2018) explica como o conhecimento, as crenças e opiniões sobre o tema somadas às experiências pessoais com a vacina determinam a recusa ou não de se vacinar:

Os determinantes da recusa/indecisão vacinal são complexos e podem ser atribuídos à confluência de vários fatores socioculturais, políticos e pessoais; dúvidas sobre a real necessidade das vacinas, preocupações com a segurança das vacinas, medo de possíveis eventos adversos, conceitos equivocados sobre a segurança e eficácia das vacinas, preocupações com a possível “superexposição do sistema imune”, experiências anteriores negativas com vacinas, desconfiança sobre a seriedade da indústria produtora de vacinas e o sistema de saúde, pensamentos heurísticos, questões filosóficas e religiosas podem estar envolvidos. (...)

A decisão de vacinar sofre a influência de fatores sociais que incluem a experiência pessoal, a história familiar, a opinião de amigos – ao lado de tantas outras decisões a serem tomadas em relação aos filhos – a relevância da vacinação pode perder o significado e a importância. O acesso às informações (e desinformações) sobre vacinas veiculadas nas mídias influencia a tomada de decisão sobre vacinar ou não vacinar. As mensagens nem sempre são corretas, o que acarreta sentimentos conflitantes – pais com conhecimento insuficiente sobre doenças preveníveis por vacinas podem apresentar atitudes negativas sobre vacinas e profissionais de saúde. (SUCCI, 2018).

Como pode ser visto, os modelos mentais fazem parte da dimensão pessoal dos receptores, mas ainda há uma dimensão social da cognição que deve ser levada em conta. "Os usuários da língua não são apenas indivíduos, mas também atores sociais, membros de grupos linguísticos, epistêmicos, comunidades sociais, grupos sociais, instituições e organizações" (VAN DIJK, 2016, p. 14). Logo, os indivíduos também compartilham conhecimentos, crenças, ideias e atitudes, e os modelos socialmente compartilhados tendem a guiar as inferências que moldam os modelos individuais. Por exemplo, só somos capazes de entender um modelo de situação mental pessoal e específico sobre vacinas se aplicarmos a ele um conhecimento mais geral sobre o mesmo tema⁶⁴.

Os esquemas cognitivos básicos de um grupo podem ser definidos como uma ideologia. Para Van Dijk (2018), ideologias são uma "consciência" de um grupo ou classe, que seria a materialização de suas práticas culturais, socioeconômicas, políticas e de seus interesses. Nesse sentido, o termo ideologia pode ser entendido como sistemas de crenças, conjuntos de ideias e atitudes que estariam ligados por algum tipo de estruturação ou interdependência funcional (CONVERSE, 1964). É importante destacar que o método

64 É interessante chamar a atenção para o fato que a partir da descrição feita nos capítulos anteriores sobre o esquema interpretativo de uma fala ambivalente, é perceptível que a estrutura dos modelos mentais dialoga perfeitamente com a trollagem. A interpretação de uma fala ambivalente depende de uma série de fatores, dentro delas, o seu conhecimento sociocultural, além da situação em que o receptor da mensagem está inserido, ou seja, de seus modelos mentais.

sociocognitivo adota uma concepção neutra para o conceito de ideologia⁶⁵, pois, diferente das concepções clássicas que consideram ideologia como ideias falsas, Van Dijk (2018) entende que todas as ideologias propõem uma construção da sociedade que depende dos interesses de determinado grupo.

Essa revisão sobre os principais componentes da interface cognitiva permite relacionar os modelos mentais pessoais aos socialmente compartilhados. Esse quadro da interface cognitiva ajuda a explicar como relações de poder são reproduzidas pelo discurso e outras práticas sociais.

As mentes dos usuários da língua são concretamente incorporadas em pessoas reais que, além de indivíduos únicos, são membros de grupos, instituições e organizações sociais, e que interagem e se comunicam com outros membros por meio do discurso. Assim, da mesma forma que precisamos de uma interface cognitiva para descrever e explicar várias propriedades do discurso, também precisamos de uma base social, tanto para a interação cognitiva quanto discursiva. (VAN DIJK, 2016, p. 17)

Agora, é preciso compreender como a ordem social influencia o discurso, o que implica explorar como ocorre a interação social entre diferentes grupos, classes ou outras formações sociais.

3.1.2. Sociedade

Van Dijk (2018) explica que os ECD buscam evidenciar o abuso de poder por meio do discurso. É inegável que existem várias definições para a noção de poder, que pode ser visto como poder individual ou social. Contudo, os ECD estão "especificamente interessados nas relações de poder social entre grupos, organizações ou instituições" (VAN DIJK, 2016, p.17). Para compreender de forma mais ampla como ocorrem as relações de poder, é necessário recorrer a alguns fundamentos da psicologia social.

É fato que é impossível não fazer parte de algum tipo de grupo, seja de amigos, pessoas ligadas por algum interesse em comum, causa social, trabalho etc. Como indivíduos, nossa identidade é baseada nas experiências de socialização que temos com os membros dos grupos a que pertencemos, influenciando nossas crenças, traços psicológicos, costumes etc. (BREWER, 2001). Ao mesmo tempo, ao pertencer a um

65 Como Thompson (2011) explica, é possível agrupar o conceito de ideologia em duas categorias: as concepções neutras e as críticas.

grupo, adquirimos uma identidade social coletiva, que também afeta nossa cognição e aspectos de nossa personalidade (BREWER, 2001).

Primeiro, ao fazer parte de um grupo ou unidade social, o indivíduo se vê como parte integral e insubstituível do agrupamento ao ponto de perder a noção de ser uma pessoa única. Consequentemente, ele deixa de perceber suas diferenças pessoais com os outros membros do seu grupo e passa a focar nas diferenças entre o inter e os outgroups (ibidem). Em segundo lugar, as ações e opiniões do indivíduo são assimiladas à representação do grupo como um todo, o que aumenta os sentimentos de inclusão e coesão interna entre seus membros. Isso os leva a buscar formas de se verem de forma positiva e superior, enquanto veem os externos a eles como inferiores e de forma pejorativa (TAJFEL e TURNER, 1979).

Para Tajfel e Turner (1979), a busca por uma distinção positiva entre um grupo e outro tem origem na natureza das relações entre grupos, que por mais que aparente ser pacífica, na verdade é de competição sobre algum tipo de recurso (simbólico ou material). A dupla aponta que a divisão de recursos pode ser *institucionalizada, legitimada e justificada* através de um sistema de status, o que dá origem ao surgimento de um grupo dominante e outro subordinado. Tais posições são constantemente reforçadas, pois a comparação entre os grupos em alguma dimensão avaliativa é frequente. Os dominantes gozam de uma identidade social positiva e de uma maior autoestima, enquanto os subordinados tendem a se ver em uma situação negativa, o que pode os levar a buscarem formas de mudar de grupo ou o sistema estabelecido.

Isso pode ser feito de algumas maneiras. A mais simples é mudar a dimensão avaliativa ou os valores atribuídos ao recurso que os grupos competem. Há também a opção de mobilidade social individual, onde um membro do grupo subordinado encontra um meio de fazer parte do grupo dominante. Por fim, há possibilidade de o grupo subordinado agir de modo coordenado para mudar a hierarquia social. É a partir dessa relação de competição que surgem as dinâmicas de poder, pois aquele que detém maior parcela desse recurso terá poder sobre o outro, sendo assim, é possível afirmar que a base do poder são os recursos socialmente relevantes (VAN DIJK, 2018).

O exercício do poder não deve ser visto como algo positivo ou negativo, pelo contrário, depende de sua natureza, em casos de legitimidade, “ele pode existir para manter certa ordem social e fazer com que as relações ocorram de maneira regular” (NASCIMENTO et al., 2020, p. 58). Por outro lado, o exercício do poder pode ocorrer

de forma ilegítima, quando, para manter sua posição na hierarquia social, e, conseqüentemente, manter o controle dos recursos que monopoliza, o grupo dominante pode buscar formas de controlar as ações dos subordinados. Nesse caso, “quando as ações reais ou potenciais de A exercem controle social sobre B” (VAN DIJK, 2018, p. 41), pode-se afirmar que ocorre um abuso de poder, que implica uma relação de dominação. Mas isso não significa que o grupo dos subordinados deve aceitar passivamente o controle dos dominadores, pelo contrário, é raro eles se mostrarem totalmente impotentes. Logo, essa dinâmica entre dominadores e dominados permite afirmar que o poder não é só uma forma de ação, mas também uma forma de interação social.

Como Tajfel e Turner (1979) afirmaram, os dominadores podem ser compelidos a agir quando sentem que sua posição hierárquica está sendo ameaçada. Nesse caso, o grupo considerado superior pode agir de forma discriminatória para manter o status quo. Surge então mais um elo que reforça o argumento de que a trollagem é uma expressão de abuso de poder. Como visto, os reacionários utilizam a trollagem como uma forma de reafirmar suas posições sociais e, principalmente, seu acesso e controle a determinados capitais culturais. Com base nisso, é possível inferir que a trollagem seria uma ação discriminatória identificada por Tajfel e Turner (1979), já que o humor derogatório do troll tem como alvo minorias sociais e grupos vulneráveis que passaram a ter uma maior participação na sociedade brasileira.

Surge agora a necessidade de explorar como as estruturas sociais e cognitivas se expressam e se relacionam entre si. Para isso, é fundamental focar em como as estruturas discursivas se relacionam com o contexto sociocognitivo⁶⁶.

3.1.3. Discurso

Assim como o termo poder, o termo discurso também recebe diferentes significados dependendo do autor. Na abordagem sociocognitiva de Van Dijk, o discurso é definido como um "evento comunicativo específico, geralmente uma forma escrita ou oral de

66 Isso dialoga também com os achados de Sommer McCoy (2018) de que o sentimento de ameaça do intergroup é mais explícito em cenários polarizados, pois há uma menor tolerância entre grupos e, conseqüentemente, um aumento da distância social entre eles. O contexto brasileiro se encaixaria nesse quadro, pois como Fuks e Marques (2020) identificaram que há uma polarização da sociedade brasileira e ela apresenta mais aspectos de uma polarização identitária do que ideológica. Tal achado está de acordo com a pesquisa de Mason (2018), que indicou que boa parte da polarização política vista pelo mundo é causada por um sentimento de identificação com um determinado grupo, e não pelo conhecimento sobre as ideias propagadas por uma determinada ideologia.

interação verbal ou uso da linguagem" (VAN DIJK, 2002, p.192). Van Dijk rejeita a ideia mais genérica do termo como um conjunto de falas que representam uma filosofia ou ideologia, portanto, não seria possível falar de um discurso liberal. Com base nessa definição, seria possível considerar a trollagem como um tipo de discurso.

Um ponto importante a ser entendido na abordagem sociocognitiva é que o discurso é um recurso social limitado e controlado por determinados grupos em diferentes situações (VAN DIJK, 2018). O discurso é uma das manifestações do poder social que as elites simbólicas possuem, e quanto menos poder uma pessoa possui, menor é o seu acesso às várias formas de escrita e fala. No final das contas, aqueles sem poder "não têm nada a dizer" (VAN DIJK, 2016, p.44). Portanto, são os representantes dos grupos dominantes⁶⁹ que têm a capacidade de definir a agenda de discussão pública, a relevância dos tópicos, a quantidade e o tipo de informação.

Como mencionado anteriormente, os grupos dominantes tendem a buscar formas de manter seu controle sobre recursos. O uso da força física como método de dominação é socialmente inaceitável (FIGUEIREDO, 2012), e o controle através do poder econômico, como é o caso das elites financeiras, é uma outra forma de controle. No entanto, Van Dijk (2018) explica que um dos componentes importantes para a manutenção do poder é o controle ideológico. Portanto, o controle que um grupo exerce sobre o outro é um tipo de controle "mental" que gera consenso, ou seja, o "controle sobre as crenças e os desejos do grupo dominado" (RIZZOTTO, 2013, p.24). Para que isso ocorra, é necessário que haja uma estrutura ideológica compartilhada por ambos os grupos e que favoreça aqueles que detêm o poder (VAN DIJK, 2018).

A estruturação ideológica feita através do discurso permite que as elites simbólicas controlem e fabriquem conhecimento, padrões morais, crenças e atitudes, por isso Van Dijk (ibidem) afirma que o poder simbólico desses grupos é uma forma de poder ideológico (ibidem, p.45). Van Dijk (2018) identifica algumas estruturas do discurso que são eficientes no processo de influenciar a mente dos receptores.

69 Como Miguel (2000) recorda, Hobbes diz que só se pode compreender uma multidão quando essa escolhe um representante que falará em seu nome, pois a massa em si não possui forma ou poder de fala. O escolhido se tornará o porta voz desse grupo, "encarado a partir de então como portador de uma vontade – tornado uma 'pessoa artificial', na terminologia do Levitatã" (MIGUEL, 2000, p. 40)

A principal estrutura a ser identificada na análise do discurso ideológico é a polarização entre o "Nós", representados positivamente, e o "Eles", representados negativamente. Essa divisão é o organizador global primordial do discurso de dominação. Os dominadores podem utilizar a humilhação verbal como uma das estratégias discursivas, que envolve o uso de estereótipos depreciativos (TAJFEL e TURNER, 1979). Além disso, a escolha lexical, o uso de figuras de linguagem e a apresentação das ações de cada grupo são guiadas por essa divisão (VAN DIJK, 2018).

A relação entre grupos baseia-se no uso de estereótipos, o que está diretamente ligado à divisão entre "Nós" e "Eles" (TAJFEL, 1981). A construção de estereótipos negativos sobre imigrantes e negros por parte das elites que controlam o discurso, a mídia e políticos leva à adoção de políticas contra esses grupos minoritários, levando muitos a apoiar tais medidas sem questionar a veracidade dessas representações sociais (VAN DIJK, 2018).

Mesmo que os estereótipos guiem a forma como vemos outros grupos com os quais convivemos, existem algumas razões pelas quais alguém ou um grupo de pessoas pode ser suscetível a esse tipo de influência. Uma delas é a posição social ou o status daquele que é o emissor do discurso (VAN DIJK, 2018; PEIRCE, 1877). Por exemplo, Bolsonaro é o presidente do Brasil, ocupando o cargo mais alto do poder Executivo, o que tem um impacto direto no grau de confiabilidade da informação que ele transmite. Isso significa que, por mais que Bolsonaro possa mentir, as pessoas podem acreditar nele devido à sua autoridade. É importante apontar que Bolsonaro não tem acesso apenas ao discurso político, mas também ao discurso midiático, devido aos critérios de noticiabilidade (WOLF, 2008). Portanto, isso implica uma grande dimensão do seu poder e, conseqüentemente, da sua influência sobre os grupos subordinados.

Outro ponto importante do discurso que determina a sua capacidade de influenciar ou não são as emoções que ele desperta nos receptores. Sentimentos negativos, como medo, têm a capacidade de tornar as pessoas mais vulneráveis a aceitar certos tipos de ideias (VAN DIJK, 2018). Por sua vez, as trollagens de Bolsonaro são capazes de gerar pânico moral, ou seja, podem provocar sentimentos de ameaça e medo em parte da população (KUIPERS, 2006; COHEN, 1987). Isso pode contribuir para explicar por que uma parte dos receptores das trollagens de Bolsonaro acredita na veracidade de histórias como a do "kit gay".

Dois tópicos que devem ser levados em consideração são quais valores, normas e crenças estão presentes no discurso e se o receptor do discurso possui algum tipo de conhecimento prévio sobre os tópicos abordados no discurso, pois sem isso, há uma incapacidade de criar contra-argumentos, o que torna mais fácil a aceitação de informações tendenciosas ou falsas (VAN DIJK, 2018). No caso das trollagens de Bolsonaro, sendo essa ação um tipo de boundary maintenance, ela expressa certas ideologias que ecoarão e serão mais aceitas em grupos que compartilham ideias semelhantes às dele, ao mesmo tempo que outros repudiarão suas trollagens pelo motivo oposto.

O último fator que irá determinar a capacidade de influenciar a "mente" dos indivíduos é o contexto. Perelman (2004) explica que todo discurso possui um contexto específico, o que significa que uma mesma mensagem pode não ter a mesma capacidade de convencer grupos diferentes. Por isso, Van Dijk afirma que "o que dizemos (ou entendemos) depende das restrições das estruturas do contexto vigente" (VAN DIJK, 2018, p. 209). Em outras palavras, o emissor do discurso leva em conta tanto o contexto global quanto o contexto local no qual a mensagem está inserida.

3.1.4. Contexto

No senso comum, o contexto é visto como um conjunto de circunstâncias em torno de uma situação ou acontecimento, e muitas vezes é considerado estático e objetivo. Contudo, para a abordagem sociocognitiva, o contexto é uma construção cognitiva dos participantes baseada em seus modelos mentais de um evento comunicacional (VAN DIJK, 2012). Como tais modelos mentais são subjetivos e únicos para cada participante, o contexto está em constante mudança. Cada participante de um evento comunicacional tem uma interpretação distinta do mesmo ocorrido, e essas diferenças de interpretação podem levar a mal-entendidos e conflitos comunicacionais (VAN DIJK, 2012).

Van Dijk (2018) parte do pressuposto de que o contexto organiza o modo como estruturamos e adaptamos os discursos às situações comunicacionais com as quais nos deparamos. Em outras palavras, os modelos de contexto são responsáveis pela interpretação e produção dos discursos. Eles definem as estruturas e gêneros discursivos que devem ser utilizados, assim como os temas relevantes para os participantes.

Os contextos surgem em dois diferentes escopos, um micro e um macro. No nível local, os contextos dizem respeito às interações do momento. Os modelos mentais estão

em constante transformação, de modo que a recepção dos discursos controla as “maneiras como os usuários da língua são capazes de adaptar seu discurso e interação em andamento à situação comunicativa atual (constantemente cambiante)” (VAN DIJK, 2018, p.12). Já os de nível global representam situações históricas e sociais totalizadoras (VAN DIJK, 2020). Por mais que os discursos sejam eventos comunicativos específicos, a transformação e criação de crenças e opiniões não ocorrem de forma imediata, portanto, um único discurso não é capaz de ser o responsável por todo o processo de influência (VAN DIJK, 2018). Sendo assim, as informações e ideologias presentes em um discurso podem encontrar respaldo e suporte quando se avalia o contexto global.

Uma vez avaliados esses quatro eixos, pode-se partir para a formulação de um padrão de análise que possa ser aplicado ao corpus desta pesquisa.

3.2. Construindo uma metodologia própria

A discussão teórica realizada até o momento foi necessária para justificar as escolhas metodológicas desta dissertação. Sem discorrer sobre a cultura troll e os principais aspectos da trollagem, seria impossível definir quais ações de Bolsonaro podem ser enquadradas nesse conceito. Além disso, sem discorrer sobre o método sociocognitivo, seria impossível estabelecer um padrão a ser seguido nas análises. Feito todo esse percurso teórico, por mais que uma Análise do Discurso seja capaz de identificar elementos ideológicos e cognitivos das trollagens, como já foi evidenciado por Avelar (2020), ainda é preciso esclarecer como essa abordagem metodológica pode contribuir para responder à pergunta de pesquisa: como as trollagens de Bolsonaro se configuram como uma estratégia de comunicação política?

Como Panke e Pimentel (2018) explicam, o objetivo de uma estratégia política é conquistar a aprovação pública, seja para fins governamentais ou eleitorais. As mensagens precisam obedecer a um tipo de gramática específica que busque persuadir o indivíduo e a sociedade a aceitar e concordar com os objetivos do ator político. Para Van Dijk (2018), uma das formas mais eficientes para se fazer isso é através da manipulação cognitiva, através do discurso, o emissor busca influenciar as ideias, crenças, comportamentos e atitudes de seus receptores.

Baseado nisso, ao utilizar a análise do discurso como método para examinar as trollagens de Bolsonaro, busca-se identificar estruturas discursivas que se repitam (por exemplo: estilo e figuras de linguagem), quais possíveis mensagens ideológicas estão

presentes em suas falas e se elas estão de acordo com medidas adotadas por seu governo, ou se esses mesmos itens buscam fortalecer sua imagem pessoal, de seu governo ou dos grupos que representa. A presença desses aspectos na trollagem pode contribuir para enquadrá-la como uma estratégia de comunicação política. Feitos tais esclarecimentos, é possível iniciar a discussão metodológica de fato, começando pela definição do corpus de pesquisa, seguido da estruturação da análise.

3.2.1. Corpus

O primeiro passo para realizar a análise das trollagens de Bolsonaro é definir um corpus de pesquisa. Para isso, é necessário estabelecer o que pode ou não ser considerado uma trollagem. A busca por uma conceituação teórica, feita nos primeiros capítulos, mostrou-se de extrema necessidade. Como McCrea e Wilson Fuller (2013) identificaram, essa tarefa tende a ser demasiadamente subjetiva, pois é comum que pesquisadores selecionem trollagens de acordo com suas próprias interpretações sobre um ato.

A revisão teórica sobre a trollagem apontou que, independentemente da natureza dela, a trollagem apresenta quatro características fundamentais: ambivalência, estética do espetáculo, transgressão e humor. Esse quarteto pode servir como critério para seleção do material que irá compor o corpus de pesquisa. A questão da estética do espetáculo pode ser o ponto de partida para isso. Como Hardaker (2010) explica, para os trolls, uma trollagem bem-sucedida é aquela que causa algum tipo de polêmica. Caso os receptores da mensagem do troll não engajem em uma discussão, sua trollagem deve ser considerada um fracasso.

Medir a visibilidade de uma trollagem nas redes sociais não é uma tarefa simples. Uma opção viável para verificar esse elemento surge a partir das conclusões de Phillips (2015). A trollagem e a mídia vivem uma relação simbiótica, pois amplificam e se baseiam na ação e reação do outro. Isso significa que é plausível afirmar que uma trollagem bem-sucedida de Bolsonaro tenha sido noticiada de alguma forma pela mídia tradicional. Sendo assim, pode-se estabelecer como primeiro parâmetro as trollagens noticiadas por veículos da mídia tradicional.

Na sequência, é preciso delimitar quais veículos noticiosos serão utilizados. Optou-se por aqueles considerados *quality papers*. Com base na definição de Hallin e Mancini (2004), esse tipo de publicação se caracteriza por: 1) se dirigir a uma elite de leitores; 2) ter a produção de notícias profissionalizada; 3) dedicar um espaço maior para a cobertura

política; 4) ter grande parte do seu lucro oriundo da publicidade. Além disso, os quality papers tendem a ter grande alcance de público e servir de referência para outros veículos (NICHOLS, 2018). Em levantamento sobre a atuação dos quality papers nacionais, Mont'Alverne (2020) apontou que os mais prestigiados e importantes são Folha de São Paulo, O Globo e Estado de São Paulo, pois os três têm forte impacto no debate político.

Obviamente, os três jornais não noticiam as falas de Bolsonaro como trollagens, até porque o termo, embora tenha aparecido em algumas reportagens e colunas opinativas, ainda é mais usado em situações de coloquialidade e na comunicação digital. Então, a saída para fazer esse levantamento está nas outras três características da trollagem. É preciso lembrar que a ambivalência permite leituras antagônicas de um mesmo fato, logo, ela está diretamente ligada ao caráter transgressor e humorístico da trollagem.

É inegável que as leituras de uma trollagem dependem de elementos subjetivos, e caracterizar tais atos como uma brincadeira ou não acaba sendo um ato subjetivo (FULLER, MCCREA e WILSON, 2013). Mesmo assim, há pelo menos dois cenários concretos onde essas interpretações ambivalentes ficam evidentes:

- 1) **Quando houve remissão por parte de Bolsonaro ou de um de seus aliados:**
Por mais que seja uma estratégia retórica, ao justificar uma fala como sendo uma brincadeira ou piada, os alvos da mensagem são postos diante de um humor questionável. Ao mesmo tempo, tal remissão só ocorre se antes houver críticas às transgressões aos direitos do outro dentro dos pronunciamentos públicos. O caso em que Bolsonaro afirmou que as pessoas se tornariam "jacarés" se tomassem a vacina da Covid-19 é um exemplo disso. Em um primeiro momento, surgiram inúmeras críticas à sua fala negacionista, mas em seguida, ele justificou que se tratava de uma hipérbole⁷⁶, uma figura de linguagem que é muito utilizada nas construções de piadas (PINCELLI e AMÉRICO, 2019).
- 2) **Quando o evento foi noticiado como brincadeira/piada e tenha gerado algum tipo de manifestação contrária:** Nesse caso, a identificação da leitura humorística e transgressiva ocorre no sentido oposto, e não há necessidade de uma remissão para identificar o sentido cômico da declaração. Para ilustrar esse

76 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/piada-com-remedio-para-impotencia-ironias-criticas-vacina-uso-de-mascara-como-queiroga-agradou-bolsonaro-em-live-25201534>

cenário, pode-se resgatar o episódio em que Bolsonaro, durante visita ao Maranhão, fez uma declaração homofóbica após experimentar o Guaraná Jesus⁷⁷, bebida de coloração rosada típica da região. Nesse episódio, os jornais de qualidade noticiaram o ocorrido como uma piada e, na mesma matéria ou em outra subsequente, apresentaram as reações críticas à fala de Bolsonaro.

A partir dessas limitações, buscou-se nos acervos online dos três principais jornais de qualidade episódios envolvendo declarações de Bolsonaro que tenham sido noticiados em pelo menos um desses veículos e que se encaixassem nos requisitos acima. Também foi feito um recorte temporal, filtrando os fatos ocorridos durante seus anos como presidente da República. Existem algumas razões para isso: após assumir o cargo, devido à posição que ocupa, a mídia tradicional passou a repercutir de forma mais sistemática suas falas, o que aumenta consideravelmente as chances de suas trollagens terem sucesso. Ao mesmo tempo, Bolsonaro tem, nesse período, maior acesso ao recurso simbólico do discurso, e, portanto, a capacidade de suas declarações se apresentarem como um abuso de poder e influenciarem políticas públicas e grupos subordinados é maior.

Uma vez selecionadas as notícias que retratam as trollagens de Bolsonaro, optou-se por analisar somente os trechos dos discursos citados nas notícias, pois, com base na avaliação linguística de Bolsonaro feita por Lago (2018), seus discursos não apresentam um raciocínio contínuo ou bem-formulado. Pelo contrário, o que se tem são mensagens curtas e desconexas com informações fragmentadas. Para Lago (2018), esse aspecto do discurso de Bolsonaro é fundamental para explicar seu sucesso, pois, a partir desse pensamento fracionado, suas falas podem ser recortadas e transformadas em material bruto para múltiplos conteúdos da internet, como memes, que irão garantir visibilidade a ele.

A coleta nos levou a um total de 22 discursos de Bolsonaro. Para facilitar a análise, os discursos foram agrupados de acordo com seus contextos globais, que são determinadas situações históricas e sociais que servem de plano de fundo para a estruturação do discurso e a capacidade de influência dos argumentos presentes (VAN DIJK, 2020). No final de todo o processo, chegou-se à seguinte divisão:

⁷⁷ Disponível: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/29/bolsonaro-faz-piada-com-refrigerante-cor-de-rosa-do-maranhao-e-recebe-criticas.ghtml>

Contexto Global	Discurso	
Racismo	1	Bolsonaro: “Era pancadaria o tempo todo [em referência às eleições de 2018], qualquer palavra minha. Falei realmente, né, aquele negócio lá do...Ô Hélio, tudo bem, Hélio? Tranquilo aí? Você pesa quantos arrobas, Hélio? Pô, uma brincadeira que eu fiz com um amigo meu. 15 arrobas, 225 Kg? Não, não, você deve tá pesando umas 7 arrobas, 150 Kg aí.”
	2	Apoiador negro: “Bolsonaro, sou negão, votei em você e em 2022 vou votar de novo. Você é o melhor presidente do Brasil”. Bolsonaro: “E você está com oito arrobas”.
	3	Bolsonaro: "Conseguiram te levantar, pô? Tu pesa o quê, mais de sete arrobas, não é?"
	4	Bolsonaro: “Como está a criação de barata ai? Olha o criador de barata aqui. Você não pode tomar ivermectina que vai matar seus piolhos”.
	5	Bolsonaro: "O 'negão' é o Hélio, hein, meu irmão que demorou para nascer. Demorou dez meses para nascer. Deu uma queimadinha no Hélio...senão ele seria a minha cara.
	6	Bolsonaro: "Você é afrodescendente?". Felipe Vilela: “Eu sou”. Bolsonaro: "Tu é meio escurinho. Ah, isso é crime. Não ouviu falar que eu era racista, não?".
	7	Bolsonaro: "Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós"
	8	Bolsonaro: "Tudo pequenininho ai?".
	9	Bolsonaro: “Se for uma reforma de japonês, ele [Paulo Guedes] vai embora. Lá [no Japão], tudo é miniatura”

Virilidade	10	<p>Bolsonaro: "Meu salário bruto de presidente, não tô reclamando não tá, é R\$ 33 mil. Não tô reclamando, não. Tenho tudo de graça. Não gasto quase nada do meu salário. Quem gasta é a mulher. Inclusive, todo dia quando levanto ela me pede R\$ 5 mil".</p> <p>Apoiador: "Para o que ela quer 5 mil?"</p> <p>Bolsonaro: "Não sei. Nunca dei...Como ela falava muito alto comigo em casa, eu falei: tu vai aprender Libras. Aí ela aprendeu Libras".</p>
	11	<p>Bolsonaro: "Ela [repórter Patrícia Campos Mello] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim".</p>
	12	<p>Bolsonaro: "Uma notícia boa para as mulheres, né. Se bem que notícia boa para as mulheres é beijinho, rosas, presentes, férias. É isso mesmo? Isso que vocês gostam? Eu também gosto".</p>
	13	<p>Bolsonaro: "Agora eu virei boiola igual maranhense, é isso? Olha o guaraná cor de rosa do Maranhão. Quem toma esse guaraná vira maranhense".</p>
	14	<p>Bolsonaro: "Eu tenho certeza que vai tomar...Tu não me engana!"</p>
	15	<p>Bolsonaro: "Cuidado, ivermectina mata bichas, hein? Toma cuidado"</p>
Pandemia	16	<p>Bolsonaro: "O prefeito falou que cura Covid com ozônio, não pergunta onde é a aplicação, não", complementa Bolsonaro, que usa um tom de voz fino para concluir: "Tinha muita gente indo pra lá tomar [ozônio]. Estou com Covid."</p>
	17	<p>Bolsonaro: "Oh... calcinha apertada [se referindo a João Dória]! Isso não é coisa de homem. Fecha São Paulo e vai passear em Miami. É coisa de quem tem calcinha apertada. Isso é um crime"</p>
	18	<p>Bolsonaro: "Sabia que o tio estava na praia nadando de máscara? Mergulhei de máscara também, para não pegar Covid nos peixinhos".</p>
	19	<p>Bolsonaro: "Máscara é coisa de viado".</p>
	20	<p>Bolsonaro: "Direita toma cloroquina e esquerda toma tubaína".</p>
	21	<p>Bolsonaro: "Se tomar e virar um jacaré é problema seu. Se virar um super-homem, se nascer barba em mulher ou homem falar fino, ela [Pfizer] não tem nada com isso".</p>

22	<p>Repórter: "Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes. Quantas mortes o senhor acha que..."</p> <p>Bolsonaro: "Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo? (interrompe o repórter novamente) E daí? Não sou coveiro".</p>
----	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 1 - Trollagens de Bolsonaro. Fonte: Elaboração própria.

Antes de prosseguir com a explicação de como foi conduzida a análise do discurso, é preciso destacar que alguns conteúdos dos discursos de Bolsonaro se enquadram em mais de um grupo. Por exemplo, uma fala pode ser considerada racista e, ao mesmo tempo, expressar virilidade. Embora haja essa intersecção contextual, ela não foi um problema durante a análise.

3.2.2. Análise discursiva

Embora tenha sido escolhido o método sociocognitivo de Van Dijk, foi necessário adaptá-lo às necessidades deste trabalho, uma vez que o autor não indica um padrão a ser seguido nas análises de discurso. No entanto, Van Dijk (2018) aponta alguns aspectos importantes a serem investigados, como as estruturas contextuais e textuais.

No que se refere ao contexto, há dois tipos: global e local. O primeiro já foi definido no tópico anterior, mas é importante explorar as situações históricas e sociais às quais os discursos de Bolsonaro pertencem para entender como eles se encaixam em uma estrutura de abuso de poder. Conforme Van Dijk (2018) argumenta, um único discurso não é capaz de influenciar por si só, ele precisa estar em consonância com outros que apresentem ideias similares. Já o contexto local representa as interações situadas e as variáveis que compõem o discurso. Por exemplo, ao analisar o contexto local de uma trollagem de Bolsonaro, seria necessário verificar quem são os interlocutores, onde ocorreu o evento comunicacional e como isso influencia a escolha dos tópicos abordados e os estilos de linguagem.

Em relação às estruturas textuais, serão analisadas as escolhas lexicais, construções semânticas, figuras de linguagem e argumentos presentes no discurso. Será dado ênfase na presença de estereótipos, pois como a trollagem se utiliza do humor degradante, o efeito cômico dessas mensagens seria em parte fruto do uso desse tipo de imagens socialmente compartilhadas em nossa cultura (MOREIRA, 2020; BILLIG, 2001).

Após identificar tanto as estruturas contextuais quanto as textuais, é possível atribuir sentido às trollagens de Bolsonaro. Por mais que tenha sido dito anteriormente que a trollagem é um tipo de mensagem que comporta diversas interpretações, Moreira (2020) afirma que só é possível compreender o humor degradante quando ele é analisado em toda sua conjuntura, ou seja, após se verificar os contextos em que o discurso está inserido e as estruturas textuais presentes nele.

Ainda é necessário examinar se as trollagens de Bolsonaro apresentam algum elemento que busque negar o seu teor. Van Dijk (2018) explica que, por exemplo, racistas reconhecem restrições morais e jurídicas que os impedem de manifestar de modo explícito sua discriminação. Isso significa que um discurso potencialmente preconceituoso precisa ser amenizado, explicado ou gerenciado "de uma forma que não possa se voltar contra o falante" (VAN DIJK, 2018, p. 195).

Por fim, é pertinente verificar como as troles de Bolsonaro dialogam com as ações tomadas em seu governo e se elas de algum modo ecoam no comportamento da sociedade civil. De acordo com Butler (2019), a linguagem, quando repetida, tem efeitos sobre a realidade, podendo transformar ou produzir uma situação. A performatividade, através da linguagem, é transposta como um ritual que é capaz de naturalizar ideias, e manter e impor normas. Van Dijk (2018), paralelamente, já havia observado algo similar em suas análises. Ele afirma que estruturas textuais e contextuais podem ser utilizadas para legitimar a tomada de medidas políticas e construir sentidos sociais que se fazem presentes nas crenças da população.

Com base no que foi apresentado acima, esquematizam-se os passos a serem seguidos na análise dos discursos de Bolsonaro na tabela abaixo:

Contexto local	Quem são os interlocutores de Bolsonaro? Onde e quando foi feito o discurso? Como esses elementos influenciam na escolha do tópico da trollagem?
Contexto local	Qual a situação histórica e social referenciada pelo discurso?
Estruturas textuais	Estereótipos são usados na construção da trollagem? Se sim, quais são evocados?

	Além de estereótipos, que outros elementos textuais estão presentes na fala de Bolsonaro?
Sentido	Só é possível compreender qual a leitura mais adequada para esse tipo de mensagem quando se avalia como seus elementos contextuais e textuais dialogam entre si.
Polarização	As relações de poder entre grupos podem ser expressas através do conflito “nós” x “eles”. Quem são os grupos retratados nas trollagens de Bolsonaro?
Negação	Indicar se há negativas que busquem justificar, amenizar ou negar a intenção de depreciar os alvos das trollagens. Além da justificativa de que seu discurso era uma piada/brincadeira, há outro argumento de negação da intenção e teor de sua fala?
Medidas políticas	Avaliar se os discursos de Bolsonaro apresentam algum vínculo com ações ou políticas de seu governo.

Tabela 2 - Esquematização da análise do discurso. **Fonte:** Elaboração própria.

No capítulo a seguir, buscou-se condensar os resultados das análises feitas, uma vez que muitas delas apresentam traços que levam a conclusões semelhantes.

4.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: O ESTILO TROLL DE BOLSONARO SE COMUNICAR POLITICAMENTE

Inicia-se a análise das trollagens pelos contextos locais. Por mais que eles possam ser estudados separadamente, eles apresentam similaridades que permitem que suas características possam ser exploradas de forma mais ampla. Em seguida, são analisadas as particularidades de cada grupo, iniciando-se pela explicação dos contextos globais que servem de pano de fundo para cada trollagem de Bolsonaro. Optou-se por se referir aos discursos de acordo com sua enumeração presente na tabela 1. Apesar disso, eles serão anexados no início de cada análise dos elementos textuais para facilitar sua identificação. Em seguida, avalia-se as estruturas discursivas e os sentidos produzidos, relacionando-os com as ações do governo. Após tudo isso, será possível avaliar como a trollagem se configura como uma estratégia de comunicação política, ao mesmo tempo em que se discorre sobre as estratégias argumentativas presentes nos discursos.

4.1. Contexto local

Inicialmente, observou-se que Bolsonaro realizou suas trollagens em quatro tipos diferentes de situações: lives semanais, conversas com apoiadores (a maioria delas no chamado “cercadinho”), entrevistas e eventos oficiais. No entanto, mesmo que tenham sido realizados em épocas, lugares e com interlocutores distintos, Bolsonaro não alterou o estilo de sua mensagem. Pelo contrário, é perceptível que ele sempre adota uma linguagem simples, utilizando-se de expressões coloquiais e xingamentos. Oliveira e Maia (2020) já apontaram que isso seria uma maneira de aproximar ele de sua base eleitoral. O objetivo seria criar a imagem de um homem simples, do povo, e o que está em jogo é sua autenticidade. Empoli (2019) afirma que essa tática também favoreceu Donald Trump durante a campanha presidencial de 2016, pois o eleitorado o via como um candidato mais honesto que seus adversários. De acordo com o estudo, os bolsonaristas compartilham a imagem de que Bolsonaro é uma pessoa autêntica devido à sua forma de falar e agir. Sua violência retórica "é reinterpretada como autenticidade, que seria um dos valores mais desejáveis em um entorno político tido como corrupto e mentiroso" (ROCHA; SOLANO, 2020).

No entanto, isso não significa que o contexto local não influencie nas trollagens de Bolsonaro. É perceptível que a escolha de alvos e tópicos de seus discursos variam de acordo com diversos elementos da situação comunicacional em que ele se encontra. Constatou-se que majoritariamente os receptores diretos dos discursos de Bolsonaro

foram seus apoiadores. Somente em cinco dos 22 discursos analisados seus interlocutores não eram simpatizantes de Bolsonaro, nesses casos seus receptores eram entrevistadores e jornalistas que se declaravam isentos ou críticos a ele. Os únicos casos em que não há um dado concreto sobre quem são os receptores são as lives¹⁴¹, porém Ribeiro e Mainieri (2021) inferiram que a maioria dos espectadores dessas transmissões concorda com as posições de Bolsonaro, de modo que as lives funcionam como um tipo de câmara de eco.

O fato de os apoiadores de Bolsonaro terem sido os interlocutores principais das trollagens é importante, pois Lockyer e Pickering (2009) argumentam que "em muitos casos, o que é aceito como piada (...) tem que ser negociado primeiro como uma piada" (p.11). Capelotti (2022) afirma que parte dessa negociação se deve ao papel que quem faz a piada assume. Certas figuras, ao se apresentarem como o tolo, têm licença para transgredir, o que lhes permitiria tratar determinados assuntos com humor e de forma jocosa. Conforme a análise cenográfica produzida por Freitas, Antunes e Boaventura (2022), Bolsonaro, em seus discursos, tende a assumir o arquétipo do trickster ou do bobo da corte para seus seguidores, de modo que é possível inferir que, em um local cercado por apoiadores, sua fala pode até ser aceita como uma piada ou brincadeira. É importante apontar que o riso, enquanto linguagem não verbal, pode ser compreendido como um sinal de concordância (ARAÚJO, 2016), o que indica que os interlocutores de Bolsonaro concordam e compartilham, em certo grau, as mesmas crenças e modelos mentais que Bolsonaro expressa em seus discursos. Além disso, a escolha de cenários em que sua audiência é majoritariamente composta por apoiadores também pode indicar que as trollagens foram pensadas para aumentar o sentimento de identificação, já que o humor é capaz de produzir esse efeito (MEYER, 2000).

Apurou-se que um fator que tem um impacto significativo nas escolhas dos tópicos das trollagens é a questão temporal. Em algumas ocasiões, as trollagens foram elaboradas com base em eventos que ocorreram próximos ao seu discurso. Por exemplo, no discurso 10, que tem como alvo Michele Bolsonaro, ela havia feito um discurso na convenção do Partido Liberal (PL) no final de semana anterior. Com isso, conclui-se a avaliação sobre os contextos locais, o que nos permite prosseguir na análise discursiva.

141 É muito provável que além dos apoiadores, jornalistas e outros atores, como pesquisadores, opositores, e, até mesmo, curiosos, fizessem parte dos espectadores das *lives* de Bolsonaro. Contudo, possivelmente esse grupo era muito menor do que os apoiadores que assistem essas transmissões.

4.2. Racismo

A análise de discursos considerados racistas não é novidade nos ECD. Van Dijk dedica uma boa parte de seu trabalho à análise de como a mídia reproduz uma ideologia racista em suas manchetes e notícias. Para este autor, o racismo é um complexo sistema social de dominação que apresenta fundamentos étnicos e desigualdades. O racismo é estruturado por um sistema social que consiste em práticas sociais de discriminação e relações de abuso de poder entre grupos, e um cognitivo que envolve representações mentais negativas socialmente compartilhadas que embasam as manifestações visíveis de racismo (VAN DIJK, 2018).

O Brasil tem uma história íntima com o racismo, com origens no período colonial brasileiro, em que a mão-de-obra escrava negra era essencial. Africanos eram escravizados e importados para a colônia portuguesa, onde eram tratados como patrimônio privado, aproximando-se muito da condição de animais domésticos (NASCIMENTO, 2016). Nessa época, tentou-se também escravizar a população indígena, mas inúmeras adversidades fizeram com que essa ideia fosse colocada em segundo plano (FAUSTO, 2019).

Mesmo com o fim do tráfico negreiro e a abolição da escravidão no Brasil, a situação da população negra e indígena não apresentou uma grande melhora por dois motivos: 1) o Estado brasileiro não criou as condições necessárias para a inserção social desses grupos; e 2) o próprio preconceito dos cidadãos brancos brasileiros impedia essa inclusão (FAUSTO, 2019). Diferentemente dos EUA e da África do Sul, onde a segregação racial foi legitimada através da ratificação de leis, no Brasil, esse fenômeno "ocorreu por meio dos usos e costumes da época, da eficácia das normas sociais não institucionalizadas, embasadas em teorias pseudocientíficas racistas" (MENNA BARRETO e FERRAZ, 2020, p. 706).

Por mais que o preconceito contra minorias raciais seja visível na sociedade, difundiu-se entre os brasileiros o mito da democracia racial, onde brancos e outras raças viveriam em harmonia, tendo superado todos os conflitos. Para Munanga (2010), essa visão surge da dificuldade da sociedade brasileira em compreender as diversas manifestações do nosso racismo que apresentariam certas peculiaridades por não terem sido institucionalizadas. Ao mesmo tempo, trabalhos recentes como o de Jessé Souza (2017) buscam demonstrar como o histórico escravocrata do país levou à produção de novas formas de racismo que guiam as expectativas morais e sociais em que parte da

sociedade brasileira, principalmente da classe média e elite, predominantemente brancas, está inserida.

Mas o racismo não é praticado somente contra a população negra ou indígena no Brasil, asiáticos também são alvos desse tipo de preconceito. Como Morais (2000) recorda, o início da imigração asiática para o Brasil não foi um processo tranquilo. No começo, os imigrantes asiáticos vinham para cá com a mentalidade de que sua vinda era algo passageiro, que iriam enriquecer e voltariam com dinheiro suficiente para reconstruir suas vidas em suas terras natais. Esse tipo de pensamento ajuda a explicar por que, inicialmente, as colônias japonesas, chinesas e coreanas não tentavam se integrar na sociedade brasileira, o que criou momentos de animosidade entre brasileiros e imigrantes asiáticos.

Um dos ápices do conflito entre esses dois grupos ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando os japoneses passaram a ser vistos como uma ameaça à segurança nacional. Como resultado, foram apresentados projetos de lei no Congresso Nacional que barravam especificamente a vinda de japoneses para o Brasil (MORAIS, 2000). Nas décadas de 60 e 70, as comunidades asiáticas, em particular a japonesa, buscaram maneiras de se integrar à sociedade brasileira, tornando-se o que é conhecido como "minorias modelo" (YUKAWA DA SILVA, 2020). No entanto, estereótipos racistas persistiram, muitos deles relacionados à sexualidade dos membros desse grupo. Shimabuko (2018) afirma que esses estereótipos foram criados para desencorajar relacionamentos com pessoas asiáticas, semelhante ao que foi feito no início do século XX com a população negra.

4.2.1. Estruturas textuais e sentidos produzidos

1	Bolsonaro: “Era pancadaria o tempo todo [em referência às eleições de 2018], qualquer palavra minha. Falei realmente, né, aquele negócio lá do... Ô Hélio, tudo bem, Hélio? Tranquilo aí? Você pesa quantos arrobas, Hélio? Pô, uma brincadeira que eu fiz com um amigo meu. 15 arrobas, 225 Kg? Não, não, você deve tá pesando umas 7 arrobas, 150 Kg aí.”
2	Apoiador negro: “Bolsonaro, sou negão, votei em você e em 2022 vou votar de novo. Você é o melhor presidente do Brasil”. Bolsonaro: “E você está com oito arrobas”.

3	Bolsonaro: "Conseguiram te levantar, pô? Tu pesa o quê, mais de sete arrobas, não é?"
4	Bolsonaro: "Como está a criação de barata ai? Olha o criador de barata aqui. Você não pode tomar ivermectina que vai matar seus piolhos".
5	Bolsonaro: "O 'negão' é o Hélio, hein, meu irmão que demorou para nascer. Demorou dez meses para nascer. Deu uma queimadinha no Hélio...senão ele seria a minha cara.
6	Bolsonaro: "Você é afrodescendente?". Felipe Vilela: "Eu sou". Bolsonaro: "Tu é meio escurinho. Ah, isso é crime. Não ouviu falar que eu era racista, não?"
7	Bolsonaro: "Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós"
8	Bolsonaro: "Tudo pequenininho ai?"
9	Bolsonaro: "Se for uma reforma de japonês, ele [Paulo Guedes] vai embora. Lá [no Japão], tudo é miniatura"

Tabela 3 - Trollagens racistas. Fonte: Elaboração própria.

Para entender as estruturas textuais, a primeira coisa a se fazer é buscar os elementos que se repetem. Em três dos nove discursos analisados, Bolsonaro utiliza o termo "arroba", resgatando o estereótipo do negro subserviente destinado a trabalhos subalternos. Isso ocorre porque historicamente esse termo foi usado pelos negociantes de escravos como uma unidade de massa e ainda é utilizado para a pesagem de animais bovinos (MENNA BARRETO; FERRAZ, 2020). Ao usá-lo, Bolsonaro reproduz a imagem dos escravos como servos de pessoas brancas, ao mesmo tempo que iguala negros a animais de carga, reduzindo sua função a trabalhos manuais e pesados.

Outros três discursos apresentam comentários depreciativos sobre a aparência dos interlocutores. Lima e Vala (2004) explicam que a associação de traços físicos e sociais é um dos principais fundamentos do racismo. Carvalho (2015) complementa essa ideia afirmando que os estereótipos produzidos sobre o fenótipo desse grupo têm como base um padrão de beleza eurocêntrico que propaga a noção de que a pele e cabelo negro são "sinônimos de tudo o que é imperfeito, feio, sujo" (CARVALHO, 2015, p.16). Essas imagens sociais são evocadas quando Bolsonaro utiliza expressões como "barata", "escurinho" e "queimadinha" para se referir à aparência de seus interlocutores negros.

O discurso 7 tem como alvo a população indígena. Nele, a presença da palavra "evoluindo" e a expressão "humanos igual a nós" remetem ao estereótipo de que índios seriam selvagens e primitivos (LIMA, FARO e DOS SANTOS, 2016). Essa imagem tem origens históricas, visto que os indígenas sempre foram vistos de forma sub-humana, tendo suas características associadas a animais violentos ou retratados como seres ingênuos e infantis (RIBEIRO, 2005).

Em dois discursos, Bolsonaro faz comentários depreciativos sobre asiáticos, utilizando palavras como “pequeninho” e “miniatura”, o que remete ao estereótipo de que homens dessa raça teriam um órgão reprodutor masculino menor e uma suposta falta de potência sexual. Esse estereótipo tem origens históricas, com o processo de imigração no século XX, que visava desencorajar relacionamentos entre mulheres brancas e asiáticos. Embora essa trollagem possa ter como alvo uma minoria racial, ela também se encaixa no contexto global da virilidade, demonstrando uma intersecção contextual presente em alguns casos.

As escolhas lexicais e os estereótipos presentes nas trollagens de Bolsonaro buscam retratar as minorias raciais como sendo inferiores à maioria branca que ele representa¹⁴². É perceptível que as representações sociais presentes nessas falas têm como base o homem branco como ideal de humano a ser seguido. Ao apresentar os indivíduos de forma distante daquilo que pode ser considerado humano, Bolsonaro os aproxima de uma condição de completa desumanização, como Haslam (2006) afirma. Essa ideia está presente principalmente nas trollagens que negam as capacidades intelectuais de negros e índios.

Ao retratar esses grupos de forma animalizada, como animais de carga ou em um estágio tardio de evolução, Bolsonaro sugere que eles não são capazes de ocupar cargos que exijam trabalhos mentais elaborados. Esse argumento foi utilizado ao longo dos séculos para justificar o menor acesso que esses grupos têm a certos capitais culturais, como universidades, e a posições de prestígio, como cargos de chefia, como recorda Moreira (2020).

142 É preciso recordar que nas eleições de 2018, Bolsonaro venceu expressiva entre o eleitorado branco, de acordo com a análise da pesquisa IBOPE apresentada pelo portal eletrônico El País (GARCIA TOMMASELLI, 2020).

Mas a ideia da inferioridade não é apenas uma questão intelectual. Quando Bolsonaro faz trollagens com a aparência de seus interlocutores, ele reproduz ideias presentes no darwinismo social, que defende a tese de que a hierarquia social está diretamente ligada às características biológicas de cada grupo étnico, o que faria com que o status quo da sociedade fosse praticamente imutável. Esse tipo de argumento foi amplamente utilizado ao longo da história do Brasil (FAUSTO, 2019) e, além de servir para embasar uma suposta hierarquia social, tem impactos diretos sobre a autoestima e cognição dos grupos estereotipados. Como Carvalho (2000) aponta, "os próprios não-brancos introjetam essa inferioridade fenotípica e passam a organizar suas vidas de acordo com a rejeição à ausência de branquidão e, também, segundo seu esforço por emular essa mesma pretensão branquidão" (p.2).

4.2.2. Medidas políticas efetivas

Há uma leitura subjacente que permeia todas essas trollagens: os membros desses grupos raciais minoritários não são agentes sociais competentes e são incapazes de atuar de maneira eficiente na esfera pública, e, portanto, suas opiniões devem ser desconsideradas e suas necessidades administradas por outros. A consequência disso é que o teor racista das trollagens de Bolsonaro não está apenas no plano discursivo, mas também contribui para a construção dos sentidos sociais sobre esses grupos, de tal modo que eles passam a ser naturalizados e reproduzidos pela população (BUTLER, 2009). O fato de Bolsonaro declarar publicamente discursos de ódio contra minorias raciais pode ser compreendido como um dos fatores que contribuíram para o aumento dos casos de racismo nos últimos anos¹⁴³, afinal "a propagação de mensagens e postagens com conteúdos que incitam e fortalecem o desprezo contra as minorias gera violência e discursos agressivos" (DA SILVA, 2020, p. 29).

O teor racista de seus discursos também pode ser observado na prática política efetiva. Um caso que ilustra isso é a nomeação e manutenção do jornalista negro Sérgio Camargo na presidência da Fundação Cultural Palmares durante o governo Bolsonaro. Camargo ficou famoso por suas declarações ofensivas ao movimento negro, que

143 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/28/alta-racismo-anuario-brasileiro-seguranca-publica.htm>

desqualificam suas lutas e conquistas, e propõe um revisionismo histórico que nega a existência de um racismo estrutural no país (LOPES e SERGIO COSTA NEVES, 2022).

Ao mesmo tempo, o governo Bolsonaro tomou outras medidas, como a redução do investimento nos programas de Enfrentamento ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial, o que dificulta a criação de ações em níveis estaduais e municipais para conscientização sobre a desigualdade racial do país. A exclusão dos casos de violência policial do relatório anual de violação dos direitos humanos¹⁴⁴ também pode ser vista como uma ação efetiva de racismo, uma vez que a violência policial incide principalmente sobre a população negra (TOMMASELLI, 2020).

As comunidades indígenas também foram alvo de ações do governo Bolsonaro. Uma demanda da população indígena ao longo das últimas décadas tem sido a demarcação de suas terras (SILVA, 2018), porém as ações do governo Bolsonaro caminharam na direção oposta. O que se observou ao longo da presidência de Bolsonaro foi uma diminuição radical da área demarcada¹⁴⁵, ao mesmo tempo que seu governo defendeu a exploração e arrendamento dessas terras.

Como Silva (2018) esclarece, há na sociedade brasileira "um pensamento evolucionista que defende a integração e a assimilação obrigatória dos povos indígenas ao modo de vida tipicamente capitalista" (p. 481). Nesse sentido, a exploração agrária das terras indígenas defendida por Bolsonaro não visa somente atender aos interesses de uma burguesia agrária, mas também é vista como um movimento de assimilação social dos povos indígenas. A imposição dessa lógica capitalista sobre a vida indígena leva a um apagamento dos traços étnicos que unem socialmente esses povos (ibidem), e toda essa ideia é sintetizada na frase "Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós", presente no discurso do presidente.

4.3. Virilidade

O segundo contexto apresenta uma polarização entre a figura do homem viril contra todos aqueles que não se encaixem nesse estereótipo, como mulheres e homossexuais.

144 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/12/governo-bolsonaro-exclui-violencia-policial-de-balanco-anual-sobre-violacoes-de-direitos-humanos.ghtml>

145 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/10/em-terras-nao-demarcadas-conflitos-entre-indigenas-ganham-forca-e-se-tornam-insuperaveis.shtml>

Optou-se por classificar esse cenário como marcado pelo elemento da virilidade, pois tanto manifestações de machismo quanto de homofobia tem como base a busca por restabelecer um padrão ideal de homem extremamente viril (FINCHELSTEIN, 2019), conceito que “comporta o ideal de força e virtude, correspondendo àquele que possui coragem, força física e vigor, que exerce dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais” (BONFIM, 2021, p.10).

Ao longo dos séculos, a virilidade se tornou um paradigma normativo para aquilo que seria considerado masculinidade, levando a um processo de homogeneização das características que constituem o papel de gênero e da sexualidade do homem ocidental (COURTINE, 2013). Com o passar do tempo, o conceito de virilidade e o de masculinidade acabaram sendo igualados. Aqueles que seguissem esse padrão poderiam ser caracterizados como bons líderes, enquanto qualquer um que não se encaixasse deveria se limitar a uma posição de subserviência (NASCIMENTO, 2021; YUKAWA DA SILVA, 2020).

Como Courtine (2013) aponta, a virilidade se tornou um meio de se legitimar e naturalizar os privilégios e status social dos homens. Bonfim (2020) ressalta que o sujeito viril busca manter sua posição hierárquica através do exercício da agressividade e dominação, traduzidos na exploração econômica e política. Isso condiz com os estudos de Tajfel e Turner (1979), em que a dupla afirma que, para garantir sua posição social, o grupo dominante pode se utilizar até mesmo de violência física e simbólica.

Embora essa imagem do "macho" tenha perdurado, ela entrou em declínio ao longo do século XIX, impulsionada pelos avanços do feminismo, as constantes revoluções tecnológicas e industriais e as guerras mundiais (COURTINE, 2013). Tais mudanças levaram a um abalo no status do homem viril, primeiramente porque governos totalitários disseminaram esses ideais sobre a masculinidade através da fetichização do corpo, reforçando a noção de que posições de poder só poderiam ser ocupadas por homens. Além disso, é no conflito bélico que o mito da virilidade começa a ser desmascarado, pois os soldados tiveram que conviver com o medo constante da morte (NASCIMENTO, 2021; BONFIM, 2021).

Em segundo lugar, no mundo moderno as profissões mais valorizadas não dependem mais do vigor físico e podem ser exercidas e desempenhadas tão bem por mulheres quanto por homens (GAZALÉ, 2019). Isso afeta a posição de superioridade historicamente atribuída ao homem viril, que detinha os recursos do saber e a força física

decorrente de seu trabalho. "Muitos homens sentem sua posição de virilidade abalada, tendo em vista que o marcador de produção e administração de riquezas foi historicamente atribuído a eles" (BONFIM, 2020, p. 12).

No final do século XX, de acordo com Courtine (2013), a crise cultural em torno da virilidade levou a uma redefinição das identidades sexuais e as formas de dominação masculina, embora estas não tenham deixado de existir, passaram a ser contestadas abertamente. Como resultado, tentou-se criar um padrão de homem viril que estivesse de acordo com as transformações sociais, mas por trás desse projeto o que se buscava era formas de manter as vantagens masculinas (VOKS, 2021).

A crise da virilidade é parte do fenômeno observado por Norris e Inglehart (2019) que foi chamada de revolução silenciosa. Os homens, amargurados por terem seus privilégios questionados e por verem a diminuição de seu status social, passaram a ter dificuldade em aceitar essa nova realidade e apresentam relutância em dialogar com aqueles que questionam seu poder (BONFIM, 2021). Essa maioria então passou a fomentar uma raiva coletiva que contribuiu para a vitória de figuras abertamente machistas que zombam abertamente de mulheres e homossexuais, ao mesmo tempo que se vangloriam de seus atos "viris" (COURTINE, 2020).

No cenário brasileiro, como descreve Nascimento (2018), forças conservadoras e reacionárias masculinas passaram a atuar para manter a assimetria entre gêneros e sexualidades, fomentando e direcionando o ódio contra mulheres e membros da comunidade LGBTQI+. Para eles, feministas e homossexuais se tornaram parte do grupo considerado inimigo, que deve ser combatido e aniquilado, pois, junto com os governos progressistas e liberais, são responsáveis pela instabilidade econômica e social do país (NASCIMENTO, 2021; NAMISE, 2019).

É interessante notar que esse ressentimento, utilizando o conceito nietzschiano¹⁴⁶, contra minorias surge também da incapacidade de atender a todas as expectativas do que é ser um homem viril, pois, se o indivíduo carrega consigo "esse ideal a qualquer preço,

146 O ressentimento para Nietzsche seria uma força reativa que impede o indivíduo de externalizar seus impulsos vitais. Ele surge a partir de uma postura vingativa direcionada a alguém ou a algo que se considera como culpado por aquilo que carece. Nesse sentido, o desejo de vingança tem natureza narcotizante, pois impede que o indivíduo tenha consciência que o sofrimento que sente é causado por ele próprio (PINTO, 2019).

ele também leva em sua sombra o temor da vulnerabilidade corporal, sexual e moral" (BONFIM, 2020, p. 11). Assim, a trollagem passa a ser utilizada como válvula de escape por grupos de homens ressentidos pela própria impotência e amargura (AVELAR, 2021).

4.3.2. Estruturas textuais e sentidos produzidos

10	<p>Bolsonaro: "Meu salário bruto de presidente, não tô reclamando não tá, é R\$ 33 mil. Não tô reclamando, não. Tenho tudo de graça. Não gasto quase nada do meu salário. Quem gasta é a mulher. Inclusive, todo dia quando levanto ela me pede R\$ 5 mil".</p> <p>Apoiador: "Para o que ela quer 5 mil?"</p> <p>Bolsonaro: "Não sei. Nunca dei...Como ela falava muito alto comigo em casa, eu falei: tu vai aprender Libras. Aí ela aprendeu Libras".</p>
11	<p>Bolsonaro: "Ela [repórter Patrícia Campos Mello] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim".</p>
12	<p>Bolsonaro: "Uma notícia boa para as mulheres, né. Se bem que notícia boa para as mulheres é beijinho, rosas, presentes, férias. É isso mesmo? Isso que vocês gostam? Eu também gosto".</p>
13	<p>Bolsonaro: "Agora eu virei boiola igual maranhense, é isso? Olha o guaraná cor de rosa do Maranhão. Quem toma esse guaraná vira maranhense".</p>
14	<p>Bolsonaro: "Cuidado, ivermectina mata bichas, hein? Toma cuidado"</p>
15	<p>Bolsonaro: "Eu tenho certeza que vai tomar...Tu não me engana!"</p>

Tabela 4 - Trollagens sobre virilidade. Fonte: Elaboração própria.

Os discursos analisados podem ser divididos em dois grupos: aqueles que têm como alvo mulheres e aqueles que são dirigidos a outros homens. Por mais que sejam focados em figuras diferentes, todos apresentam o mesmo objetivo: reafirmar a virilidade do homem por meio do rebaixamento do outro. O discurso 10 é particularmente interessante, pois apresenta uma série de estruturas textuais que levam à criação de estereótipos acerca dos papéis de gênero masculino e feminino. A começar pela primeira fala de Bolsonaro, ele diz que "quem gasta é a mulher", remetendo ao estereótipo da mulher que faz compras compulsivas e exageradas, que, como Galarça e Freitas (2014) lembram, já foi consagrado pela mídia. Dentro dessa dicotomia, ao falar que "não gasto quase nada do meu salário", Bolsonaro também resgata para si a ideia do homem como ser prático e controlado, que não se deixa levar pelo consumismo.

Quando Bolsonaro informa que o dinheiro gasto por Michele é proveniente de seu trabalho, ele recupera o estereótipo do homem como provedor da família. De acordo com Bonfim (2021), historicamente a administração e produção de riquezas foi atribuída à figura masculina, enquanto às mulheres foi naturalizada uma posição de cuidados do lar. Para Davis (2016), essa imagem do homem em contraposição à da mulher dona de casa serve como um sistema de dominação e garantia de controle sobre a figura feminina, pois ao se fomentar o estereótipo da mulher voltada aos afazeres domésticos, estimula-se sua permanência na esfera privada, o que as impediria de ascender socialmente.

Ainda em relação ao discurso 10, Bolsonaro informa que Michele falava alto em casa, o que reforça o estereótipo de que as mulheres são "naturalmente" mais falantes do que os homens (ZRIBEL, 2008). Sousa e Figueira (2017) apontam que essa construção imagética também carrega consigo a ideia de que, ao falar demais, as mulheres levam ao limite a paciência do interlocutor masculino, o que pode justificar a violência que elas venham a sofrer. Essas ideias são apresentadas quando Bolsonaro afirma que ele mandou Michele aprender Libras, insinuando que ela poderia "falar" o quanto quisesse sem incomodar. Tanto a construção da mulher consumista quanto a da mulher faladeira têm como base a noção de que elas apresentariam um descontrole emocional e um comportamento obsessivo/histérico (LOPES, 2004), que, como Barrett e Bliss-Moreau (2009) atestaram, tendem a ser vistos como características intrínsecas da personalidade feminina. Portanto, ao naturalizar o comportamento feminino com base em uma lógica biológica, esse tipo de discurso reforça as estruturas de dominação existentes.

Ao que diz respeito ao discurso 11, quando Bolsonaro afirma que Patrícia Campos Mello "queria dar um furo", ele faz um trocadilho com o jargão jornalístico, insinuando conotações sexuais sobre a forma como a repórter obteve informações sobre a campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018. Essa provocação apresenta uma "estratégia discursiva comum ao machismo: a de utilizar a sexualidade para reduzir a condição feminina" (SILVA; ROSADO, 2020, p. 2060), já vista em casos como o impeachment de Dilma Rousseff, quando muitos dos insultos dirigidos a ela não diziam respeito ao seu governo, mas sim à sua vida sexual (BONFIM, 2020). O objetivo dessa estratégia é desqualificar a mulher em qualquer segmento, atribuindo-lhe uma conduta sexual inadequada (SILVA; ROSADO, 2020). No entanto, a forma como Bolsonaro questiona o trabalho da jornalista não se limita à sua sexualidade, mas também à sua conduta como jornalista. Ao insinuar que Mello teria obtido informações em troca de favores sexuais, Bolsonaro coloca em

xeque não apenas a capacidade de Mello como mulher em realizar o trabalho, mas também sua integridade moral como jornalista.

O objetivo dessa estratégia é simples: desqualificar a mulher em qualquer segmento, atribuindo a ela uma conduta sexual inadequada (SILVA; ROSADO, 2020). Contudo, a forma como Bolsonaro questiona o trabalho da jornalista não é apenas através de sua sexualidade, mas também com base em sua conduta como jornalista. Ao insinuar que Mello teria obtido informações em troca de favores sexuais, Bolsonaro coloca em xeque não apenas a capacidade de Mello de executar um trabalho como mulher, mas também como uma jornalista moralmente íntegra.

Ambos os discursos apresentam expressões de sexismo hostil, colocando as mulheres em posições inferiores, demonstrando intolerância em relação ao seu papel como figura de decisão e poder, avaliando-as com base em um padrão moral tradicional que as situa como responsáveis pelo lar (FORMIGA, 2004). Nos dois casos, é perceptível o teor paternalista e competitivo nas falas de Bolsonaro, apresentando a mulher como uma figura incapaz, cabendo ao homem ajudá-la e assumir posições de poder.

Em contraposição, temos o discurso 12, que apresenta um sexismo benévolo, aquele em que "refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil" (ibidem, 2004). Isso é feito através da associação da figura das mulheres com os vocábulos "beijinho", "rosas", "presentes" e "férias", que são utilizados em uma alusão a um suposto romantismo que tende a ser associado à imagem feminina (SANTOS et al., 2014). A ideia por trás dessa construção é reforçar a crença de que a identidade sexual da mulher é definida por sensibilidade (FORMIGA, 2004).

Ainda em relação ao discurso 12, pode-se traçar um paralelo com os pensamentos presentes no discurso 10. Como dito anteriormente, Bolsonaro articula sua fala em torno da ideia de que mulheres são alvo de violência devido a um comportamento desviante do esperado em uma lógica viril e machista. A partir desse olhar, o feminicídio não seria uma reafirmação da própria virilidade, como Albuquerque Júnior (2010) explica, mas uma reação natural do homem diante de uma situação provocada pela própria mulher, logo ela deixa de ser vítima e se torna a culpada pela própria fatalidade.

Os discursos 13, 14 e 15 também abordam a questão da virilidade, mas em vez de terem como alvo mulheres, eles são dirigidos a figuras masculinas. Como Yukawa da

Silva (2020) mostra, o processo de criação do que seria o homem ideal consistiu em uma autoafirmação constante dos atributos ligados à sua virilidade, e uma forma eficiente de se fazer isso era subjugar a sexualidade dos outros. O discurso 13 faz isso a partir de um discurso homofóbico.

O primeiro elemento a ser analisado é o uso do termo “boiola”, vocábulo com conotação pejorativa para se referir a homossexuais. A associação entre homossexualidade e o refrigerante se dá pela cor da bebida. Paoletti (2012) descreve que, desde a década de 1980, o rosa é conectado à feminilidade pelos grupos conservadores, numa tentativa de reafirmar seus valores que foram questionados pelos movimentos feministas. Embora essa associação entre cor e gênero possa ser considerada antiquada e até mesmo questionável, Baliscai (2020) afirma que essa ideia “encontrou apoio em grupos que buscam resgatar e conservar uma concepção mais tradicional dos papéis desempenhados por meninos e meninas” (p. 224). Sendo assim, a interpretação dessa fala é que os homens que bebem o Guaraná Jesus seriam homossexuais porque consomem algo que, nessa lógica viril, seria destinado exclusivamente para mulheres devido à sua cor.

Este discurso também pode ser classificado como xenófobo, pois expressa “o preconceito contra pessoas de outro lugar, mas não de qualquer lugar, do lugar julgado ‘pior’ por mim ou pelo meu grupo social” (RAMOS, 2021). É importante lembrar que Bolsonaro nasceu, cresceu e fez sua carreira política no sudeste do Brasil, região em que há uma visão negativa do Nordeste (MACEDO REGO, 2018). Portanto, ao associar a homossexualidade, algo que considera como negativo, aos maranhenses, Bolsonaro incita a discriminação contra os nordestinos¹⁴⁹.

Bolsonaro utiliza no discurso 14 uma estratégia semelhante de autoafirmação de sua virilidade. Antes de tudo, a ivermectina é usada no tratamento de infecções causadas

149 O discurso 13 não é a única demonstração de preconceito de Bolsonaro com nordestino, por exemplo, após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, ele afirmou que ter perdido nos Estados do nordeste era resultado do analfabetismo e falta de cultura da população da região. Paralelamente, na mesma época, apoiadores de Bolsonaro nas redes sociais passaram a publicar xenofóbicas contra o Nordeste. É plausível assumir que tanto o comportamento discriminatório de Bolsonaro contra o nordestino ao longo dos seus anos como presidente tenham alimentado o preconceito já existente que se materializa através das manifestação de seus eleitores nas redes sociais. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/10/05/nordeste-e-alvo-de-xenofobia-nas-redes-apos-resultado-do-1-turno.htm>

por alguns parasitas, e é comum na linguagem popular brasileira se referir a esses tipos de seres vivos através da palavra “bicho”. Em contrapartida, “bicha” seria o feminino de “bicho”, mas também possui uma carga pejorativa que remete a uma pessoa com traços afeminados, o que indica que há uma tentativa de fazer um trocadilho onde se questiona a sexualidade do interlocutor. Como Rohm e Pompeu (2014) analisam, “a homofobia atua como afirmação de virilidade que se manifesta ao rejeitar modos de ser vistos como impróprios” (p. 351), sendo também um instrumento de controle social a serviço do grupo dominante.

Em relação ao discurso 15, ele apresenta duas leituras possíveis, mas que convergem para a mesma tentativa de se autoafirmar a virilidade através da subjugação da sexualidade dos outros. A trollagem de Bolsonaro foi uma reação à resposta do apresentador Igor Coelho, do Flow Podcast, que afirmou que tomaria a vacina contra a varíola dos macacos. A primeira interpretação para essa fala remete ao fato de que uma das características atribuídas ao homem viril é a coragem, pois esse não teria medo de morrer ou de lutar por uma causa (NASCIMENTO, 2021).

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível chegar à seguinte leitura: aqueles que tomam vacina teriam medo de morrer, portanto não seriam homens de “verdade”. Não é absurdo pensar nessa possibilidade quando levamos em conta que durante a pandemia do Covid-19, Bolsonaro afirmou que o Brasil tinha que “deixar de ser um país de maricas” e deveria enfrentar a pandemia de Covid-19 de “peito aberto”¹⁵⁰, o que expressa de forma mais clara o mesmo pensamento presente no discurso 14.

A segunda leitura permite uma interpretação da fala de Bolsonaro como homofóbica, uma vez que a varíola do macaco não é transmitida através de relações sexuais, mas sim por contato direto com animais infectados ou por contato com fluidos corporais infectados, como sangue e saliva. Na época da entrevista ao podcast, a maioria dos casos relatados era de homens homossexuais e bissexuais, e o diretor regional da OMS na Europa, Hans Henri P. Kluge, afirmou que o surto era causado pela transmissão

150 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>.

por “meio de redes sociais conectadas principalmente por meio de atividade sexual, envolvendo principalmente homens que fazem sexo com homens”¹⁵¹.

A fala de Kluge permite fazer um paralelo com o caso da AIDS. Na década de 1980, essa doença passou a fazer parte do imaginário público das pessoas quando grandes veículos da mídia internacional passaram a reportar a morte de jovens homossexuais masculinos devido a complicações médicas inexplicáveis, o que a levou a ser considerada como “câncer gay” (SOUSA; FERREIRA; SÁ, 2013). Os discursos em torno da AIDS foram construídos a partir da crença de que a doença era um castigo merecido àqueles que apresentam comportamentos divergentes, o que levou a um aumento da homofobia (SONTAG, 2007).

Com base nessas informações, é possível afirmar que durante a pandemia de AIDS foi estabelecido um modelo mental que associava doenças sexualmente transmissíveis à população LGBTQI+. Na sua declaração, Bolsonaro reacendeu esse modelo mental ao fazer uma piada que sugere que apenas pessoas que apresentam um comportamento sexual que não se encaixa em um padrão heteronormativo de virilidade precisam se preocupar com a doença e, portanto, ele, um homem "de verdade", não precisa se preocupar em tomar a vacina contra a doença.

4.3.3. Medidas políticas efetivas

Uma vez analisados os elementos textuais dos discursos, é necessário avaliar como as ideias presentes neles dialogam com os comportamentos da sociedade e as ações do governo Bolsonaro. Assim como no caso do racismo, é plausível supor que as mensagens que fortalecem o desprezo por membros da comunidade LGBTQIA+ e mulheres foram fatores que causaram o aumento dos casos de violência contra essas pessoas¹⁵². No entanto, as trollagens com sentidos de virilidade não se traduzem apenas

151 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/entenda-por-que-a-variola-dos-macacos-tem-afetado-principalmente-homossexuais-e-bissexuais/>

152 Como os dados apresentados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, houve um crescimento dos casos motivados por homofobia nos anos de governo Bolsonaro. Nesse mesmo período, a taxa de feminicídio caiu, porém registrou-se um aumento em outros tipos de violência contra mulheres.

Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-feminicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contrameninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>

em violência, o padrão de masculinidade ideal implícito nelas tem consequências para os homens também.

De acordo com o relatório "Masculinidades y salud en la región de las Américas", a expectativa de vida dos homens na região latina é cerca de 5,8 anos menor em comparação com as mulheres. Os dados apontam que as principais causas de mortalidade dos homens são externas, seja por acidentes violentos, doenças decorrentes do uso excessivo de entorpecentes, entre outras. Uma explicação para isso é dada tanto por Bonfim (2019) como por Brito (2022), que destacam que o padrão de virilidade carrega consigo a ideia de uma invulnerabilidade masculina, o que leva muitos homens a rejeitarem práticas preventivas de saúde. Portanto, quando Bolsonaro fomenta esse estereótipo de "macho", ele naturaliza e legitima esse modelo comportamental que pode ser fatal para muitos homens.

No que se refere às ações políticas do governo Bolsonaro, a nomeação da pastora evangélica Damares Alves para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos pode ser considerada como uma dessas medidas. Da mesma forma que Sérgio Camargo buscava deslegitimar as conquistas de movimentos negros e raciais, Damares atuou para legitimar um sistema que impõe modelos de conduta para homens e mulheres (CUNHA, 2020).

Não é surpreendente que, durante o período em que comandou o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares se alinhou a grupos conservadores que defendiam a reintrodução de tratamentos de reorientação sexual ou de conversão de gênero¹⁵³, o que colocaria as sexualidades não heteronormativas em um patamar de doenças mentais (CUNHA, 2020). Tal alinhamento político é coerente com as declarações de Bolsonaro que associam a homossexualidade a um desvio comportamental.

Outro dado que revela o pensamento de virilidade presente nos discursos de Bolsonaro é o desmonte das políticas voltadas para a população feminina. De acordo com o Boletim de Políticas Sociais do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o governo Bolsonaro buscou a construção de uma "nova política para as mulheres",

153 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/damares-recebe-grupo-de-ex-gays-epsicologos-que-defendem-a-cura-lgbt/>

"baseada em uma moralidade religiosa, na centralidade da família tradicional nuclear e heteronormativa, no resgate de valores tradicionais de gênero e no confronto direto com as agendas e movimentos feministas" (IPEA, 2022, p.2). Além disso, o governo Bolsonaro propôs 94% menos recursos para o combate à violência contra a mulher em comparação com as gestões anteriores¹⁵⁴.

Uma das ações do governo Bolsonaro que melhor expressa a busca por um ideal de virilidade é a flexibilização da posse de armas de fogo. Bolsonaro tende a afirmar que o decreto armamentista foi uma medida tomada para aumentar a proteção dos "cidadãos de bem"¹⁵⁵. Santos (2012) explica que o "cidadão de bem" é uma construção social masculina na qual o indivíduo pode ser considerado um bom pai, chefe e marido, portanto, apresentando uma masculinidade virtuosa. A autora descreve que os homens tendem a defender a pauta armamentista a partir da narrativa da legítima defesa, pois há construção social de que é responsabilidade do homem proteger os mais fracos (mulheres e crianças), logo, partem do princípio de que só utilizarão a força (arma de fogo) quando estiverem sob ataque e tiverem razões justas. Nesse sentido, a posse de uma arma de fogo reforça estereótipos masculinos de virilidade, ao mesmo tempo em que marginaliza a violência.

Homens violentos, amedrontados e frágeis que ostentam no fetiche de um discurso bélico uma ilusão de remédio para os seus problemas, imaginários ou reais. Esses enunciados possuem uma dimensão performativa, dado que roteirizam e geram masculinidades que se constituem pelo padrão bala, atuando na construção de subjetividades que terão esse padrão viril como ideal, conforme aponta Ambra (2021). (NASCIMENTO, 2021, p. 88).

4.4. Pandemia

Diferentemente dos outros dois contextos globais analisados anteriormente, o da pandemia não tem raízes históricas. Pelo contrário, ele teve início no final de 2019, quando surgiram na China notícias sobre uma doença desconhecida. O que começou como casos isolados em uma província chinesa logo se tornou uma pandemia global. Já no início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que medidas de distanciamento social e o uso de equipamentos de segurança, como máscaras, eram as

154 Disponível: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/09/29/governo-bolsonaro-propoe-94percent-menos-de-recursos-no-orcamento-para-combate-a-violencia-contra-mulheres-diz-levantamento.ghtml>

155 Disponível: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/04/bolsonaro-facilitamos-armas-para-o-cidadao-de-bem.htm>

melhores respostas para se evitar o contágio do SARS-CoV-2, já que ainda não havia vacinas contra a doença.

No combate à Covid-19, cada país buscou traçar a estratégia que julgava mais adequada. Amarante (2021) relembra que boa parte dos governos mundiais reconheceu a gravidade da nova doença e tomou decisões baseadas na ciência, seguindo as medidas de isolamento social propostas pela OMS. Todavia, esse não foi o caso do Brasil:

as práticas governamentais adotadas pelo poder executivo são bastante controversas, principalmente os posicionamentos e falas do presidente da república Jair Bolsonaro. O ex-capitão adotou um discurso polêmico, tentando diminuir os riscos da pandemia, sendo de posição contrária ao isolamento social e a favor de que tudo retorne à 'normalidade'. O saldo de seu discurso e práticas fez com que a partir do meio do mês de maio, o país atingisse a segunda colocação em números de mortes devido à Covid-19, apenas atrás dos Estados Unidos da América. (HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2021, p. 552).

Nesse contexto, surge a polarização entre aqueles que são a favor da adoção de medidas e práticas baseadas na ciência para conter a proliferação da Covid-19, como o desenvolvimento e a produção de uma vacina contra a doença, e daqueles que optaram pelo negacionismo, desqualificando as medidas de proteção contra a doença e minimizando seus impactos. Parte desse posicionamento negacionista se deve aos problemas sociais e econômicos desencadeados pelas medidas de isolamento, como a diminuição da renda, interrupção da cadeia produtiva e de atividades comerciais (SANTOS; FOSSÁ, 2022). Desde seu primeiro pronunciamento nacional, Bolsonaro adotou um posicionamento explicitamente negacionista, defendendo uma pauta econômica antes da sanitária, ideia que foi expressa e repetida em várias ocasiões (AMARAL, 2021), inclusive através de suas trollagens.

Antes de se iniciar a análise dos discursos de Bolsonaro, é necessário ressaltar que, por mais que o contexto da pandemia seja o apresentado acima, os sentidos construídos nas declarações de Bolsonaro possuem uma gama mais complexa de significados que permitiria classificar as trollagens em outras categorias. Por exemplo, parte delas dialoga com o contexto da virilidade, dado que já havia sido observado por Brito (2021) em sua análise sobre alguns discursos de Bolsonaro durante a pandemia. Há também a presença de sentidos religiosos nas falas negacionistas do político, que contribuiriam para reforçar um estatuto religioso baseado em significados presentes no populismo messiânico e no cristianismo (BOSCATTI; AMORIM, 2022). Por mais que elas possam se encaixar em outros tipos de contextos devido aos sentidos produzidos, os

efeitos performativos das trollagens de Bolsonaro contribuíram para a tragédia sanitária do país, por isso elas podem ser agrupadas na mesma categoria.

4.4.1. Estruturas textuais e sentidos produzidos

16	Bolsonaro: "O prefeito falou que cura Covid com ozônio, não pergunta onde é a aplicação, não", complementa Bolsonaro, que usa um tom de voz fino para concluir: "Tinha muita gente indo pra lá tomar [ozônio]. Estou com Covid."
17	Bolsonaro: "Oh... calcinha apertada [se referindo a João Dória]! Isso não é coisa de homem. Fecha São Paulo e vai passear em Miami. É coisa de quem tem calcinha apertada. Isso é um crime"
18	Bolsonaro: "Sabia que o tio estava na praia nadando de máscara? Mergulhei de máscara também, para não pegar Covid nos peixinhos".
19	Bolsonaro: "Máscara é coisa de viado"
20	Bolsonaro: "Direita toma cloroquina e esquerda toma tubaína".
21	Bolsonaro: "Se tomar e virar um jacaré é problema seu. Se virar um super-homem, se nascer barba em mulher ou homem falar fino, ela [Pfizer] não tem nada com isso".
22	Repórter: "Presidente, hoje tivemos mais de 300 mortes. Quantas mortes o senhor acha que..." Bolsonaro: "Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo? (interrompe o repórter novamente) E daí? Não sou coveiro".

Tabela 5 - Trollagens negacionistas. Fonte: Elaboração própria.

Os discursos 16 a 17 estão na intersecção entre os contextos globais da virilidade e da pandemia. O primeiro pode ser interpretado como uma crítica às medidas de isolamento social decretadas pelo ex-governador de São Paulo, João Dória. Santos e Fossá (2020) avaliaram que desde o início da pandemia, Dória e Bolsonaro assumiram posicionamentos distintos sobre a condução da crise sanitária, de modo que o embate dos dois foi marcado pelo uso de expressões difamatórias com o objetivo de construir uma imagem negativa do outro. No caso do discurso 16 isso é feito de dois modos: 1) utilização do termo "calcinha apertada" para se referir a Dória, um trocadilho que faz alusão à ideia

de que ele usaria roupas femininas; e 2) informar que Dória seria um trapaceiro¹⁵⁶, pois enquanto a população do estado de São Paulo vivia sob um rígido isolamento social, ele decidiu viajar a lazer para o exterior. Esses argumentos têm como objetivo desqualificá-lo como líder, pois, como Nascimento (2021) explica, o ideal de virilidade está ligado ao da liderança e moralidade. Logo, ao questionar a sexualidade de Dória, Bolsonaro sugere que seu alvo não seria competente para o cargo que ocupava, e, portanto, as medidas que tomou para evitar a proliferação da Covid-19 em São Paulo não seriam eficazes ou adequadas.

Como Brito (2022) avalia, Bolsonaro buscou sempre assumir uma condição de invulnerabilidade masculina perante a Covid-19, em que se deveria encarar a doença de “peito aberto” ou como “homens, não como moleques”. Tal visão sobre o enfrentamento da pandemia é materializada na forma como Bolsonaro relata o episódio em que o prefeito de Itajaí sugeriu à população de sua cidade a ozonioterapia via retal (discurso 17). Nesse caso, Bolsonaro utilizou um tom de voz fina para representar aqueles que realizaram esse procedimento, ao fazer isso ele simula o que considera um comportamento de um homem afeminado.

A partir disso, pode-se inferir a seguinte interpretação: aqueles que contraíram a doença não estariam de acordo com o modelo masculino ideal, pois o cuidado com a saúde é uma prática feminina (MEDRADO et al., 2021, p. 181). Essa ideia é reforçada pelo tipo de tratamento sugerido pelo prefeito de Itajaí, pois procedimentos médicos que envolvem a região do ânus são vistos de forma estigmatizada por homens heterossexuais (COUTINHO; COSTA FILHO; DE OLIVEIRA, 2018).

Os discursos 18 e 19 não podem ser analisados separadamente. Embora no discurso 18 Bolsonaro faça um trocadilho com a palavra "máscara" para se referir tanto à de mergulho quanto à facial, debochando da recomendação de uso constante desse equipamento de segurança para se evitar a disseminação do coronavírus, o sentido produzido não está ligado somente à negação das medidas de proteção. No discurso 19, fica claro que a questão do uso da máscara está também relacionada à virilidade. O uso do termo "viado" abrange sentidos de repulsa à homossexualidade e legitima a suposta

¹⁵⁶ Santos e Fossá (2020) afirmam que durante o conflito entre Bolsonaro e Dória, o até então presidente buscou atribuir ao ex-governador a alcunha de “traidor” e “trapaceiro”, levando a disputa entre os dois ao campo da moralidade.

invulnerabilidade masculina (BRITO, 2022), reforçando o sentido já apresentado no discurso 17 de que o cuidado com a saúde não condiz com o modelo de homem ideal de Bolsonaro.

Saindo da esfera da virilidade, os discursos 20 e 21 situam questões essencialmente científicas no campo político/ideológico. Em ambos os casos, há associação entre medicamentos e grupos políticos, tornando-os artefatos identitários. Essa ligação também representa a disputa pela verdade que tem sido travada entre esses dois campos. Desde meados de março de 2020, quando o Ministério da Saúde publicou uma nota técnica promovendo a cloroquina, surgiu na esfera científica e pública um intenso debate sobre a eficácia do uso do medicamento. Bolsonaro passou a defender tal tratamento, porém o fez com base em estudos "não científicos" (DUARTE, BENETTI, 2022). É importante notar que Bolsonaro não recusa o conhecimento científico. Pelo contrário, ele utiliza signos científicos para embasar sua defesa do medicamento (OLIVEIRA et al., 2020).

O que está em jogo por trás da imagem da cloroquina não é a validade desse tipo de conhecimento, mas sim a disputa sobre quem detém a chamada verdade científica. Dessa forma, a crença bolsonarista é de que a produção científica é enviesada por motivações políticas e econômicas que favoreceriam uma suposta "esquerda" (DUARTE, BENETTI; 2020). Isso está em linha com os pensamentos compartilhados por membros da extrema direita, de que o regime de verdade vigente¹⁵⁷ produz narrativas tendenciosas e com um determinado viés ideológico (EMPOLI, 2020). Quando Bolsonaro associa a cloroquina ao campo da direita brasileira, ele busca reforçar a necessidade de uma purificação da ciência, indicando que a "verdadeira verdade científica" está resguardada pelos cientistas de direita.

No que se refere ao discurso 21, observa-se que Bolsonaro usa uma retórica conspiracionista para questionar a validade das vacinas contra a Covid-19 e, conseqüentemente, o conhecimento científico estabelecido sobre elas. Como Blaskiewicz (2013) explica, existe a teoria de que as empresas farmacêuticas, políticos e outras figuras reguladoras, como a mídia, atuam secretamente contra o interesse público. A chamada

¹⁵⁷ Partindo dos pensamentos de Foucault (1986) sobre verdade, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (p. 12). Sendo assim, técnicas e procedimentos científicos também estão dentro do regime da verdade.

Big-Pharma operaria de forma secreta contra o interesse público, não divulgando tratamentos eficazes ou, até mesmo, causando doenças para aumentar seus lucros. Ao alertar sobre os perigos das vacinas, Bolsonaro desafia o regime da verdade e reforça a crença em uma ciência enviesada.

O discurso 22 pode ser entendido como uma demonstração do desprezo de Bolsonaro pelas mortes das vítimas da Covid-19, pois "perguntar E daí?, logo após a emissão de uma afirmação, significa desinteresse da parte de quem pergunta" (SOUZA, 2020, p. 538). Machado Cavalcante (2021) argumenta que essa fala faz parte de uma estratégia discursiva de normalização de mortes evitáveis durante a pandemia. Uma ideia central nessa fala é a dissociação entre seu papel como chefe do Executivo e sua responsabilidade pela pandemia, a partir da frase "eu não sou coqueiro". A partir dela, cria-se o sentido de que as mortes decorridas da doença eram inevitáveis e, em razão disso, Bolsonaro pouco podia fazer.

Da Silva e Bleicher (2020) trazem uma perspectiva interessante sobre essa fala, pois avaliam que ela seria também uma forma de minimizar os impactos negativos da pandemia nas populações mais vulneráveis aos efeitos adversos dela. De acordo com a dupla, ao desvalorizar o trauma coletivo de se perder subitamente entes queridos, Bolsonaro "trata as mortes, o sofrimento e a angústia como algo que não aconteceu, sem importância. (...) o que ocorre é um descrédito da percepção e da própria condição de sujeito de quem experienciou aquele trauma" (DA SILVA; BLEICHER, 2020, p. 101). Desse modo, Bolsonaro não nega a existência de uma pandemia, mas desacredita todos os impactos que ela pode ter tido nas diversas esferas que compõem nossas vidas.

4.4.2. Medidas políticas efetivas

No final de 2022, o Brasil já havia registrado 32 milhões de casos de Covid-19 e quase 700 mil mortes em decorrência da doença. É inegável que a promoção de medicamentos ineficazes, o atraso na compra e produção de vacinas, a falta de coordenação nacional e a ausência de critérios técnicos para guiar a implementação das medidas de distanciamento social pelo governo federal foram fatores que contribuíram para o agravamento da pandemia no país. No entanto, como Santana, Perez e Nascimento (2021) argumentam, o comportamento público e as falas de Bolsonaro também tiveram um papel central no desastre sanitário brasileiro. Com isso em mente, optou-se por dar maior ênfase nos efeitos performativos dos discursos analisados.

Como pode ser observado nas trollagens que apresentavam sentidos de virilidade, Bolsonaro reforçou a ideia da invulnerabilidade masculina, gerando impactos diretos na proporção de mortes entre homens e mulheres em decorrência da Covid-19. De acordo com dados levantados pelo Global Health 50/50¹⁵⁸, mais homens haviam morrido por causa da doença do que mulheres no Brasil. Uma explicação para isso é dada por Baker, White e Morgan (2020), que constataram em diversos países que os níveis de mortalidade entre homens foram superiores aos das mulheres. O trio avalia que uma das razões para isso ter ocorrido foi por causa de práticas culturais ligadas à masculinidade, que levaram muitos homens a aderirem menos às medidas preventivas.

O ataque às medidas de isolamento e proteção também pode reforçar crenças religiosas, uma vez que uma de suas principais bases de apoio são os evangélicos. Para entender isso, é preciso lembrar que uma das principais formas de contágio é através de gotículas de saliva. Boscatti e Amorim (2022) explicam que "a importância da saliva desponta na Bíblia através de relatos em que Jesus cura doentes utilizando saliva" (BOSCATTI; AMORIM, 2022, p. 34). Ao mesmo tempo, muitos setores evangélicos passaram a encarar a Covid-19 como um mal fabricado pelo diabo, o que leva à necessidade de cura espiritual. Nesse contexto, a transmissão intencional de saliva ganha uma dimensão religiosa e curativa, o que ajuda a explicar por que os evangélicos representam a parcela religiosa da população que menos teme ser infectada pela Covid-19¹⁵⁹.

Mas a promoção de uma cura milagrosa não é algo relegado somente a esse setor. O discurso em que Bolsonaro cita a cloroquina faz parte de um conjunto de falas em que ele defendeu o uso do medicamento como um tipo de tratamento preventivo contra a Covid-19. Bolsonaro se encaixa no que Lasco e Curato (2018) chamaram de populismo médico, onde líderes populistas em face de uma crise sanitária buscam oferecer à população uma saída rápida e milagrosa para essas situações, o que lhes garantiria legitimação de seu poder social.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://globalhealth5050.org/the-sex-gender-and-covid-19-project/the-data-tracker/?explore=country&country=Brazil#search>

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/evangelicos-tem-menos-medo-de-morrer-e-creem-menos-em-vacinas-aponta-datafolha.shtml>

Como Casarões e Magalhães (2021) explicam, os baixos índices de aprovação de Bolsonaro em seu segundo ano de mandato coincidem com o início da pandemia. Por isso, o ataque às vacinas e a promoção de medicamentos ineficazes seriam uma forma de remontar sua base eleitoral. O problema é que as constantes declarações negacionistas de Bolsonaro, somadas a uma ruptura da esfera informacional e instabilidade no estatuto da verdade, levaram muitos apoiadores de Bolsonaro a acreditarem que há "provas de que a Cloroquina e a Ivermectina curam o vírus, que as vacinas não são eficazes, que o vírus é uma estratégia da China para dominar o mundo e ganhar muito dinheiro" (DE PAULA et al., 2021, p. 41).

Xavier et al. (2022), avaliam que as atitudes e pensamentos negacionistas de Bolsonaro impulsionaram o comportamento de risco das pessoas alinhadas a ele, levando-as a se exporem mais a Covid-19. Por isso, regiões com mais eleitores de Bolsonaro nas eleições de 2018 foram as que registraram taxas maiores de mortalidade quando comparadas àquelas em que se predominou o voto em Haddad.

Ainda é preciso compreender que as falas de Bolsonaro também tiveram impacto em grupos mais vulneráveis. Como foi exposto no relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (CPI)¹⁶⁰, indígenas teria recusado se vacinar em razão de temores como o de se transformarem em jacarés, mudarem de sexo ou até morrerem. Esse dado reforça o pressuposto de que a trollagem pode ser considerada uma estratégia de comunicação política, afinal ela influenciou um grupo a agir contra o seu próprio bem-estar, ao mesmo tempo que promove ideologias como a dos anti-vacinas.

Como Van Dijk (2018) aponta, um dos recursos cruciais para se evitar a influência de certos discursos é ter conhecimento relevante que possa ser usado como contra-argumentos a afirmações falsas, incompletas ou tendenciosas. No caso da população indígena, Santos et al. (2019) apontam que ela possui indicadores sociodemográficos proporcionalmente menores em relação à população não indígena, sendo o acesso à escolaridade formal um deles. A partir disso é possível elaborar a hipótese de que devido a situação de vulnerabilidade social que se encontram, os grupos indígenas teriam um

¹⁶⁰ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/fc73ab53-3220-4779-850c-f53408ecd592>

menor conhecimento específico sobre vacinas e, portanto, menor capacidade de formular contra-argumentos e resistir à influência do discurso de Bolsonaro¹⁶¹.

Por mais que não se possa medir a intensidade da influência das trollagens de Bolsonaro nas pessoas, é inegável que há uma relação entre elas e a forma como muitos brasileiros se comportaram na pandemia. Talvez o contexto da pandemia seja o que melhor demonstre como a trollagem pode ser empregada como uma estratégia de comunicação política governamental, pois ao fomentar uma ideologia negacionista, parte da opinião pública brasileira passou a concordar e defender as medidas ineficazes adotadas pelo governo federal.

4.5. Como as trollagens de Bolsonaro se configuram enquanto uma estratégia de comunicação política?

Uma vez realizadas as análises discursivas das trollagens de Bolsonaro, pode-se responder à pergunta de pesquisa: como as trollagens de Bolsonaro se configuram enquanto uma estratégia de comunicação política governamental? Como Panke e Tesseroli (2021) explicam, a comunicação política é um conceito guarda-chuva que engloba a comunicação governamental e a comunicação eleitoral. A comunicação governamental pode ser definida como aquela que "trata dos fluxos de informação e padrões de relacionamento envolvendo o Executivo e a sociedade" (DUARTE, 2011, p. 5), tendo como finalidade gerar uma boa governança entre os diversos setores da sociedade (PANKE; PIMENTEL, 2018). Por isso, é preciso tornar públicas e persuasivas as ideias e propostas do governo, fazendo com que a opinião pública seja favorável à implementação de certas medidas e ações consideradas necessárias.

A trollagem pode ser uma forma eficaz de tornar públicas as ideias defendidas por um governo, ao promover o *attention hacking* (MARWICK; LEWIS, 2017). Ao capturar a atenção da mídia e das redes sociais com suas polêmicas, Bolsonaro seria capaz de introduzir no debate público temas favoráveis a sua gestão. Além disso, na política moderna, a persuasão deixa de ser dependente da capacidade argumentativa e se torna mais voltada para como os atores políticos se manifestam de forma espetacular

¹⁶¹ A transformação e criação de crenças e opiniões não ocorrem de forma imediata, portanto um único discurso não é capaz de ser o responsável por todo o processo de manipulação mental (VAN DIJK, 2018). No caso retratado, como o relatório da CPI esclarece, pastores e missionários também teriam espalhado presencialmente e por aplicativos de mensagens um discurso negacionista que estava em consonância com as falas do presidente, o que levou os indígenas a se oporem contra a vacinação.

(BALANDIER, 1982). Com isso, programas de governo, arranjos partidários ou discursos em tribunas se tornam menos eficazes do que a dramatização (CIOCCARI; PESICHETTI, 2018b).

Os estereótipos utilizados nos discursos de Bolsonaro analisados nesta dissertação têm um papel importante na perpetuação de imagens negativas que historicamente foram utilizadas para manter posições hierárquicas assimétricas e naturalizadas na sociedade (MOREIRA, 2020, p. 154). No que diz respeito aos discursos relacionados à pandemia, a trollagem é parte de uma estratégia comunicacional mais ampla que se baseia no uso da desinformação para transmitir ideologias que favorecem o governo Bolsonaro. Embora a ideia de enganar os cidadãos possa ser considerada uma prática condenável, Martinez (2019) lembra que o uso da desinformação como método para alcançar objetivos políticos não é algo novo. De fato, ao longo da história, diversos governos utilizaram a contrainformação para criar justificativas que permitissem intervenções estrangeiras ou políticas no próprio país (MARTINEZ, 2019).

Bishop (2014b) já havia identificado que os trolls podem usar factoides para levar suas vítimas a um estado de choque emocional, o que permite que suas crenças sejam mais facilmente manipuladas. Como já foi discutido, a interpretação da mensagem do troll depende das experiências, conhecimentos e crenças pessoais e socialmente compartilhadas do receptor, e isso definirá a forma como ele reage à trollagem. Sendo assim, as mensagens presentes na trollagem podem reforçar as crenças dos grupos bolsonaristas, levando-os a um estado de empoderamento, o que reflete diretamente no apoio que Bolsonaro e seu governo recebem.

Paralelamente, o elemento do humor presente nas trollagens se torna uma peça importante nessa estratégia comunicacional. Na lista de Meyer (2000) das quatro funções do humor, o autor indica que uma delas seria o que ele denomina clarificação. "Os comunicadores também empregam o humor para encapsular seus pontos de vista em frases memoráveis ou anedotas curtas, resultando no esclarecimento de questões ou posições¹⁶²" (MEYER, 2000, p.319). Essa estratégia permite que os receptores do discurso recordem com mais facilidade certos eventos, de modo que o uso estratégico do

¹⁶² No original: "Communicators also employ humor to encapsulate their views into memorable phrases or short anecdotes, resulting in the clarification of issues or positions".

humor poderia contribuir para uma melhor assimilação de ideias por parte do público-alvo do comunicador. Com base nisso, é possível argumentar que as trollagens de Bolsonaro sintetizam todas as ideias preconceituosas e negacionistas em frases curtas e de fácil recordação¹⁶³, o que contribui para o compartilhamento de um modelo mental específico. Se esse modelo for adotado mais amplamente, pode se tornar uma representação social mais geral e favorável aos objetivos do governo Bolsonaro.

Pode-se questionar se o humor das trollagens seria capaz de influenciar por si só os fenômenos descritos acima, mas há dois outros elementos nas mensagens que precisam ser levados em conta. É preciso considerar as posições sociais que trolls políticos, como Bolsonaro, assumem na sociedade, pois tanto Pierce (1887) quanto Van Dijk (2018) apontam que emissores que possuem posições importantes e de prestígio podem impactar o grau de confiabilidade da informação. Além disso, Bolsonaro assume em suas trollagens o arquétipo do bobo da corte (FREITAS, ANTUNES, BOAVENTURA, 2022), que também é fundamental na capacidade de influenciar dos trolls políticos.

O riso provocado pelos bobos seria um tipo de riso esclarecedor e crítico. Esses personagens relatavam a natureza das coisas e das pessoas da forma mais autêntica possível (Flos, 1980). Ao mesmo tempo, como Bakhtin (1996) explica, a paródia performada pelos bobos criava uma espécie de dualidade de mundo, pois ela revelava as contradições existentes na sociedade. Como Freitas, Antunes e Boaventura (2022) avaliam, ao assumir tal arquétipo, Bolsonaro construiu e manteve para parte de seu eleitorado a imagem de ser um político antissistema, pois suas polêmicas incomodariam o establishment.

Compreender que Bolsonaro assume o arquétipo do bobo da corte para muitos de seus apoiadores é essencial para entender a razão do riso e da credibilidade gerados. Bolsonaro, para essas pessoas, não é apenas o presidente do Brasil, mas antes de tudo uma pessoa bem-humorada e que fala a verdade sem grandes preocupações. Portanto, duas estratégias comunicacionais são inerentes à trollagem: uma visa a legitimação da opressão contra grupos minoritários baseada em representações sociais degradantes, e a outra utiliza o humor como uma forma de fomentar o fenômeno da desinformação. Em

¹⁶³ Volta-se a questão que Lagos (2018) já havia levantado do pensamento de Bolsonaro ser fragmentado, o que facilitaria a produção de memes.

ambos os casos, a trollagem foi utilizada por Bolsonaro como um método para se eximir de qualquer responsabilidade que tivesse sobre a piora na situação econômica e social do país, além da crise sanitária (FREITAS, ANTUNES, BOAVENTURA, 2022), tendo servido também como um tipo de cortina de fumaça para ocultar crises e polêmicas envolvendo as ações do Planalto (NASCIMENTO, 2021; NUNES, 2020; PETERS, 2020).

Apesar da possibilidade de as trollagens de Bolsonaro serem utilizadas dessa forma, isso não significa que o conteúdo delas esteja isento de críticas. As normas e valores das sociedades ocidentais proíbem diversas formas de preconceito e intolerância, sendo que algumas delas, como injúrias raciais, são consideradas crimes no Código Penal Brasileiro. A maioria dos membros do grupo dominante reconhece e compartilha, até certo ponto, essas restrições sociais (VAN DIJK, 2018). No entanto, muitos dos discursos que podem ser considerados discriminatórios podem ser acompanhados de negativas que buscam mitigar seu conteúdo. Essas ressalvas são feitas para evitar que inferências sobre tais declarações sejam feitas, uma vez que essas falas podem acarretar penalidades para o emissor, seja jurídica ou social.

No caso das trollagens de Bolsonaro, o principal argumento utilizado é que suas falas devem ser encaradas como brincadeiras ou piadas. Ao se defender dessa forma, ele coloca a intencionalidade como condição central de responsabilidade. Esse tipo de negação é, de certa forma, eficaz, já que "o acusador não tem como provar intenções negativas" (VAN DIJK, 2018, p. 161). Silva (2020) explica como isso funciona a partir do exemplo do discurso proferido por Bolsonaro em um comício no Acre, em setembro de 2018, quando disse: "Vamos fuzilar a petralhada"¹⁶⁴. Ao longo das semanas que se seguiram a esse acontecimento, alguns crimes foram cometidos pelos seguidores do político, sendo o assassinato do mestre capoeirista Moa do Katênde¹⁶⁵ o ápice dessa tragédia. Por mais que os crimes e o comício tenham ocorrido em localidades distintas, Silva (2020) expõe como o discurso de ódio de Bolsonaro incentivou parte da sociedade brasileira a se comportar de forma violenta.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://www.crsg.periodikos.com.br/article/5e92059d0e8825a27f30ae9a/pdf/crsg-2-1-27.pdf>

As relações de poder são evidentes, quando observamos Jair Bolsonaro, ocupando um cargo de grande escalão motivando atentados como esse, mesmo posteriormente sua assessoria negando o tom de motivação e alegando brincadeira, sabemos dos riscos e das consequências geradas, a partir da fala dele (...) ao enunciador no seu lugar de fala e seu poder de fala, convida os seus seguidores, os motiva a fazer algo, e com as consequências trazidas ao ser divulgado esse vídeo que foi gravado no comício pelos seus apoiadores nas redes sociais, e é observado os embates criados pela oposição e pela mídia em geral. Ele volta atrás e diz que o seu discurso foi em tom de brincadeira, se isentando ali de qualquer possível responsabilidade. (SILVA, 2020, p. 34)

Como atos de fala performativos, as trollagens de Bolsonaro afetam o comportamento da sociedade e legitimam atos de violência e intolerância contra os alvos de seus discursos. A ideia de que, por mais agressiva e odiosa que uma piada ou brincadeira possa ser, ela não teria efeitos sociais ou psicológicos negativos em seus alvos está calcada na noção comumente disseminada de que o humor é benigno (BILLIG, 2001; MOREIRA, 2020) e na noção de que “a intenção do humor não é provocar crença ou ação, mas simplesmente entreter” (CAPELOTTI, 2022, p. 352). Então, ao afirmar que tudo não passou de uma brincadeira mal compreendida, Bolsonaro busca se eximir de responsabilidade.

Van Dijk (2018) classifica esse tipo de argumento como reversão, uma forma mais agressiva de contra-ataque e negação, pois o objetivo passa a ser apresentar os acusadores como os verdadeiros culpados. No caso de Bolsonaro, ao reelaborar os quadros, ele implica que aquele que o acusa é o verdadeiro intolerante por estar condenando sua liberdade de expressão (CHAGAS, 2020a).

Há uma segunda negação presente em algumas das falas de Bolsonaro que pode ser considerada como um tipo de justificativa: “nesse caso, o ato não é negado, mas nega-se seu caráter preconceituoso e afirma-se explicitamente que ele foi justificado” (VAN DIJK, 2018, p. 164). A humilhação verbal é justificada pelo nível de proximidade entre Bolsonaro e o alvo de sua trollagem. Moreira (2020) explica que esse argumento se baseia na ideia de que uma pessoa preconceituosa seria aquela que se recusa a manter qualquer tipo de contato com membros dos grupos que considera inferior, logo só esse tipo de indivíduo teria a intenção de discriminar os outros. Ao ter relações pessoais com pessoas negras, mulheres e homossexuais, o intolerante veria a convivência como uma demonstração da ausência de desprezo por minorias¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/michelle-bolsonaro-nega-que-o-marido-seja-machista-homofobico-ou-misogino/>

Essa justificativa tende a partir das vítimas das trollagens de Bolsonaro, como é o caso de Michelle Bolsonaro. Em uma entrevista concedida ao programa Domingo Espetacular, a ex-primeira-dama do Brasil afirmou: “Ele é taxado como racista e um dos melhores amigos dele há 20 anos é o Hélio Negão. Ele é taxado como fascista, como homofóbico e nós temos amigos gays, eu tenho um primo que é gay. Ele é taxado como misógino e ele é casado com quem? Com uma filha de cearense [sic]. Eu tenho certeza que Deus está dando essa oportunidade para o Brasil conhecer o Jair de verdade”.

Por mais que esse argumento não tenha legitimidade, Moreira (2020) aponta que o seu uso reforça a falsa tese da cordialidade brasileira, encobrando a natureza assimétrica da nossa sociedade. Nota-se que a conclusão desse autor está de acordo com a ideia de Van Dijk (2018) de que as negações assumem funções sociais e políticas. No caso, ao negar ou justificar um ato discriminatório, a sociedade passa a crer que tal acontecimento foi acidental e não reflete a opinião da maioria, em vez de reconhecer a existência de estruturas sociais e políticas que ainda produzem algum tipo de desigualdade para grupos minoritários.

5. CONCLUSÃO

"Não é possível que ele esteja falando sério". Qualquer um que já tenha se deparado com um troll da internet pensou isso, mas durante os anos de 2019 a 2022, talvez esse tenha sido um dos pensamentos mais recorrentes da população brasileira. Boa parte das declarações do ex-presidente Bolsonaro era uma fusão entre discurso de ódio, mentiras e um humor de extremo mau gosto, e é difícil não comparar esse estilo comunicativo com o de um troll da internet. Com base nisso, propôs-se compreender como a trollagem se enquadra como um tipo de estratégia de comunicação política, uma vez que Bolsonaro utilizou esse tipo de mensagem para se comunicar com a população brasileira enquanto ocupou o cargo de presidente da República.

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, foi necessário, inicialmente, conceituar a trollagem. Phillips e Milner (2017) explicam que, devido ao uso exaustivo desse termo para definir uma série de comportamentos e ações que não têm ligação entre si, a trollagem se tornou uma categoria excessivamente abrangente. A partir da literatura existente sobre o tema, esclareceu-se que não se pode considerar a subcultura troll como um monólito; pelo contrário, ela se divide em inúmeros subgrupos, que possuem suas próprias práticas e normas. No entanto, a leitura dos principais trabalhos existentes sobre essa temática revelou que as trollagens apresentam quatro características fundamentais que estão diretamente ligadas ao conceito de lulz: ambivalência, estética do espetáculo, transgressão e humor.

Essas quatro características atuam de forma sincrônica, produzindo diversos efeitos sobre os receptores desse tipo de mensagem. Talvez o mais significativo seja que a trollagem pode atuar como um tipo de *boundary maintenance*, pois ela reforça os sentimentos de identificação entre os membros de um grupo, por meio do fortalecimento de ideias e crenças compartilhadas por eles. Quando transportada para o campo da política, a trollagem gera visibilidade, uma vez que atos polêmicos atraem a atenção da mídia e das redes sociais para o troll em questão. É também pertinente apontar que a trollagem pode contribuir para a construção de uma imagem positiva do troll político, o que pode levar a um envolvimento maior entre ele e seu eleitorado.

Alguns autores, como Nascimento (2021), argumentam que a trollagem é um tipo de *dog whistle*, uma mensagem política que utiliza "linguagem codificada que significa uma coisa para a população em geral, mas tem um significado específico para o subgrupo que é o seu alvo" (NASCIMENTO, 2021, p. 113). Embora a trollagem possa ter um

caráter ambivalente, Alberston (2020) explica que o *dog whistle* é geralmente utilizado para mascarar mensagens controversas, para evitar atenção negativa. Nas sessões do espetáculo e da transgressão, é perceptível que os trolls não têm essa preocupação, pois a polêmica é importante para o compartilhamento de sua mensagem. Portanto, embora a trollagem e o *dog whistle* tenham mecanismos similares, eles não podem ser considerados sinônimos.

Após a conceituação teórica sobre a trollagem, foi possível dar continuidade ao desenvolvimento da parte empírica. Optou-se pelo método de análise desenvolvido por Van Dijk (2018) para investigar as declarações de Bolsonaro durante seu mandato presidencial. Esse autor trabalha com uma abordagem que une discurso, cognição e sociedade como partes fundamentais para a compreensão de uma mensagem. Portanto, para realizar um estudo baseado no método sociocognitivo, foi necessário identificar e investigar elementos como os contextos globais e locais de cada discurso, as relações de poder presentes em cada uma delas, bem como os conteúdos simbólicos significativos e as mensagens ideológicas presentes em tais discursos.

Durante o estudo das trollagens, foi possível dividi-las em três grupos com base em seus contextos globais: racismo, virilidade e pandemia. Em todos os casos, houve o uso de estereótipos para ativar modelos mentais específicos dos receptores do discurso de Bolsonaro. Em relação às duas primeiras temáticas, pode-se compreender que o uso do humor derogatório é utilizado para "manter arranjos sociais que marginalizam minorias" (MOREIRA, 2020, p. 181), através da aceitação de imagens pejorativas que justificam uma determinada hierarquia social. Paralelamente, é possível afirmar que o humor na trollagem também serve como um tipo de válvula de escape para a propagação de discursos de ódio de uma parcela da população brasileira ressentida por sua perda de privilégios.

Em relação ao contexto da pandemia, os estereótipos utilizados servem como recurso retórico para embasar parte do negacionismo de Bolsonaro. Além disso, também se identificou a ativação de crenças religiosas e o questionamento do estatuto da verdade para justificar o não cumprimento das medidas de proteção sanitária. Em um cenário de pós-verdade, o uso da trollagem como forma de questionar o conhecimento científico é extremamente preocupante, pois, como visto, ela pode fomentar teorias da conspiração e até mesmo o sentimento de pânico moral.

O que chama a atenção nos três contextos analisados é que a trollagem não se limita à prática discursiva, sendo materializada na prática política estatal. Isso permitiu inferir que as trollagens de Bolsonaro foram utilizadas como parte de uma estratégia de comunicação que visa manipular a opinião pública para criar um cenário favorável às medidas ultraneoliberais e ultraconservadoras de seu governo. Também se constatou que as trollagens podem ter efeitos performativos, sendo capazes de influenciar o comportamento de parte da sociedade, tornando as pessoas mais coniventes com discursos de ódio e inspirando a violência contra determinados grupos minoritários.

Há limitações nesse trabalho que precisam ser apontadas. A primeira é em relação ao corpus de pesquisa. Foram analisados um total de 22 discursos que foram enquadrados como brincadeiras/piadas pela mídia ou em que Bolsonaro fez algum tipo de remissão. As trollagens foram retiradas de reportagens dos três principais jornais de qualidade do Brasil. No entanto, essas não foram as únicas ações troll de Bolsonaro em seus quatro anos de poder. Caso a coleta fosse realizada de outra forma, é provável que o corpus dessa pesquisa tivesse aumentado significativamente, pois a interpretação de uma trollagem é subjetiva (FULLER; MCCREA; WILSON, 2013) e a classificação de um mesmo acontecimento tende a mudar de acordo com a percepção de cada analista. Mesmo assim, julga-se que o corpus selecionado foi suficiente para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, uma vez que as estruturas discursivas e estratégias comunicacionais se repetem nos discursos do ex-presidente.

Outra limitação está relacionada ao fato de que não se estudou a trollagem no contexto eleitoral. Embora o objetivo de uma estratégia de comunicação política seja ganhar a aprovação pública para que o ator político alcance seus objetivos eleitorais ou governamentais, "a existência de diferentes contextos exige que o sujeito político tome ações e comunique com estratégias diferentes, considerando as distintas posições de legitimidade nas quais ele se encontra" (PANKE; PIMENTEL, 2018, p. 84). Portanto, como estratégia de comunicação eleitoral, a trollagem pode produzir diferentes efeitos sobre seus receptores, o que exigiria um estudo que investigasse exclusivamente seu uso no contexto das eleições.

Mesmo assim, é inegável que, ao longo dos últimos pleitos eleitorais, atores políticos da direita reacionária, principalmente aqueles ligados a Bolsonaro e ao Movimento Brasil Livre (MBL), utilizaram a trollagem como uma forma de construir uma sólida base eleitoral. Ainda que nem todos tenham tido sucesso em suas empreitadas,

a adoção de um comportamento troll foi fundamental para a criação de mitologias políticas em torno de muitos deles (NAMISE, 2019).

Apesar da predominância do uso da trollagem por membros da direita, candidaturas de outros espectros políticos também passaram a adotar essa prática. Durante as eleições de 2022, o deputado federal André Janones assumiu uma postura troll e passou a atuar de forma mais agressiva e "zoeira" contra bolsonaristas. É importante notar que as publicações de Janones atendiam praticamente todos os requisitos da trollagem: 1) eram ambivalentes, não era possível afirmar se Janones estava falando sério ou não, e isso desestabilizou as campanhas de outros candidatos; 2) geraram visibilidade tanto para Lula quanto para ele, além de permitir a introdução de temas no debate público que eram favoráveis a Lula ou prejudiciais a Bolsonaro; 3) utilizavam-se de um humor agressivo para atacar seus alvos; e 4) transgrediram as leis eleitorais, até que algumas de suas postagens foram retiradas do ar por ordem do TSE.

Janones não foi o único político que assumiu uma postura troll durante as eleições de 2022. Supõe-se, com base no que foi observado superficialmente ao longo do período eleitoral, que o ex-governador de São Paulo Márcio França também tentou assumir uma postura troll em favor de Haddad, e que Ciro Gomes agiu da mesma forma, porém ambos tiveram resultados irrisórios em comparação a Janones. O uso da trollagem por atores políticos da esquerda abre um novo precedente nessa temática, mostrando que essa prática está se tornando uma estratégia utilizada por todos os espectros políticos.

O problema é que a trollagem se apresenta como uma transgressão às regras do jogo democrático. Por mais que o político troll possa ser o emissor original da mensagem, a trollagem acaba sendo repercutida tanto por seus apoiadores como pela mídia, seja no formato de memes ou de reportagens, o que dificulta o trabalho da justiça de identificar o responsável pela veiculação desse tipo de material. Isso permite que a trollagem continue a circular nas redes sociais, sendo uma forma de campanha negativa não oficial¹⁶⁷. Diante desse fato, é necessário que sejam realizadas pesquisas futuras que

¹⁶⁷ Lau e Rovner (2008) classificam a propaganda negativa como um tipo de propaganda em que se ataca os adversários. Isso não quer dizer que essa tática seja ilegítima ou injusta, pelo contrário, como alerta Dourado (2020), a "campanha negativa é parte da própria propaganda eleitoral e não necessariamente equivale à distribuição de informações fraudulentas para distração, manipulação ou controle da opinião pública" (p. 27). Ela é uma forma de destacar questões que os candidatos desejam evitar e faz parte da natureza competitiva das campanhas eleitorais aderirem a esse tipo de prática (LAU; ROVNER, 2008). Bull e Sigelman (2008) identificam que os ataques aos adversários podem estimular o medo do eleitorado,

enfoquem a trollagem como uma estratégia de comunicação eleitoral, buscando compreender de forma ampla os efeitos e a eficácia dessa tática. Uma melhor compreensão dos mecanismos e implicações dessa nova técnica comunicacional pode contribuir para que as esferas legislativas encontrem formas mais efetivas de lidar e regular a utilização da trollagem nas campanhas eleitorais.

levando-os a votar no candidato que lhes garanta um futuro mais seguro. No contexto brasileiro, a legislação do nosso país proíbe a adoção desse tipo de estratégia, pois há penalidades que podem prejudicar os candidatos que optarem por realizar campanhas negativas em que se degrade ou ridicularize de alguma forma o candidato adversário. Mesmo assim, ela é adotada com cautela pelas campanhas eleitorais, principalmente por candidatos desafiantes (aqueles que não estão no poder) ou por aqueles que não estão em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto (BORBA, 2015).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças. In: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (org.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21-34.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2012.

ALONSO, Angela. *A comunidade moral bolsonarista. In: Abranches et al. (orgs). Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 52-70p.

ALVES DOS SANTOS, M. *Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018*. 2019. 360 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Jair Bolsonaro e a pandemia: notas sobre práticas idiotas. (2021). Almanaque v. 5. n. 1.

AMARANTE, Erivelto. A desinformação como estratégia política: uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da covid-19. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 48-67, maio 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/53087/pdf>.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

ARAÚJO, Camilla Lima de. *Racismo e humor: o impacto de piadas nas expressões de racismo*. 2016. 132 f. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016

ATANASOV, Atanas; De Francisci Morales, GIANMARCO, & NAKOV, Preslav. 2019. Predicting the Role of Political Trolls in Social Media. In Proceedings of the 23rd Conference on Computational Natural Language Learning (CoNLL), pages 1023–1034, Hong Kong, China. Association for Computational Linguistics.

AVELAR, Idelber. *Eles em nós: retórica e antagonismo político no século XXI*. 2ªed. Rio de Janeiro: Record.

BACCEGA, M. A. (1998). *O estereótipo e as diversidades*. Comunicação & Educação, (13), 7-14.

BAKER, P and WHITE, A and MORGAN, R (2020) Men's health: COVID-19 pandemic highlights need for overdue policy action. *Lancet*, 395 (10241). pp. 1886-1888.

BAKTHIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 1996.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Ed. Universidade de Brasília, 1982.

BALISCEI, João Paulo. Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero. *Revista Teias*. v. 21, ago. 2020, p. 223-244.

BARBOSA Diniz, R., e V. de ARAÚJO MENDES. “*Uma análise De Rede Das mídias Tradicionais E a Cobertura Das eleições De 2018*”. *CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, nº 31, maio de 2020.

BARBOSA, Alexandre Henrique Batista. *A desinformação como ferramenta da guerra híbrida*. Tese apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Política e Estratégia Marítimas da Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro. 2020.

Barrett, L. F., & Bliss-Moreau, E. (2009). She's emotional. He's having a bad day: Attributional explanations for emotion stereotypes. *Emotion*, 9(5), 649–658.

BARROS, A. T. de; LEMOS, C. R. F. Política, pânico moral e mídia: controvérsias sobre os embargos infringentes do escândalo do Mensalão. *Opinião Pública*, Campinas, SP, v. 24, n. 2, p. 291–327, 2018.

BARROS, Bruno Mello Corrêa; THADDEU, Helena de Rosso; PEREIRA, Marília do Nascimento. *Caso Eloá Pimentel/Sonia Abrão – a interferência da mídia nas negociações policiais*. Trabalho apresentado 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. Universidade Federal de Santa Maria.

BASTON, R., KENYAH-DAMPTEY, B. *Unintentional Trolling: How Subjects Express Their Prejudices Through Made-up Stories*. *Philos. Technol.* 34, 667–682 (2021).

BATESON, G. *A theory of play and fantasy*. In: BATESON, G. Steps to an ecology of mind. Nova Iorque: Ballantine, 1972.

- BENNETT, W. L. *When politics becomes play*. Political Behavior, 1(4), 1979.
- BERGER, A. A. (1987). *Humor: An Introduction*. American Behavioral Scientist, 30(3), 6–15. <https://doi.org/10.1177/000276487030003002>
- BERGSON, Henri. *O riso: Ensaio sobre o significado do cômico*. Tradução e notas: Maria Adriana Camargo Cappello. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2018.
- Bethlem, Agrícola Os conceitos de política estratégica. Revista de Administração de Empresas [online]. 1981, v. 21, n. 1 [Acessado 9 Novembro 2022], pp. 7-15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-75901981000100001>>. Epub 28 Jun 2013. ISSN 2178-938X. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901981000100001>.
- BILLIG, Michael. (2001). *Humour and Hatred: The Racist Jokes of the Ku Klux Klan*. Discourse & Society - DISCOURSE SOCIETY. 12. 267-289. [10.1177/0957926501012003001](https://doi.org/10.1177/0957926501012003001).
- BISHOP, Jonathan. (2014a). *Representations of ‘trolls’ in mass media communication: A review of media-texts and moral panics relating to ‘internet trolling’*. International Journal of Web Based Communities. 10. 7-24. [10.1504/IJWBC.2014.058384](https://doi.org/10.1504/IJWBC.2014.058384).
- BLASKIEWICZ, Robert (2013). *The Big Pharma conspiracy theory*. Medical Writing. 22 (4): 259.
- BONFIM, F. G. (2021). Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. Revista Periódicus, 1(13), 09–24.
- BORBA, Felipe. *Propaganda negativa nas eleições presidenciais brasileiras*. Opin. Publica [online]. 2015, vol.21, n.2, pp.268-295.
- BORDIN, Vanessa Benites. *O jogo do bufão como ferramenta para o artista*. 2013. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:[10.11606/D.27.2013.tde-07032014-144317](https://doi.org/10.11606/D.27.2013.tde-07032014-144317).
- BOSCATTI, Ana Paula Garcia e AMORIM, Anna Carolina Horstmann. Economia moral da saliva: Bolsonaro, Covid-19 e as políticas do contágio no Brasil. Religião & Sociedade [online]. 2021, v. 41, n. 2

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de Comunicação Pública. IN: DUARTE, Jorge. (org.). Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. São Paulo: Atlas, 2009. p. 1-33

BRITO, Leandro Teofilo de. “ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE”: QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA. Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 150-162, abr. 2022. ISSN 2594-9004.

BROWN, A., 2017. *What is so special about online (as compared to offline) hate speech?*, Ethnicities, p.1468796817709846.

BUCHER T. *Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook*. New Media & Society. 2012;14(7):1164-1180. doi:10.1177/1461444812440159

BUELL, Emmett H.; SIGELMAN, Lee. Attack politics. Univ. press of Kansas, 2008.

BURTON, L.M., & WELSH, W. (2015). *The role of exclusion, social capital, and generic social processes in upward mobility*. Retrieved from W.T. Grant Foundation website:

<http://wtgrantfoundation.org/library/uploads/ShortpixelBackups/2016/01/Inequality-and-Opportunity-Burton-and-Welsh-William-T.-GrantFoundation.pdf>

BUTLER, Judith. Lenguaje, poder e identidad. Madrid: Síntesis, 2009.

CAPELOTTI, João Paulo. *O humor e os limites da liberdade de expressão: teoria e jurisprudência*. – São Paulo: Editora Dialética, 2022.

CARDOSO, João Gabriel Maracci. *Reflexões sobre verdade e política: mapeando controvérsias do Kit Gay*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019.

CARREIRÃO, Y. S. “Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006”. Opinião Pública, Campinas, vol. 13, n. 2, p. 307-339, nov. 2007.

CARVALHO, Eliane Paula de. A identidade da mulher negra através do cabelo. Monografia apresentada à Universidade Federal do Paraná para a obtenção do título de Especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

Carvalho, J.J. (2000). Racismo fenotípico e estética da segunda pele, *Revista cinética*, [s/n].

CASARÕES, Guilherme and MAGALHÃES, David. *The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug*. *Revista de Administração Pública* [online]. 2021, v. 55, n. 1 [Accessed 8 April 2022], pp. 197-214. Available from: <<https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>>. Epub 05 Mar 2021. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>

CASTILHO, Daniela Ribeiro e LEMOS, Esther Luíza de Souza. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. *Revista Katálysis* [online]. 2021, v. 24, n. 2 [Acessado 27 Dezembro 2022], pp. 269-279.

[CHAGAS, V. \(2018\). *A febre dos memes de política*. Revista FAMECOS, 25\(1\), ID27025. https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27025](https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27025)

CHAGAS, V., F. A. FREIRE, D. RIOS, E D. MAGALHÃES. “*A política Dos Memes E Os Memes Da política: Proposta metodológica De análise De Conteúdo De Memes Dos Debates Eleitorais De 2014*”. *Intexto*, nº 38, janeiro de 2017, p. 173-96, doi:10.19132/1807-8583201738.173-196.

CHAGAS, V.; FONSECA, V. *Faster, higher, stronger: sports fan activism and mediatized political play in the Rio 2016 Games*. *Transformative Works and Culture*, 32, 2020.

CHAGAS, Viktor. *Digerindo o indigesto: a escatologia política do Vômitoço*. Galáxia (São Paulo) [online]. 2019, n.40, pp.41-56. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-25532019000100041&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>.

CHAGAS, Viktor. *Dolce farmeme: a retórica da brincadeira política*. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Política da Compós 2020. Anais..., Campo Grande, Compós, 2020a.

CHAGAS, Viktor. *Making amends with memes*. *Commonplace*. 2020b. <https://doi.org/10.21428/6ffd8432.ac155a53>

CHAGAS, Viktor. *Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil*. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 34, n. 72, pp. 169-196.

CHOI, J. M.; MURPHY, J. *The Politics and Philosophy of Political Correctness*. 1. ed. Santa Barbara, CA: Praeger. 1992.

CIOCCARI, D., & PERSICHETTI, S. (2018a). *Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro*. Revista Alterjor, 18(2), 201-214. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688>

CIOCCARI, D., & PERSICHETTI, S. (2018b). *A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Dória e Nelson Marchezan*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 15 Nº 2. Julho a Dezembro de 2018. p.112-129.

COHEN, S. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and the Rockers*. Oxford: Basil Blackwell. 1987.

COLEÇÃO OBJETHOS DE CÓDIGOS DEONTOLÓGICOS. Florianópolis: Observatório da Ética Jornalística (objETHOS), 2012

COLEMAN, G. *Phreaks, hackers, and trolls: the politics of transgression and spectacle*. In: MANDIBERG, M. The social media reader. New York: NYU Press, 2012.

CONTANI, M. L., TODESCHINI VIEIRA, N., & GOMES DE OLIVEIRA, E. (2021). *Carnavalização bakhtiniana e o arquétipo bobo da corte na produção de sentido nas mídias*. Revista Mídia E Cotidiano, 15(3), 232-254.

CORRÊA, Luana Marques de Montenegro. Brasil Fragmentado: Um estudo sobre as tendências de polarização política-ideológica na sociedade brasileira. 2017.

CORTELLA, M. S. Viver em paz para morrer em paz: se você não existisse, que falta faria?. São Paulo: Planeta, 2017.

COURTINE, J.-J. Impossível virilidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 3, p. 7-12

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; COSTA FILHO, José Andrade; OLIVEIRA, Ana Raquel de. A relação entre masculinidade e câncer de próstata: uma revisão sistemática. Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB, João Pessoa, n. 43, p. 11-22, nov. 2018. ISSN 2447-9187.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. "A Antipolítica De Gênero No Governo Bolsonaro E Suas Dinâmicas De Violência." Revista De Estudios Brasileños 7, no. 14 (2020).

CYRIL-LYNCH, Christian Edward; PASCHOETO-CASSIMIRO, Paulo Henrique. ***O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018-2021)***. Aisthesis, Santiago, n. 70, p. 223-249, dic. 2021.

DA SILVA, Rannelle Andrade. Discurso de ódio e o fortalecimento da violência dentro e fora das redes sociais. Artigo apresentado no Congresso Brasileiro Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero, no Grupo Temático: Construções Linguísticas e Resistência: A língua como espaço político, no período de 06 à 08 de Setembro de 2019.

DAHLBERG, Lincoln. ***Computer Mediated Communication and the Public Sphere***. Journal of Computer Mediated Communication 7, no. 1 (2001): 0, doi:10.1111/j.1083-6101.2001.tb00137.x.

DAVIES, C. ***Jokes and their relation to society***. Berlim: Mouton de Gruyter, 1998

DAVIS, A. Mulher, raça e classe. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVISON, P. ***A linguagem dos memes de internet (dez anos depois)***. In: CHAGAS, V. (org.). A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EdUFBA, 2020. p. 139-155.

DE PAULA, Carolina; FERES JR, João; WARDE JR, Walfrido Jorge; VALIM, Rafael. ***Bolsonarismo no Brasil. Pesquisa qualitativa nacional***. IREE. Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública. Jun de 2021. Disponível em: <https://iree.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Pesquisa-Bolsonarismo-no-Brasil.pdf>

DEBORD, Guy. ***A Sociedade do Espetáculo***. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DECOOK, J. R. (2020). ***Trust Me, I'm Trolling: Irony and the Alt-Right's Political Aesthetic***. M/C Journal, 23(3).

DEVITO, M. A. (2016) ***From Editors to Algorithms: A values-based approach to understanding story selection in the Facebook news feed***. Digital Journalism Ahead of print. doi: 10.1080/21670811.2016.1178592

DI CARLO, Josnei; KAMRADT, JOÃO. ***Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira***. Teoria e Cultura - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. v. 13, n. 2, 2018.

DIBAI, Priscila Cabral. “Mesmo solto, Lula nunca será livre”: o cerco ao inimigo em grupo bolsonarista no Telegram. Revista Compólitica, v. 11, n. 1, p. 6-30, 2021.

DIBAI, Priscila Cabral. *A direita radical no Brasil pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro*. 2018. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2018.

DINEVA, Denitsa & BREITSOHL, Jan. (2021). *Managing Trolling in Online Communities: An Organizational Perspective*. Internet Research. 10.1108/INTR-08-2020-0462.

DONATH, Judith. “*Identity and Deception in the Virtual World*,” in *Communities in Cyberspace*, ed. Mark A. Smith and Peter Kollock (New York: Routledge, 1999), 29–60.

DOUGLAS, Karen M.; USCINSKI, Joseph E.; SUTTON, Robbie M.; CICHOCKA, Aleksandra; NEFES, Turkay; ANG, Chee Siang; DERAVI, Farzin. *Understanding Conspiracy Theories*. *Political Psychology*, v. 40, n. S1, p. 3–35, 2019. <https://doi.org/10.1111/pops.12568>.

DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2020.

DUARTE, Daniel Edler e BENETTI, Pedro Rolo. Pela Ciência, contra os cientistas? Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia. *Sociologias* [online]. 2022, v. 24, n. 60 [Acessado 22 Dezembro 2022], pp. 98-138.

DUARTE, J. Sobre a emergência do(s) conceito(s) de comunicação pública. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). *Comunicação pública, sociedade e cidadania*. 1. Ed. São Caetano do Sul : Difusão Editora, 2011.

EAGLETON, Terry. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Tradução: Alessandra Bonruquer. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ECKSTRAND, N. 2018. *The Ugliness of Trolls: Comparing the Strategies/Methods of the Alt-Right and the Ku Klux Klan*. *Cosmopolitan Civil Societies: an Interdisciplinary Journal*, 10:3, 1-20.

ECO, U. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do Caos – como as Fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. Tradução Arnaldo Bloch. 1ª ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

- EPSTEIN, Issac (1986). *Teoria da Informação*. São Paulo. Editora Ática.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. Ed. Atual e ampl., 3. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2019.
- FEITOSA, Patrícia Cristina Leite. A cachaça como identidade cultural. 2005. 70 f. Monografia (Especialização em Turismo, Cultura e Lazer)-Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- FERES JÚNIOR, J. (2017). *Esquerda, direita e o politicamente correto: breve estudo comparado*. Revista USP, (115), 51-66. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i115p51-66>
- FERGUSON, Mark A. and FORD, Thomas E.. "Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority, and social identity theories" , vol. 21, no. 3, 2008, pp. 283-312. <https://doi.org/10.1515/HUMOR.2008.014>
- FERNANDES BRAGA, M. V.; KIYOTANI, I. B. A Cachaça como patrimônio: turismo, cultura e sabor. Revista de Turismo Contemporâneo, [S. l.], v. 3, n. 2, 2015.
- FERREIRA, Filipe Mantovani. *Esteriótipos e Discurso: a (re)construção da imagem de minorias em revistas de nicho*. 2012. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-26102012-101807. Acesso em: 2022-02-28.
- FERREIRA, Ricardo Alexino. *Negro midiático: construção e desconstrução do afro-brasileiro na mídia impressa*. Revista USP, São Paulo, n. 69, p. 80-91, março/maio, 2006.
- FESTINGER, L. (1957). A theory of cognitive dissonance. Stanford: Stanford University Press
- FIGUEIREDO, C. *Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade*. Comunicação & Sociedade, v. 33, n. 57, p. 171-198, jan./jun. 2012.
- FIGUEIREDO, M.; ALDÉ, A.; DIAS, H.; JORGE, V. L. Estratégias de persuasão eleitoral. Opinião Pública, Campinas, vol. IV, nº 3, Novembro, 1997, p.182-203
- FINCHELSTEIN, Federico. Do fascismo ao populismo na história. São Paulo: Almedina, 2019.

FLORES-SAVIAGA, C.; KEEGAN, B. C.; AND SAVAGE, S. 2018. *Mobilizing the trump train: Understanding collective action in a politicaltrolling community*. arXiv preprint arXiv:1806.00429.

FLOS, Marianne Elisabeth. *William Shakespeare: The fools and folly in “As you like it”, the first part of “Henry The Fourth”, “Twelfth Night” and “king Liar”*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Universidade Federal de Santa Catarina. 1980.

FORMIGA, N. S. As bases normativas do sexismo ambivalente: a sutileza do preconceito frente às mulheres à luz dos valores humanos básicos. In: _____. MARCUS E. O. et al. (Org.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: UFBA, 2004. p. 259-276.

FOUCAULT, M. (1986). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Graal

FRAGOSO, Suely. *"HUEHUEHUE eu sou BR": spam, trollagem e griefing nos jogos online*. Revista Famecos, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 3, 2015.

FRANCO, J. R.; BORGES, P. *Educação em tempos de bolhas online: uma abordagem peirceana*. Dialogia, São Paulo, n. 27, p. 53-64, set./dez. 2017.

FRANGE, M. B. S. N. . *A Memetização do Jornalismo do Jornalismo Esportivo*. 2017. Trabalho apresentado no 4º Seminário Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo. Faculdade Cásper Líbero – 18 a 21 de outubro de 2017

FREITAS, Ernani Cesar de, ANTUNES, Fernando Simões e BOAVENTURA, Luis Henrique. O rei e o bobo da corte: cenografia,|ethose arquétipos no discurso presidencial. Galáxia (São Paulo) [online]. 2022, v. 47.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Tradução: Fernando Costa Mattos, Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FUKS, Mário; MARQUES, Pedro. *Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil?*. In: 12º ENCONTRO DA ABCP, 2020, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB). Área Temática: Comportamento Político e Opinião Pública [...]. [S. l.: s. n.], 2020

FULLER, G., WILSON, J., & MCCREA, C. (2013). *Troll Theory?* Issue 22: Trolls and the Negative Space of the Internet. Fibreculture Journal, 22, 1-15. [FCJ-22].

<http://twentytwo.fibreculturejournal.org/issue-22-trolls-and-the-negative-space-of-the-internet/>

GALARÇA, Sando Lauri; FREITAS, Maria Lima de. À vista ou no cartão? A imagem da mulher consumista nas matérias econômicas em revistas feminina. Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu, PR, 2014.

GAZALÉ, O. Futuro do feminismo depende da reinvenção de masculinidade. [Entrevista cedida a] Fernando Eichenberg. Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 mar. 2019.

GEER, John G. In *Defense of Negativity: Attack Advertising in Presidential Campaigns*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo. Ed. Cia das Letras, 1987.

GIROTTI NETO, Angelo. A voz das ruas e a rearticulação da ideologia conservadora. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

GOLIN, Luana Martins. *O nihilismo em Dostoiévski e Nietzsche*. Correlato, São Paulo. V.8, n. 16, p. 109-117. 2009.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na erada comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

GONÇALVES, A. T. P. (2016). *Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas*. Administração: Ensino E Pesquisa, 17(2), 275-300. <https://doi.org/10.13058/raep.2016.v17n2.323>

GRAHAM, E. (2019). *Boundary maintenance and the origins of trolling*. New Media & Society, 146144481983756. doi:10.1177/1461444819837561

[GRANATO, Natália Cristina; MIRANDA, Eduardo Soncini. Pandemia, empresariado e aprofundamento das desigualdades sociais no Brasil. Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 7, n. 1, jun. 2021](#)

GROSSI, Giorgio. *La opinión pública: teoría del campo demoscópico*. Madrid: CIS-centro de investigaciones sociológicas, 2007.

GRUDA, Mateus Pranzetti. *O controverso discurso do politicamente correto: algumas considerações e desdobramentos*. Revista Brasileira de Psicologia, 01(02), Salvador, Bahia, 2014.

HARDAKER, Claire (2010). *Trolling in asynchronous computer-mediated communication: From user discussions to academic definitions*. Journal of Politeness Research, 6 (2). pp. 215-242. ISSN 1612-5681

HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução: Rosina Angina. 1ª ed. Martin Claret. 2014.

HOLMES S (2013) *Politics is serious business: Jacques Rancière, grieving, and the re-partitioning of the (non)sensical*. Fibreculture Journal 22: 151–169.

HOYT, M. A. et al. Cancer-related masculine threat, emotional approach coping, and physical functioning following treatment for prostate cancer. Health Psychology, Washington, v. 32, n. 1, p. 66–74, 2013.

HUR, Domênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel e ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. Rev. psicol. polít. [online]. 2021, vol.21, n.51, pp. 550-569. ISSN 2175-1390.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Igualde de Gênero*. In: Políticas Sociais: acompanhamento e análise. 2022.

JAMES, Roland M. *Trolls: From Scandinavia to Dam Dolls, Tolkien, and Harry Potter*, 2017.

JAMESON, F. *Pós-modernismo e Sociedade de Consumo [1982]*. In: A Virada Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JAMIESON, K. H. Dirty politics: Deception, distraction, and democracy. Oxford University Press on Demand, 1992.

JENKS, C. (2003) *Transgression*. London: Routledge.

JERÓNIMO, N. A. *Humor na sociedade contemporânea*. 268f. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

KALIL, Isabela et al. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. [Relatório] Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, outubro de 2018. Disponível em: <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>

KELLY, Alan; PAUL, Christopher. *Decoding Crimea: Pinpointing the influence strategies of modern information warfare*. Riga, Letônia: NATO Strategic Communications Centre of Excellence, 2020. 36 p.

KENT, Steven (2001). *Ultimate History of Video Games*. Three Rivers Press. ISBN 0-7615-3643-4.

KOPPER, Moisés e DAMO, Arlei Sander. *A emergência e evanescência da nova classe média brasileira*. Horizontes Antropológicos [online]. 2018, v. 24, n. 50, pp. 335-376. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000100012>>. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000100012>.

KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KUIPERS, G. *The social construction of digital danger: debating, defusing and inflating the moral dangers of online humor and pornography in the Netherlands and the United States*. New Media & Society, 8(3), 2006.

LACERDA, Elisa. A desinformação como estratégia de comunicação política. Trabalho apresentado no 7º Seminário de Comunicação e Territorialidades: Perspectivas e Desafios. Universidade Federal do Espírito Santo – 22 a 26 de novembro de 2021.

LAGO, Miguel. Bolsonaro fala outra língua. piauí, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-fala-outra-lingua>.

LASCO, Gideon & CURATO, Nicole. (2018). *Medical populism*. Social Science & Medicine. 221. 10.1016/j.socscimed.2018.12.006.

LAU, Richard; ROVNER, Ivy Brown. (2009). Negative Campaigning. Annual Review of Political Science. 12. 10.1146/annurev.polisci.10.071905.101448.

LEGMAN, Gershon. *No Laughing Matter: Rational of the Dirty Joke*. New York: Bell, 1971.

LEIRNER, Piero. Brasil no espectro de uma guerra híbrida: Militares, operações psicológicas em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Ed. Alameda, 2020.

LIMA, M. E. O, FARO, André e SANTOS, Mayara Rodrigues dos. A desumanização Presente nos Estereótipos de Índios e Ciganos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2016, v. 32, n. 1, pp. 219-228.

Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9, 401-411.

LINDOW, John. *Trolls: an unnatural history*. London, Reaktion Books, 2015.

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Tradução: Jaques A. Wainberg. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOPES, F. T. "Mujeres Alteradas": uma análise discursiva das identidades sociais de gênero. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S. l.], v. 5, n. 11, 2004.

LOPES, J. S. C.; SERGIO DA COSTA NEVES, P. Quando a memória é o pomo da discórdia: o 13 de maio de 2020 e a Fundação Palmares. *Revista de História*, [S. l.], n. 181, p. 1-31, 2022.

LYNCH, T., TOMPKINS, Jessica E., VAN DRIEL, Irene I., FRITZ, Niki *Sexy, Strong, and Secondary: A Content Analysis of Female Characters in Video Games across 31 Years*, *Journal of Communication*, Volume 66, Issue 4, August 2016, Pages 564–584

MACHADO CAVALCANTE, S. (2021). A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. *Calidoscópio*, 19(1), 4–17.

MANSBRIDGE, Jane; MACEDO, Stephen. *Populism and Democratic Theory*. *Annual Review of Law and Social Science*. Vol. 15, 2019, pp. 59–77.

MARQUES JÚNIOR, Kléber Neves. Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no Ensino Médio. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Educação – PPGE, do Centro de Educação-CE, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB - João Pessoa, 2022.

MARTINEZ, Henrique Mateus Faria. *A desinformação como estratégia do governo Bolsonaro*. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Bacharel em comunicação social: publicidade propaganda, 2019.

MARTINS, André Ricardo Nunes. *Racismo no debate da imprensa sobre a política de cotas para negros*. *Discurso & Sociedad*, Vol. 6(2), 2012, 389-417, 2012.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. *Media manipulation and disinformation online*. New York: Data & Society Research Institute, 2017

MASON, Liliana. *Ideologues without issues: the polarizing consequences of ideological identities*. *Public Opinion Quarterly*, v. 82, Special Issue, 2018 (280 a 301)

MATTELART, A., & MATTELART, M. (2014). *História das teorias da comunicação. Loyola*. (Obra original publicada em 1995)

MEDRADO, B., LYRA, J., NASCIMENTO, M., BEIRAS, A., CORRÊA, A. C. P., ALVARENGA, E. C., LIMA, M. L. C. (2021). Homens e masculinidades e o novo coronavírus: Compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(1), 179-183.

MENNA BARRETO, Ricardo de Macedo; FERRAZ, Helena Mascarenhas. Comunidades quilombolas, racismo e ideologia no discurso de Jair Bolsonaro: estudo crítico dos discursos político e judicial. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, Brasília, v. 10, n. 2 p.699-722, 2020

MEYER, John C. (2000) “Humor as a Double-Edge Sword: Four functions of humor in communication” in *Communication Theory*, 3: 310-331

MIGUEL, Luis Felipe. *Mito e discurso político. Uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994*. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.

MIGUEL, Luis Felipe. *Mito político*. In: RUBIM, A. A. C. *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. São Paulo: Editora Unesp, 2004a, cap.5, p.379-408.

MILNER, RM (2013) *Internet memes, identity antagonism, and the logic of Lulz*. *The Fibreculture Journal* 22: 62–92.

MILNER, Ryan M. *The world made meme: Discourse and identity in participatory media*. Tese (PhD in Philosophy) - University of Kansas, Lawrence, 2012.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MONTESANTI, Beatriz. Jovens de origem asiática se mobilizam por maior representatividade. [Entrevista concedida a] *Nexo Jornal*. 2016. Atualizado em: 29 jul. 2016.

- MORAIS, Fernando. *Corações sujos*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- MORREALL, John (2005). *Humour and the conduct of politics*. In Sharon Lockyer & Michael Pickering (eds.), *Beyond a Joke: The Limits of Humour*. Palgrave-Macmillan. pp. 63--78.
- MORRISEY, Lochlan. *Trolling is a art: Towards a schematic classification of intention in internet trolling*. Griffith Working Papers in Pragmatics and Intercultural Communication 3, 2, p. 75-82, 2010. Available at: https://www.griffith.edu.au/_data/assets/pdf_file/0005/270419/2.-Morrisey-Trolling.pdf
- MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. Cadernos Penesb, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010. Disponível em: < biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf >.
- MYLONAS Y, KOMPATSIARIS P. *Trolling as transgression: Subversive affirmations against neoliberal austerity*. International Journal of Cultural Studies. 2021;24(1):34-55. doi:10.1177/1367877919891180
- NADER, Leo. *Repensando a postura da esquerda na criação do 'mito' Bolsonaro*. Justificando, 8 ago. de 2018. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/08/01/repensando-a-postura-da-esquerda-na-criacao-do-mito-bolsonaro/>
- [NAGLE, Angela \(2017\). *Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and The Alt-Right*. Zero Books.](#)
- NAMISE, D. K. *Dos mitos ao "mito": um estudo sobre o conceito de mito político na era da comunicação digital a partir da campanha presidencial de Jair Bolsonaro*. Dissertação (Graduação em bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná. 2019.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NASCIMENTO, Leonardo & ALECRIM, Mylena & OLIVEIRA, Jéfte & OLIVEIRA, Mariana & COsta, Saulo. (2018). “*Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer*”:

30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. Plural, 25(1), 135-171.

NASCIMENTO, M. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). *De guri a cabramacho: masculinidades no Brasil.* Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 16-25.

NASCIMENTO, Myllena Araújo do. **Acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. João Pessoa, 2022.

[NERI, M. *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres.* Rio de Janeiro: CPS/FGV, 2008.](#)

NORRIS, Pippa and INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash. Trump, Brexit and Authoritarian Populism.* Cambridge: Cambridge University Press, 2019

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent (Org.). *Religião e cultura popular.* Rio de Janeiro: DP7A, 2001, p. 47-74, p. 67.

NUNES, Rodrigo. *Inspirado nos EUA, Bolsonaro adota tática de troll: testar limites para ganhar visibilidade, diz filósofo.* [Entrevista concedida a] Giuliana Vallone. BBC News Brasil, São Paulo, 22 de fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51511316>. Acesso em 5 de nov. 2021.

OLIVEIRA, Thaianie; QUINAN, Rodrigo; TOTH, Janderson. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no Facebook. RECIIS, v. 14, n. 1, p. 90-111, 2020.

OLIVERIA, Bruna Silveira de; MAIA, Rousiley Celi Moreira. *Disputas acerca do politicamente correto no período eleitoral de 2018 A negação de conflitos identitários.* E-Compós, 25, 2022. <https://doi.org/10.30962/ec.2292>

OLIVERIA, Bruna Silveira de; MAIA, Rousiley Celi Moreira. *REDES BOLSONARISTAS: ataque ao politicamente correto e conexões com o populismo autoritário.* Confluências, V. 22, n. 3, 2020, pp. 83-144.

OTT BL and MACK RL (2014) *Critical Media Studies: An Introduction.* 2nd edn. Chichester: Wiley Blackwell.

OTT, Brian. *The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement*. *Critical Studies in Media Communication*, n. 34, p. 59-68, 2017.

OYAMA, Thaís. *Tormenta : O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*. São Paulo. Companhia das Letras, 2020.

P. FIORI ARANTES, I. BARBOZA, A. OKUMA, E A. VILAS BOAS, “*Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista: Armas discursivas e produção visual na vitória da extrema-direita em 2018*”, *Eco-Pós*, vol. 24, nº 2, p. 90–123, nov. 2021.

PANKE, Luciana; PIMENTEL, Pedro Chapaval. Questões conceituais sobre comunicação política, eleitoral e governamental. In: FUX, Luiz; PEREIRA, Luiz Fernando Casagrande; AGRA, Walber de Moura (Coord.); PECCININ, Luiz Eduardo (Org.). *Propaganda Eleitoral*. Belo Horizonte: Fórum, 2018. p. 71-87. (Tratado de Direito Eleitoral, v. 4.) ISBN 978-85-450-0499-8

PAOLETTI, Jo B. *Pink and Blue telling the boys from the girls in America*. Bloomington: Indiana. University Press, 2012.

PEIRCE, C. S. *A fixação da crença*. 1877. Tradução de Anabela Gradim Alves. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf> PEPIAK, Ewelina. (2020). *5 White Femininity and Trolling*. 10.1515/9789048542048-007.

PETERS, Gabriel. *Trollar até a morte: a persistência do bolsonarismo nos tempos do Corona*. Rádio Paulo Freire, 2020. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/rpf/2020/04/13/trollar-ate-a-morte-a-persistencia-do-bolsonarismo-nos-tempos-do-corona/>. Acesso em 5 de nov. de 2021.

PHILLIPS, W. *Donald Trump is not a troll*. Slate, 23 de junho de 2016. Disponível em: <https://slate.com/technology/2016/06/the-problems-with-calling-donald-trump-a-troll.html>

PHILLIPS, W. *Putting the Folklore in Fake News*. In: *Culture Digitally*. 2017. <https://culturedigitally.org/2017/01/putting-the-folklore-in-fake-news/>

PHILLIPS, W. *This is why I can't have nice things*. Cambridge: MIT Press, 2015.

PHILLIPS, W.; BEYER, J.; COLEMAN, G. *Trolling scholars debunk the idea that the alt-right's shitposters have magic powers*. Motherboard, 22 de março de 2017.

Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/z4k549/trolling-scholars-debunk-the-idea-that-the-alt-rights-trolls-have-magic-powers>.

PHILLIPS, W.; MILNER, R. *The ambivalent internet*. Cambridge: Polity Press, 2017.

PHILLIPS, Whitney. (2019). *It Wasn't Just the Trolls: Early Internet Culture, "Fun," and the Fires of Exclusionary Laughter*. Social Media + Society. 5.

PINCELLI, Renato; AMÉRICO, Marcos. *Apontamentos teóricos sobre o humor e seus recursos*. Fórum Linguístico. V. 16, n. 4, 2019, p. 4217-4228.

PINTO NETO, Moysés. *Política na era da visibilidade total: observações conjunturais a partir do episódio The Waldo Moment, de Black Mirror*. Galáxia (São Paulo, online), n. 45, set-dez, 2020, p. 139-152.

PINTO, Rodrigo Hayasi. Ressentimento e esquecimento em Nietzsche. Kínesis, Revista de Estudos dos Pós-Graduados em Filosofia. Marília..v. 11 n. 26 (2019): Edição Especial - Ética e Filosofia Política

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. Cotia-Sp: Margem da Palavra, 2021.

RAMOS, Valéria Bueno de Castro. Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas: a História como posposta de vivência intercultural.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

REYNOLDS, Simon; PRESS, Joy. *The Sex Revolts: Gender, Rebellion, and Rock'n' Roll*. Press. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

[RIBEIRO, E. 2011. *Confiança política na América Latina: evolução recente e determinantes individuais*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 167-182, Jun.](#)

[RIBEIRO, Eva Márcia](#) Arantes Ostrosky; MAINIERI, Tiago. *Comunicação Pública em tempos de Pandemia: um olhar a partir da live do presidente Jair Bolsonaro*. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Relações Públicas, Política e Sociedade, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – São Paulo/SP – 07 a 11/06/2021.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther. *Bolsonarismo em crise?*. Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil. Jun. de 2020. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16277.pdf>

ROHM, R. H. D.; POMPEU, S. L. E. A homofobia como valor determinante nas práticas discriminatórias para a produção de subjetividades. *Psicologia Política*, v. 14, n. 30, p. 347-365, 2014.

ROMANO, Aja. How the alt-right uses internet-trolling to confuse you into dismissing its ideology. *Vox*, 11 de jan. de 2017. Disponível em: <https://www.vox.com/2016/11/23/13659634/alt-right-trolling>

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. *Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil*. *Matrizes*, v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020.

SALIBA, Elias Thomé. *Crocodilos, satíricos e humoristas involuntários: ensaios de história cultural do humor*. São Paulo: Intermeios, 2018. P. 10-11.

SANTANA, Gabriel, LEAL, Maria Virgínia. *Análise do discurso politicamente incorreto na atual mídia humorística televisiva brasileira: o caso de entrevistas feitas por Danilo Gentili*. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 13, n. 1, 2019.

SANTANA, Luciana; PEREZ, Olívia Cristina; NASCIMENTO, Emerson. Pandemia, negacionismo e crise no governo Bolsonaro In: SANTANA, Luciana; NASCIMENTO, Emerson (org.). *Governos e o enfrentamento da COVID-19*. Maceió: EDUFAL, 2021. cap. 2, p. 7-25.

SANTOS, J. G. F. A discriminação Racial e de Gênero no Mercado de Trabalho de Alagoas. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Ciências Econômicas, Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus Sertão, Santana do Ipanema, 2019

SANTOS, Marcelo. *MAMADEIRA DE PIROCA: Por que um vídeo absurdo pareceu coerente a alguns eleitores de Bolsonaro*. Trabalho apresentado no GT de Recepção, circulação e usos sociais da mídia da Compós 2020. Anais..., Campo Grande, Compós, 2020.

SANTOS, Mateus da Cunha; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. A DISPUTA PELO PODER POLÍTICO EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19: ANÁLISE DO CONFRONTO ENTRE JOÃO DORIA E JAIR BOLSONARO. *Revista Panorama - Revista de Comunicação Social*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 8-13, set. 2020. ISSN 2237-1087.

SANTOS, O. J. S.; FREITAS, H. C.; PELUCO, L. C.; Os sentidos atribuídos aos discursos das mulheres a partir das tirinhas Mulheres de 30. Revista Versalete. Curitiba, Vol. 2, nº 3, jul.-dez. 2014.

SANTOS, R.V., GUIMARÃES, B.N., CAMPOS, M.B., AZEVEDO, M.M. (Orgs.) (2019). *Entre Demografia e Antropologia: Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz

SANTOS, Rita. “Cidadãos de bem” com armas: Representações sexuadas de violência armada, (in)segurança e legítima defesa no Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 96 | 2012.

SARGENTINI, V. M. O.; CHIARI, G. *Mentirosos, corruptos e comunistas! As Fake News e o politicamente incorreto*. Discurso & Sociedad, on-line, v. 13, n. 3, p. 449-467, 2019.

SCHWALBE, Michael, Sandra GODWIN, Daphne HOLDEN, Douglas SHROCK, Shealy THOMPSON, and Michele WOLKOMIR. 2000. “*Generic Processes in the Reproduction of Inequality: An Interactionist Analysis*.” Social Forces 79:419-452.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEREJO, E. S.; CAL, D. G. R. Em defesa de que famílias? : bolsonarismo, pânico moral e o protagonismo da categoria família nas eleições de 2018. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 23, n. 1, p. 27-46, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/158606>.

SHAFER, J. (2017). *'Donald Trump's "political incorrectness": Neoliberalism as frontstage racism on social media.'* Social Media + Society [online]. Available at: DOI: 10.1177/2056305117733226

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.

SHIMABUKO, Gabriela Akemi. “A solidariedade antirracista é o maior medo da supremacia branca”. [Entrevista concedida a] Carta Capital. Carta Capital. 28 Mar. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201ca-solidariedadeantirracista-e-o-maior-medo-da-supremacia-branca201d/>.

SILVA JUNIOR, José Joel Corsini da; RICHARTZ, Terezinha. MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E CULTURA: relações de uma sociedade e seus reflexos em uma escola do interior de minas. *Interletras*, [S.L], v. 6, n. 26, p. 1-12, ago./mar. 2017.

SILVA, Bruno Sanches Mariante; GONÇALVES, Jessica Yohana. *Contracultura e transgressão: uma análise do álbum “tropicalia ou panis et circencis”*. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica*. Pernambuco. C. 36, n. 1, 2018. p.234-254.

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. *Serviço Social & Sociedade* [online]. 2018, n. 133, pp. 480-500.

SILVA, Jéssica Fernandes da; BLEICHER, Taís. Trauma na epidemia brasileira de covid-19: contribuições a partir de Lacan, Ferenczi e Kai Erikson. *Rev. bras. psicanál* [online]. 2020, vol.54, n.3, pp. 95-106. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000300009&lng=pt&nrm=iso>

SILVA, Marluce Pereira da; ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. “O FURO A QUALQUER PREÇO”: PRÁTICAS DISCURSIVAS DE PODER E RESISTÊNCIA ANTE ATITUDES MACHISTAS EM CENÁRIO DE DEMOCRACIA FRÁGIL. *Trabalhos em Linguística Aplicada* [online]. 2020, v. 59, n. 3, pp. 2050-2070.

SILVA, Ranyele Andrade da. *Discurso de ódio e o fortalecimento da violência dentro e fora das redes sociais*. Artigo apresentado no Congresso Brasileiro Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero, no Grupo Temático: Construções Linguísticas e Resistência: A língua como espaço político, no período de 06 à 08 de Setembro de 2019. Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020].

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora/Aids e suas metáforas*. São Paulo: Editora de Bolso, 2007.

SOUSA, B. B. de; FIGUEIRA, M. D. A Representação da Mulher em Textos Humorísticos: uma análise do gênero piada á luz da pragmática. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 7, n. 15, p. 92–106, 2017.

Sousa, Patricia Juliana de, Ferreira, Luiz Oscar Cardoso e Sá, Janilson Barros de Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região

Metropolitana do Recife, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2013, v. 18, n. 8, pp. 2239-2251.

SOUZA, Ícaro Joathan de. ***BEM ANTES DA ELEIÇÃO: Uma análise da campanha permanente promovida por Bolsonaro durante a 55ª legislatura (2015-2018)***. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Cultura política, comportamento e opinião pública” do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

SOUZA, Jessé. - ***A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite***. São Paulo: LeYa, 2015

SOUZA, Jessé. ***A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato***. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, P. (2020). E daí? O sujeito fora e dentro da cena de sua fala. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 1, p. 530-540, 2020.

STEFFENS, I. S. ***A Análise Crítica de Discurso e o discurso racista: a perspectiva de Teun Van Dijk***. Trabalho apresentado no IV Seminário Discente da Pós-Graduação do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo. 2015.

TAJFEL, H. (1981). ***Human Groups and Social Categories***. Studies in Social Psychology. Cambridge Cambridge University Press.

TAJFEL, Henri, and John TURNER. 1979. “***An Integrative Theory of Intergroup Conflict***.” In *The Social Psychology of Intergroup Relations*, edited by William G. Austin and Stephen Worchel, pp. 33–47. Monterey, CA: Brooks/Cole.

TAY, G. ***Embracing LOLitics: popular culture online, political humor, and play***. Dissertação (Mestrado em Media and Communication) – University of Canterbury, Christchurch,

TESSEROLI, R. G.; PANKE, L. . Da comunicação política ao marketing eleitoral: reflexões sobre estratégias e ferramentas de campanha. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 9, n. 21, p. 94–122, 2021. DOI: 10.22484/2318-5694.2021v9n21p94-122.

Disponível

em:

<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3981>.

TOMMASELLI, G. C. G. *Necropolítica, racismo e governo Bolsonaro*. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Dossiê “Conjuntura no Brasil: retrocessos sociais e ações de resistência, n. 42, v. 4, p. 179-199, mês dez, 2020.

TSAI, Yi Jing. BOLSOLIXO VERSUS MALDDAD: O uso dos memes para campanha negativa apócrifa no Twitter nas eleições de 2018. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto. 2018.

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VASCONCELOS, Rico. Entenda por que é um erro associar o aumento do HIV à homossexualidade. Disponível em: <https://ricovasconcelos.blogosfera.uol.com.br/2019/09/13/entenda-por-que-e-um-erroassociar-o-aumento-do-hiv-a-homossexualidade/>.

VIVEIROS, D. C. S. *O discurso do politicamente correto “custe o que custar” (CQC)?*. Trabalho apresentado no IV Congresso ibero-americano de política e administração da educação / VII Congresso luso brasileiro de política e administração da educação. Porto, 14 a 16 de abril de 2014 - Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto

VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro) [online]. 2021, n. 3.

WEAVER, S. *Jokes, rhetoric and embodied racism: a rhetorical discourse analysis of the logics of racist jokes on the internet*. *Ethnicities*, 11(4), 2011.

WILKINS, J. *Abusive criticism and the criticism of abuse*. In: *Humour and Society*. Oxford: ed. K. Cameron, 1993.

WIMBERLY, Cory. (2020). *Propaganda and the Nihilism of the Alt-Right in advance*. *Radical Philosophy Review*. 24. 10.5840/radphilrev2020412110.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. Trad. Karina Jannini. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WOLFF, H. A.; SMITH, C. E.; MURRAY, H. A. The Psychology of Humor: a Study of Responses to Race-Disparagement Jokes. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 28, p. 341-365, 1934.

XAVIER DR, LIMA e SILVA e, LARA FA, e SILVA GRR, OLIVEIRA MF, GURGEL H, BARCELLOS C. Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study. *Lancet Reg Health Am*. 2022 Jun;10:100221. doi: 10.1016/j.lana.2022.100221. Epub 2022 Mar 14. PMID: 35309089; PMCID: PMC8918677.

YUKAWA DA SILVA, Morgan. Hospitalidade x Hostilidade: Os japoenses e seus descendentes no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnológica em Hotelaria) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2020.

YURGEL, Caio. *A ESTÉTICA DO ESPETÁCULO: Walter Benjamin: fragmentos*. Revista da Graduação, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 2, 2012

ZAGO, Gabriela da Silva. *Trolls e Jornalismo no Twitter*. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 150-163, mar. 2012. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/23832>

ZILLMANN, Dolf, and Joanne R. CANTOR. *A disposition theory of humor and mirth*. In Chapman, Antony, J. and Hugh C. Foot (eds.), *Humor and Laughter: Theory, Research and Applications*. 1996. New York: Wiley and Sons, 93–116

ZIRBEL, Ilze. A caminhada do Movimento Feminista Brasileiro: das sufragistas ao Ano Internacional da Mulher. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2007.

ZUCCO Júnior, C. *Esquerda, direita e governo. A ideologia dos partidos políticos brasileiros*. In: Power, T.; _____. (Org.). *O Congresso por Ele Mesmo: Autopercepções da classe política brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011